



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA



INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

José Alberto Roza Júnior

**As inter-relações na adolescência: a máquina in-corporada
e a virtualidade contemporânea.**

UBERLÂNDIA
2009

José Alberto Roza Júnior

**As inter-relações na adolescência: a máquina in-corporada
e a virtualidade contemporânea.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador(a): Dr^a Maria Lúcia Castilho Romera

Co-orientador: Dr. Caio C. S. C. Próchno

**UBERLÂNDIA
2009**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R893i Roza Júnior, José Alberto, 1981-
As inter-relações na adolescência : a máquina in-
corporada e a virtualidade contemporânea / José Alberto Roza
Júnior. - 2009.

135 f.

Orientadora: Maria Lúcia Castilho Romera.

Co-orientador: Caio César Souza C. Próchno.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de
Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui bibliografia.

1. Psicanálise - Teses. 2. Relações humanas - Teses. 3.
Psicologia
social - Teses. I. Romera, Maria Lúcia Castilho. II.
Próchno, Caio
César Souza Camargo. III. Universidade Federal de
Uberlândia. Programa de Pós- Graduação em Psicologia. IV.
Título.

CDU: 159.964.2

José Alberto Roza Júnior

As inter-relações na adolescência: a máquina in-corporada e a virtualidade contemporânea.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador(a): Dr^a Maria Lúcia Castilho Romera

Co-orientador: Dr. Caio C. S. C. Próchno

Banca Examinadora

Dr^a Maria Lúcia Castilho Romera (UFU) - orientadora

Dr^a Leda Affonso Figueiredo Herrmann (SBP-SP) – Membro Titular

Dr Luiz Carlos Avelino da Silva (UFU) - Membro Titular

Dra. Marciana Gonçalves Farinha (UNIFRAN)-Membro Suplente

À minha mãe e avó,
por serem meu alicerce nessa vida.
E à memória de meu irmão que tão cedo se foi,
que saudades se tornou...
E ao amor, que atravessou cada instante de minha escrita.

Agradecimentos

Chega o dia do embarque...

Aqui estamos todos nós, valentes, esperançosos e apaixonados. E que rumo seguir? Agradeço a Deus, aos orixás e guias por esse embarque, com a certeza de que em toda ida, estadia e chegada, sempre estarão presentes. São eles que me dão o sentido das águas, e a diferença entre os momentos em que, nas viagens, elas são salgadas e os momentos onde são doces. Do sentido do rio ao deságue no mar...

Um embarque tranquilo, mas uma viagem nem sempre tão em paz. Muitas brigas, tristezas entrelaçaram risadas e produções. E se minha viagem continuou os agradecimentos precisam ser dados ao “programa de viagem”, PGPSI. Um especial agradecimento pelo carinho e força em todos os momentos necessários, sempre obtidos no olhar profundo e sincero de Marineide. A cada momento, onde o órgão de fomento não poderia ainda contribuir, foi dela a esperança para novas possibilidades até que a CAPES pôde, então, financiar essa viagem-pesquisa-dissertação. Assim, agradeço a esse órgão de fomento por financiar parte dessa pesquisa, no momento onde o cansaço se fazia mais presente e a viagem parecia correr grande perigo.

Se eu consegui embarcar, se consegui a ajuda na conclusão de cada linha dessa dissertação, preciso agradecer imensamente à minha orientadora, a comandante maior dessa viagem, Dr^a Maria Lúcia Castilho Romera. A ela, os agradecimentos pelo carinho em toda viagem e acima de tudo por me ensinar o caminho de tantas outras que virão. Foi ela quem me ensinou que o uni-verso poderia se tornar muti-verso, a partir do meu olhar. E não poderia deixar de concluir com os agradecimentos por me aceitar enquanto filho de coração e companheiro sempre. É dela todo o mérito por minha chegada no destino... Agradeço também ao seu amor, Fernando Góes Torrecillas, que pôde contribuir com o entendimento do muito que pensei, durante esse trajeto. Um carinho mais que especial a esse homem, por sua força e simpatia.

Alguns companheiros foram conseguidos durante essa dissertação, colegas de uma viagem mais que especial. Agradecimentos e fogos de artifícios para Priscila, Juliana e Denise, que em meio a risadas e conversas foram mais que companheiras, deram nomes aos sentimentos vividos.

No processo de ida, um momento precisar ser marcado. Um dia todos esses companheiros precisaram se reunir com interlocutores, uma espécie de marujos mais velhos,

que nos auxiliam nas viagens. Agradeço à Dr^a Anamaria Silva Neves e ao meu co-orientador Dr. Caio Próchno, pelo momento de partilha e ajuda na construção de meu mapa de viagem.

Durante essa viagem-pesquisa precisei conhecer três adolescentes mais que especiais, prestativas, que souberam me receber e dedicar um tempo para me contar um pouco sobre suas vidas, sem ter ideia da análise que seria construída ao longo dessa dissertação. Meu respeito a elas, com a certeza de que sem essa ajuda nada poderia ter sido construído e minha chegada não teria acontecido.

Quando se viaja guarda-se no coração as pessoas que ficam em terra firme, mas que te amam tanto que permitem e ajudam em sua viagem. Começo por alguém que me ajudou a ser escolhido para a viagem. Agradeço à amiga Dr^a Fernanda Nocam, que conseguiu que, em meio a lágrimas, eu escrevesse meu projeto, sem ele eu não poderia sequer me candidatar a essa viagem tão sonhada. E chega o dia do desembarque...

Às minhas queridíssimas Aline Schwartz e Christiane Moura, retiro e dedico flores amarelas pelo amor, amizade e companheirismo. Obrigado pela ajuda de cada dia em que me fizeram confiar em mim e a seguir... Se eu consegui ir adiante a minha viagem foi pelo suporte dado por essas duas “negas” alma que dançam lado a lado comigo.

Retiro, em outro pote, flores brancas dedicadas à minha mãe e avó, alicerce do meu Eu e que são a dedicação dessa etapa cumprida.

Outras tantas flores brancas à minha família de coração, Virgínia, Camila, Maria, Emiliano, Ane e Zé Eugênio, pela casa, café, almoço e acima de tudo, pelo carinho, amizade e respeito que depositam em mim. Foram esses, que me escutaram muitas vezes, e que me auxiliaram no caminho a seguir, durante a viagem.

Mais flores brancas precisam ser dedicadas a uma grande mulher, “dona-tia-mãe” Luíza Helena, que me fez rir e que me fez almoçar. Agradeço pelas conversas e ajuda mais que especial na minha vida nesse lugar.

E muitas flores aos meus amigos mais que especiais, companheiros de tudo e para tudo. Flores rosa para Aline Cândido, que me deu a notícia de meu aceite para viajar. E flores em cores sortidas, pelo colo, baladas e risadas. Obrigado mais que especial a Ana(s), Camila (s), Cleiton, Diana, Edson, Fabi, Fernando, Guilherme, Jane, Jaque, Karine Telles, Larissa, Laura, Maicon, Maria Teresa, Raquel, Shirley, Talita, Thelma, Wagner Schwartz...

Agradecimentos também, a Dr^a Leda Herrmann e Dr Luiz Avelino que aceitaram ler meu diário parcial de bordo e muito acrescentaram para que ele se tornasse minha dissertação de mestrado.

E um ecumênico: Saravá, Namastê e Gashô, para Ju Pena, Lu Branco e Ludi.

“O rouge virou blush
 O pó-de-arroz virou pó-compacto
 O brilho virou gloss
 O rímel virou máscara incolor
 A Lycra virou stretch
 Anabela virou plataforma
 O corpete virou porta-seios
 Que virou sutiã
 Que virou lib
 Que virou silicone
 A peruca virou aplique, interlace, megahair, alongamento
 A escova virou chapinha
 “Problemas de moça” viraram TPM
 Confete virou MM
 A crise de nervos virou estresse
 A chita virou viscoso.
 A purpurina virou gliter
 A brilhantina virou mousse

Os halteres viraram bomba
 A ergométrica virou spinning
 A tanga virou fio dental
 E o fio dental virou anti-séptico bucal
 Ninguém mais vê...
 Ping-Pong virou Babaloo
 O a-la-carte virou self-service
 A tristeza, depressão
 O espaguete virou Miojo pronto
 A paquera virou pegação
 A gafeira virou dança de salão
 O que era praça virou shopping
 A areia virou ringue
 A caneta virou teclado
 O long play virou CD
 A fita de vídeo é DVD
 O CD já é MP3
 É um filho onde éramos seis
 O álbum de fotos agora é mostrado por email
 O namoro agora é virtual
 A cantada virou torpedo
 E do “não” não se tem medo
 O break virou street
 O samba, pagode
 O carnaval de rua virou Sapucaí
 O folclore brasileiro, halloween
 O piano agora é teclado, também
 O forró de sanfona ficou eletrônico
 Fortificante não é mais Biotônico
 Bicicleta virou Bis
 Polícia e ladrão virou counter strike
 Folhetins são novelas de TV
 Fauna e flora a desaparecer
 Lobato virou Paulo Coelho
 Caetano virou um chato
 Chico sumiu da FM e TV
 Baby se converteu
 RPM desapareceu
 Elis ressuscitou em Maria Rita?
 Gal virou fênix
 Raul e Renato,
 Cássia e Cazuza,
 Lennon e Elvis,
 Todos anjos
 Agora só tocam lira...
 A AIDS virou gripe
 A bala antes encontrada agora é perdida
 A violência está coisa maldita!
 A maconha é calmante
 O professor é agora o facilitador
 As lições já não importam mais
 A guerra superou a paz
 E a sociedade ficou incapaz...
 ... De tudo.
 Inclusive de notar essas diferenças.

(E Tudo Mudou - *Luiz Fernando Veríssimo*)

Resumo

Por meio de inquietações acerca do quanto os mecanismos tecnológicos estão incorporados no Homem contemporâneo, tentamos encontrar um lugar para pensar a contemporaneidade, ou seja, a partir e sobre as relações estabelecidas com esse mundo. Aqui, esses mecanismos são exemplificados pela internet, especificamente seu uso por adolescentes. Convidamos o leitor a pensar sobre uma sociedade atual, na qual as relações entre os seres estruturam-se em uma perspectiva de funcionalidade. Dito de outra maneira, o conceito de alteridade existente nas relações interpessoais, que o século XX denominou solidariedade, ganha o narcisismo e o espetacular fundamentos para as inter-relações, e esses parecem ser parte da subjetividade contemporânea. No decorrer da caminhada acerca da adolescência e da máquina incorporada nas relações interpessoais, alguns temas e fundamentos teóricos foram desenhados. Desse modo, a incorporação da tecnologia pelo ser humano reconhece em seu próprio corpo tais mudanças. A ênfase se faz mais presente na mídia cultural e no capitalismo, por se encontrarem como pontos de ancoragem no processo de construção de um homem cada vez mais tecnológico. O que nos interessou foi trabalhar com a lógica de mecanismos de formatação da subjetividade. No des-enrolar dessas questões, pudemos identificar e analisar o lugar ocupado pelo adolescente na contemporaneidade diante das tecnologias. Para tanto, foram abordadas questões relativas aos relacionamentos na contemporaneidade, assim como a olhares diretos sobre o adolescente e suas inter-relações atuais. Nessa perspectiva, elegemos o *Orkut* como recurso de investigação, de modo a observarmos de sua criação até a edição de perfil do usuário. Assim, esperamos conhecer como nossos adolescentes se posicionam diante dos relacionamentos contemporâneos e procurar compreender a existência ou não de aspectos de resistência e de incorporação do sistema vigente. A pesquisa transitou entre contatos com o virtual (*Orkut*) e o pessoal (entrevistas), em um vai e vêm contemporâneo, de escuta por meio do *Orkut* e de encontros pessoais, onde chegamos a nossas três adolescentes. A partir da Teoria dos Campos, pretendemos estabelecer um diálogo com alguns autores das Ciências Sociais e da Filosofia, com o objetivo de estudar o estilo de vida dos adolescentes e suas inter-relações dentro do contexto de impasses advindos da forma de relação predominante na contemporaneidade, que exalta um corpo reestruturado e montado pela tecnologia. Assim, temos uma máquina tecnológica que está prestes a ser incorporada totalmente pelo corpo do homem de modo a comandar, a partir de então, o relacionar-se desse Ser Humano.

Descritores: Contemporaneidade, adolescência, Orkut, Psicanálise, subjetividade

Abstract

By concerns about the mechanisms of how technology is embedded in the human context, try to find a place to think about the contemporary, or from and about the relationships with the world. Here, these mechanisms are exemplified by the Internet, specifically its use by adolescents. We invite the reader to think about a current society, in which relations between beings organize themselves into a perspective of functionality. In other words, the concept of otherness in existing interpersonal relationships, that the twentieth century called solidarity, wins the narcissism and spectacular grounds for the inter-relationships, and these appear to be part of contemporary subjectivity. During the walk about adolescence and the machine built on interpersonal relationships, some themes and theoretical foundations were designed. Thus, the incorporation of technology by human beings in his own body recognizes these changes. The emphasis is more present in media and cultural capitalism, as being as points of anchorage in the process of constructing a man increasingly technological. What was interested in working with the logic of mechanisms formatting of subjectivity. The conduct of these issues, we identify and analyze the place occupied by adolescents in the contemporary view of technology. Thus, we addressed issues relating to relationships in the contemporary and the direct gaze on the adolescent and their inter-relationships today. Accordingly, as an elected orkut research, so the look of your creation to editing a user profile. Thus, we expect our teenagers know how are positioned in front of contemporary relationships and to understand whether there are aspects of resistance and incorporation of the existing system. The search moved from contact with the virtual (Orkut) and staff (interviews), and will come in a contemporary, listening through Orkut and personal meetings, where we arrived at our three teenagers. From the theory of fields, we establish a dialogue with some authors of the Social Sciences and Philosophy, to study the lifestyle of adolescents and their inter-relationships within the context of impasses resulting from predominant form of relationship in the contemporary that exalts a body assembled by the technology and restructured. Thus, we have a machine technology that is about to be built entirely by the human body to control, from then, relate to the Human Being.

Índex Terms: Contemporary, teenagers, Orkut, Psychoanalyze, subjectivity

Sumário

Introdução _____	13
Capítulo 1 – Contemporaneidade – ciberespaço – adolescência – homem: sois máquina? _	22
1- A construção de uma pesquisa: o adolescente contemporâneo. _____	29
1.2 – A Indústria Cultural e a Tecnologia: máquinas capazes de fazer homens. ____	36
2- Um corpo que se constrói na contemporaneidade: como se relacionar com ele? ____	39
2.1 – A historicidade do corpo: construindo um caminho. _____	39
2.2 – O Corpo Montado: re-construção pela mídia e pelo capitalismo. _____	42
Capítulo 2 – Relações contemporâneas- conexão e des-conexão: Eis a não questão mas a incorporação. _____	50
1- Desenhos: a tecnologia e a conexão enquanto recurso de relacionamentos. _____	50
1.1- Sobre os relacionamentos na contemporaneidade. _____	50
1.2- Até que a morte os se-pare: Falaremos de amor ou des-amor? _____	54
2- Os olhares diretos ao adolescente e suas inter-relações na contemporaneidade. ____	58
2.1- Os “novos” adolescentes: seus piercings e suas tatuagens. _____	67
2.2- Navegando na internet, acessando o Orkut e teclando via MSN. _____	68
2.3- A criação do Orkut: em busca de um processo re-produtivo. _____	69
2.4- A edição do perfil: o usuário aceita o fetiche? _____	71

2.2.1- O uso do Orkut ou as possibilidades para a edição. _____ 73

2.2.1.1- Quem sou eu? Possibilidades de uma ilha de edição. _____ 75

Capítulo 3 – Adolescentes: o que dizem sobre seus enrosocos, porcas, parafusos e borboletas?

1.2- Em busca de três adolescentes: entrevistas virtuais ou pessoais? _____ 82

1.2.1- O encontro-desencontro com uma adolescente em busca de
identidade. _____ 85

1.2.2- Adelina ou a renascentista contemporânea: “um caso difícil de
entender”. _____ 97

1.2.3- A terceira adolescente: Frederica ou as possibilidades de mudança.____ 107

2-Desenhando conclusões: o encontro com a Teoria dos Campos _____ 121

Bibliografia _____ 130

Anexos _____ 134

*“O que é preciso é esquecer o nosso rosto,
o nosso nome, o som da nossa voz, o ritmo do nosso pulso¹.”
(Cecília Meirelles)*

Introdução

Em meio a palavras e pensamentos, existem fugas. E estas, percebidas como saídas de um mundo sem substancialidade, possibilitam-nos promover um novo e crítico encontro com a contemporaneidade. É à medida que o mundo caminha, adentramos nesse processo, em que nos encontramos, cada vez mais, próximos da artificialidade das relações. Esse é nosso ponto de partida, pensando questões que começam a desenhar um homem líquido².

A partir do pensamento inicial desta pesquisa, pudemos perceber as relações, os conhecimentos, as emoções e, ao mesmo tempo, o próprio corpo encontrando-se em funcionamento dentro de uma lógica sobre a qual atribuímos caráter artificial. Dessa maneira, pensamos em um mundo que se encontra em fase inicial de substituição do Ser e de suas experiências de vida por outros mecanismos - não-orgânicos e/ou tecnológicos- incorporados ao Homem. Esse é um novo regulador de relações interpessoais? Temos, nessa substituição, exemplos como a transformação da própria educação, que passa a construir, na contemporaneidade, indivíduos mais livres, sem uma referência ao passado e às experiências de vida, e consecutivamente passam a formular vínculos de não engajamento. Desse modo, falaremos, ao longo do primeiro capítulo, da substituição do Ser e dos seus novos vínculos.

Por meio dessas inquietações acerca do quanto esses mecanismos estão incorporados no Homem contemporâneo, tentamos encontrar um lugar para pensar a contemporaneidade, ou seja, a partir e sobre as relações estabelecidas com esse mundo. Aqui, esses mecanismos são exemplificados pela internet, especificamente seu uso por adolescentes.

Que lógica incorporada é essa? E qual a relação dessa in-corporação da tecnologia ao tempo cada vez mais desmedido? Talvez essas sejam perguntas iniciais colocadas, para que

¹ Trecho extraído da poesia: “É preciso não esquecer nada”, retirado do site: <http://www.revista.agulha.nom.br/ceciliameireles04.html#preciso>

² O termo homem líquido advém do pensamento do sociólogo polonês Zygmunt Bauman e pode ser encontrado no livro Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos (2004).

possamos entender essa nova configuração das relações humanas atuais. Chamamos a atenção do leitor para perceber que a tecnologia pode não mais ser entendida como diante do Homem. E adentramos em um pensamento em que a tecnologia parece se localizar dentro desse próprio Homem, dentro desse corpo construído na contemporaneidade. Corpo este que se relaciona com o outro, signo da mesmidade em uma forma de conexão instantânea, deixando de lado os que habitam um mundo diferente do moldado pela tecnologia.

É comum, aos habitantes dos grandes centros urbanos, a pressa vertiginosa. Esta, cotidianamente, coloca os seres humanos diante da lógica que se fundamenta na exigência de sucesso, desempenho e produtividade constantes. Nesse contexto sócio-cultural fundamentado na artificialidade, acreditamos que haja pouco espaço para a criação, uma vez que toda produção segue o raciocínio de tal pressa. A criação parece ser tolhida em favor de uma produção, na qual as escolhas são previamente determinadas pelo Sistema, embora tenhamos possibilidades maiores que outrora.

Destarte, habitar o mundo parece ser encontrar um raciocínio, no qual tudo precisa ser modificado a todo instante e colocado em uma instância de presente³. É desse mundo que trataremos, um mundo habitado por todos nós, logo, fazemos parte dessa lógica, sofremos ou caminhamos com os passos da lógica contemporânea sem nos darmos muito conta disso.

Nessa lógica da artificialidade, podemos hipotetizar uma relação conflituosa entre o Homem e o tempo, entre o Homem e seu semelhante? A partir da possível confirmação dessa questão, quais seriam as possibilidades inventivas e críticas de relação nessa lógica da produção-funcionalidade-corpo-máquina? Temos, portanto, um ser humano com dificuldades ou impossibilitado de relacionar-se com o outro. Ser este que estabelece relações - superficiais e, muitas vezes, artificiais - comparadas às estabelecidas pela geração do início do séc. XX.

³ A instância do presente pode ser explicada em um homem que não pode se prender a modelos instituídos, necessitando não adotar nenhuma identidade com excessiva firmeza, a fim de poder abandoná-la quando for preciso. Esse pensamento foi retirado dos escritos de Bauman sobre o mundo da pós-modernidade e podem ser encontrados no livro: Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos de 2004.

Assim, esse ser se relaciona com a tecnologia incorporada em seu corpo para que, a partir dela, possa ver o outro em uma lógica de conexão. São essas as questões que podem ser pensadas atualmente? Seja bem vindo à Contemporaneidade!

Assim, convidamos o leitor a pensar sobre uma sociedade atual, na qual as relações entre os seres estruturam-se em uma perspectiva de funcionalidade, e não de solidariedade como a Modernidade prometia. Dito de outra maneira, o conceito de alteridade existente nas relações interpessoais, que o século XX denomina solidariedade, ganha o narcisismo e o espetacular fundamentos contemporâneos para as inter-relações, e esses parecem ser parte da subjetividade contemporânea. Segundo Birman (2007), para que existisse a solidariedade, “seria necessário que o sujeito reconhecesse o outro na diferença e singularidade, atributos da alteridade” (p.25). Esse impasse a que o autor nos alerta pode ser fonte de entendimento das relações entre modernidade e contemporaneidade.

Referido sempre a seu próprio umbigo e sem poder enxergar um palmo além do próprio nariz, o sujeito da cultura do espetáculo encara o outro apenas como um objeto para seu usufruto. Seria apenas no horizonte macabro de um corpo a ser infinitamente manipulado para o gozo que o outro se apresenta para o sujeito na atualidade. (Birman, 2007, p. 25)

Pensando e agindo nessa perspectiva, é mister pensar e desenhar possibilidades de mudança e de entendimento das relações desse Homem, que muitas vezes parece se distanciar do humano.

Para circunscrever o desenho do Homem contemporâneo, propomos uma compreensão do contexto histórico-cultural, no qual ele está ou esteve inserido. Isso para apreender, ao longo da história, os fatores que constituem ou constituíram o Homem, como sujeito portador de uma identidade que lhe possibilita atuar no meio social – o que parece fundamental para que entendamos quais reguladores de relações se fazem presente atualmente. Falaremos do contexto histórico-cultural no capítulo 1.

Ao discursar sobre um novo corpo que transita nos espaços da cidade, re-configurada em *shoppings centers* e condomínios fechados, distanciado das costumeiras calçadas, necessitamos de um pensar sobre como as relações interpessoais se modificam ou mesmo questionar se elas se modificam frente à **tecnologização**. Para tanto, algumas perguntas foram realizadas acerca dos relacionamentos da contemporaneidade, como desenhos nos quais a tecnologia e a conexão se tornam recursos de relacionamentos bastante atuais. Isso significa dizer que, mesmo no decorrer dessa pesquisa feita a partir do recorte da adolescência, tais pontos foram pensados como um todo de relações tipicamente contemporâneas.

Temos, assim, a construção de um novo Homem e da tecnologia. Nesse trabalho, pensamos um pouco acerca da adolescência e de como tem se estruturado no mundo contemporâneo. Que relação podemos estabelecer e que consequências podemos apreender desta? Este é nosso recorte, sigamos nosso caminho...

A lógica imperiosa da produção parece fazer do adolescente um exemplo do que se espera dos habitantes da contemporaneidade. Dito de outro modo, o adolescente foi eleito pela sociedade para que vivesse o pressuposto contemporâneo. É esse indivíduo que nasce e se estabelece com a tecnologia, de modo a acompanhar sua rápida expansão. Precisamos, portanto, de um olhar direto sobre esse adolescente e para tanto trataremos, no capítulo 1, das questões relativas à contemporaneidade, ao ciberespaço, à adolescência e ao homem. Nele, o leitor encontra a indústria cultural e a tecnologia como recurso para a construção de homens.

Dentro dessa construção trataremos de corpos que se modelam, re-constroem-se por meio da contemporaneidade. O que nos interessou foi trabalhar com a lógica de mecanismos de formatação da subjetividade que atualmente se vê às voltas com uma cultura, que se caracteriza em um reinado quase absoluto da imagem, ápice de um processo bastante difundido pela indústria cultural, engendrando a sociedade, dita, do espetáculo.

O movimento escolhido para o des-enrolar dessas questões ganhou um segundo capítulo, no qual pudemos identificar e analisar o lugar ocupado pelo adolescente na contemporaneidade diante das tecnologias. Esse foi nosso primeiro objetivo de pesquisa. Nesse capítulo, foram abordadas questões relativas aos relacionamentos na contemporaneidade, assim como a olhares diretos sobre o adolescente e suas inter-relações atuais. Para tanto, elegemos o *Orkut* (site de relacionamentos da grande rede) como recurso de investigação, de modo a observarmos de sua criação até a edição de perfil do usuário.

Ao final da dissertação, o leitor encontrará nosso capítulo 3, no qual pretendemos responder ao nosso segundo objetivo de pesquisa. Assim, esperamos conhecer como nossos adolescentes se posicionam diante dos relacionamentos contemporâneos e procurar compreender a existência ou não de aspectos de resistência e de incorporação do sistema vigente. Nesse capítulo, retomaremos nossa metodologia para que o leitor entenda um pouco mais de nosso processo de pesquisa. Dessa forma, contatos que transitam entre a virtualidade e o pessoal, em um vai e vêm contemporâneo, de escuta por meio do *Orkut* e de encontros pessoais, chegaremos à nossas três adolescentes.

Destarte, trataremos de um objetivo geral ao longo de todo o texto, que consiste em compreender a lógica das relações tecidas pelos adolescentes na contemporaneidade e sua estruturação psíquica considerando um corpo que tem sido construído a partir das relações estabelecidas com a tecnologia. Assim, tendo em vista o aprisionamento do Homem Contemporâneo como mercadoria, faz-se necessário pensar em reguladores que nos façam entender a lógica na qual ele está inserido, de modo que tenha condições de propor mudanças, ou linhas de fuga, para essa condição vigente.

É importante não se entender de forma puramente nostálgica o passado, como se fosse um tempo melhor que aquele que se vive hoje. Assim, não precisamos pensar em conotações de

melhor ou pior, e, sim, pensarmos a partir dos avanços tecnológicos, em novas possibilidades de existência que não tornem o Homem vítima de um mundo construído por ele mesmo.

No momento atual, em que a comunicação entre os seres humanos parece estar pautada na lógica da virtualidade e inspirada na internet, percebemos que até o amor tem sido vítima da lógica mercadológica na qual um corpo construído em laboratórios não mais se vincula ao outro e sim se conecta. A partir disso, buscamos entender a natureza maquínica incorporada ao homem que se relaciona com máquinas e por meio delas mantém algum contato com os demais sujeitos, que por sua vez, também se assemelham a homens-máquinas. Essa é a relação que temos percebido na contemporaneidade, e, assim, tornam-se importantes os estudos que venham pensar e tentar compreender a lógica dessas relações. A presente pesquisa buscou colocar o futuro de um mundo em um lugar de inquietação, no qual não se parece ter nenhum espaço para fragilidades ou para vivências profundas de um relacionamento. Assim, também buscamos entender como funciona o corpo montado na contemporaneidade e como esse novo corpo, fabricado, encontra-se com o outro, que por sua vez também participa do mesmo processo.

Ao pensarmos no *Orkut*, encontramos dados importantes para que seja entendido a ilha de edição na qual o homem está inserido. No que diz respeito à qualidade de relação estabelecida na contemporaneidade, a investigação fundamentada no método psicanalítico procura compreender os modos de subjetivação contemporâneos. O isolamento buscado, a partir dos anos 1990, pelo uso da internet se modifica na contemporaneidade como possibilidade de conexão e estabelecimento de relações que em essência é paradoxal se pensarmos que a solidão permanece, mesmo na conectividade. Nesse momento, é importante pensarmos como é a vida na contemporaneidade, distanciada de valores como o vínculo e o amor tendo somente a conexão como meio de ligação entre os seres humanos.

Julgamos importante pensar o quanto as tecnologias incorporadas pelos homens são, muitas vezes, incorporadas sem nenhuma resistência. Como habitar um mundo em que não se tem mais estranhamento em relação ao novo, como se isso já fosse esperado e pretendido, e tudo parece ser facilmente digerido? Ou ainda, um mundo em que o “novo” parece estar pronto para ser acoplado?

A partir da teoria psicanalítica, pretendemos estabelecer um diálogo com alguns autores das Ciências Sociais e da Filosofia, com o objetivo de estudar o estilo de vida dos adolescentes e suas inter-relações dentro do contexto de impasses advindos da forma de relação predominante na contemporaneidade, que exalta um corpo reestruturado e montado pela tecnologia. Assim, temos uma máquina tecnológica que está prestes a ser incorporada totalmente pelo corpo do homem de modo a comandar, a partir de então, o relacionar-se desse Ser Humano.

Para a realizarmos nosso estudo, então, fez-se necessária a realização de uma pesquisa bibliográfica e, em seguida, uma pesquisa de campo. Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica tem como finalidade resgatar aspectos relevantes à questão da adolescência e seus relacionamentos interpessoais, bem como alguns sentidos de contemporaneidade e *ciberespaço*, como trataremos no capítulo 1. A construção de conhecimentos nesse campo parte da constituição de um processo de observação cujos desdobramentos são levados em consideração por meio de uma reflexão do fenômeno, adolescência-tecnologia-relações interpessoais. Para que sejam alcançados tais objetivos, foi proposto um diálogo entre a Psicanálise e algumas perspectivas das Ciências Sociais e da Filosofia para se entender as reverberações da contemporaneidade nas inter-relações dos adolescentes.

Como forma de abordar esse tema, foi realizada uma pesquisa de campo com 3 adolescentes, com idade entre 18 e 19 anos, com acesso frequente ao *ciberespaço* – e em

especial o *Orkut e o MSN messenger*⁴. As razões para essa escolha, bem como para a realização da pesquisa estão embasadas e sustentadas na teoria dos campos de Fábio Herrmann, também em textos contemporâneos acerca desse tema. A priori, pensamos em adolescentes entre 14 e 17 anos, mas por conta das dificuldades em realizar essas entrevistas, resolvemos mudar a faixa etária. A pesquisa bibliográfica nos ajudou a enfrentar esse impasse que se deu por meio da divisão etária para a adolescência, como poderá ser visto no capítulo 2. Em decorrência das exigências do comitê de ética, esses adolescentes precisariam do termo de consentimento de seus responsáveis e, tão logo era contado o fato a eles, a entrevista era cancelada. Talvez esse seja um dado a se pensar.

O uso da Psicanálise como método de pesquisa se justifica na medida em que vários autores, tais como Herrmann (2004) e Gavião (2004), entendem que o campo psicanalítico não se restringem às quatro paredes do consultório ou à clínica padrão, mas se estende às relações sociais e a todo e qualquer fenômeno humano. Ao passo que são existentes inquietações dentro da lógica contemporânea, a Psicanálise tem muito a contribuir para o social, dessa forma podemos retomar a vocação da Psicanálise como ciência geral da psiquê.

Pensando nisso, esta pesquisa foi realizada por meio da interpretação das estruturas profundas que determinam o sentido das relações interpessoais. Para isso temos que a relação se dá no humano e assim, “aplicar o método psicanalítico é fazer brotar, do estudo de algumas relações humanas, as estruturas profundas que as determinam” (Herrmann, 1993, p. 134).

Portanto, devemos considerar que não se buscam números, dados quantificáveis ou variáveis capazes de expressar precisas e objetivas generalizações, pois os sentidos surgem a partir do que é vivenciado, uma vez que se referem ao momento presente, pois estão em uma constante possibilidade de novos significados. Desse modo, ao se pesquisar utilizando o

⁴ MSN é um programa de conversa instantânea bastante utilizado atualmente. Por meio dele é montada uma rede de contatos em que é permitido saber que usuários estão *online* ou *offline*, para que assim possa ser estabelecido um diálogo.

método psicanalítico, podemos entender como se estrutura a representação do mundo em que vivemos: a realidade.

A interpretação dos dados deu-se à luz do método psicanalítico, no qual Romera (2002) nos conta que “os caminhos são múltiplos para se alcançar um determinado objetivo e os obstáculos são parte integrante da estrutura do traçado”(p.49). Diante dos dados é necessário um debruçamento, este feito a partir de uma ciência que busca apreender uma espécie de negativo daquilo que as ciências positivas objetivam. As relações na contemporaneidade mostram a necessidade de se reconhecer uma problemática, de modo a deixar que esse problema fale de sua importância, exiba suas estruturas, sua significação humana.

Capítulo 1 – Contemporaneidade – ciberespaço – adolescência – homem: sois máquina?

Durante a introdução, comentamos sobre a importância de se percorrer um trajeto histórico para a compreensão do Homem. O caminho escolhido é um pequeno resumo de questões pensadas com base no processo de formação do homem pré-moderno até chegarmos à contemporaneidade.

O Homem pré-moderno, por exemplo, caracterizava-se por possuir uma aguda impressão religiosa, que o deixava sem muitas possibilidades, exceto do que lhe era reservado ser. Desse modo, o habitante da pré-modernidade era um mero produto da intenção de Deus e, portanto, já estava predestinado a ter uma identidade imóvel, fixa e imutável. Trata-se de um período em que o conhecimento não era acessível, pois esse Homem apenas esperava e vivia segundo os pressupostos regentes.

Com a modernidade e sob a influência do pensamento cartesiano, o Homem transforma-se e adquire elementos que o caracteriza como portador da capacidade de pensar - aqui no sentido do *cogito* - em que a reflexão sobre si mesmo é um estado que o categoriza e leva em consideração sua particular situação de independência diante do Homem pré-moderno. Essa independência, porém, deve ser entendida de forma pontual, se pensarmos que na modernidade o homem estava apenas relativamente independente em sua condição de existir. Assim, muitas vezes, por não se retirar este Homem de sua condição pré-existente, ou seja, da condição de segurança como sustentáculo para sua atuação no mundo, parece que ele também não podia fazer escolhas mais liberais para seu viver, uma vez que ainda se encontrava preso ao Homem pré-moderno. Como modernidade, num sentido mais radical, entendemos a instalação do trabalho e do Estado na sociedade, a partir da Revolução Industrial.

De acordo com Maia (2004), “a modernidade cultivou a crença na fixidez da identidade construída, e não podemos esquecer que o nascimento da clínica psicanalítica se deu nesse

contexto.” (p. 118). A autora continua seu pensamento colocando que a maioria dos males da alma advém dessa forma de o homem se perceber nesse momento histórico.

A contemporaneidade, por sua vez, instaura um Homem que ousa lançar-se à busca de novos horizontes, nos quais pode, ou pretende poder acessar outras formas de explorar a si mesmo e ao mundo. Nesse momento o conhecimento se faz presente a todos, ou pelo menos aos que estão incluídos no mundo, com seu cartão de entrada na festa contemporânea. A tecnologia é nosso destaque contemporâneo, em que o acesso ao conhecimento se torna *online*. Nesse ponto, faremos um de nossos recortes, escrevendo sobre tecnologia. O nosso recorte trata-se de colocar o adolescente diante da amplitude da tecnologia.

Nesse momento, ainda de acordo com Maia (2004), “o ideário de subjetividade atual quer fazer crer que os sujeitos não precisam de pontos de fixação e podem existir em sua exterioridade.” (p.118) Esse modo de pensar encontra respaldo se pensarmos na flexibilidade almejada na contemporaneidade, bem como uma espécie de não-memória, produto de seres humanos que precisam estar sempre a postos. Dito de outra forma, é pedido aos sujeitos que esqueçam os fatos tão logo estes não se façam presentes, o que configura um mundo instantâneo. Temos, então, um desenho do homem que encontraremos nas ruas?

Este mundo instantâneo pode ser pensado nas relações bem como na própria construção do corpo, em que tudo pode ser adquirido tão logo exista uma vontade para tal aquisição. Seria um desejo de se fugir do tempo cronológico? Podemos pensar, por exemplo, na quantidade de remédios para emagrecimento e para modelagem do corpo, os quais não se tem a saúde como fim e sim a aparência saudável, mesmo que seja uma inverdade.

A partir do conceito de subjetividade, um recorte pode ser pensado, qual seja o de que a tecnologia é in-corporada e, por isso, produz um Homem incorporado pela lógica do consumo e pelos valores tecnológicos. Essas tecnologias vão desde a dependência da internet até o telefone celular que o homem carrega acoplado a seu corpo.

É dentro desse recorte que pretendemos abordar questões relativas à virtualização das relações na contemporaneidade. Assim, segundo Maia (2004) podemos estar próximos de uma nova máquina de fazer “doidos”, em uma vida sem planificação a longo prazo, somente com a não-substancialidade de relações. Conexão, plugs, cabos, rede... Não se amedronte, tudo vai acabar bem. Será esse o pensamento diário quando os seres humanos levantam de suas camas? Ou eles só esperam o fim do dia?

Aquele Homem, que antes se encontrava sob a proteção de uma barreira - que ao mesmo tempo em que era segura, impedia-o de ousar e se aventurar - está agora imerso em um novo contexto, no qual ele é o próprio “senhor de si”, ou pelo menos assim se imagina, e isso se configura como uma ilusão do conhecimento pleno, em que o homem acredita poder controlar sua própria vida, seu próprio corpo.

A idéia de ser “senhor” de si passa imediatamente pelo imaginário. Na medida em que, no tempo contemporâneo, as diversas ideologias passam pelos corpos e desse modo, a idéia de que existe um pleno domínio de si é tão somente mais uma delas. O que ocorre é justamente oposto: o não-senhor de si.

Embora ele agora não esteja tão seguro quanto antes, possui uma gama infinitamente maior de possibilidades de fazer suas próprias escolhas. O seu destino, depois da “morte de Deus” - ou seja, a queda de todos os valores transcendentais e da chegada do niilismo mais radical - está fadado a ser construído, o que faz com que esse novo homem corra todos os riscos dessa escolha. Logo, o homem não tem mais como se ancorar em uma estrutura além-mundo e é obrigado, então, a assumir os seus próprios valores.

A morte de Deus encontra respaldo teórico em Nietzsche (1887, apud Birman 2004, p.33) como fundante da Modernidade. Esse conceito também se aproxima do conceito de Weber (2004-05, apud Birman, 2004. P.33) do desencantamento do mundo. Assim, encontra respaldo na teoria psicanalítica, que acredita ser a morte do Pai o fundamento da

modernidade. Assim, na contemporaneidade, a lei existente parece se calcar, segundo Birman (2007), cada um em sua individualidade e desconsiderando o outro, ou mesmo usando esse outro para que consigamos a ascensão necessária para o gozo, já que não podemos contar com Deus nesse mundo desencantado. Evidentemente, após a morte de Deus, e quando tal acontecimento abissal houver sido internalizado, de modo a adquirir uma gama de sentido, haverá uma seleção entre aqueles homens que de fato assumirão valores genuínos ligados a uma verdadeira individualidade, a um verdadeiro *Self*, e aqueles que, não suportando o acontecimento fundamental, acabarão por se ancorar em pseudo-valores individuais de extrato ideológico evidente.

De acordo com Bauman (1997), “os mal-estares, aflições e ansiedades típicas do mundo pós-moderno resultam do gênero de sociedade que oferece cada vez mais liberdade individual ao preço de cada vez menos segurança” (p. 156). É, pois, nesse presente momento que podemos pensar em algumas questões relevantes para a mágica do homem com sentimento de “senhor de si” e as implicações que recaem sobre este homem que, vive sem a cálida segurança da modernidade.

A partir dessas considerações, em alguns pontos, ao longo da história, notamos que o modo particular de percepção de si implicam na maneira pela qual a identidade do sujeito vai se configurar. A identidade do Homem pré-moderno, marcada por uma extrema rigidez, vai sofrer, na contemporaneidade, uma grande fragmentação.

O Homem contemporâneo tem uma chance de romper com tudo aquilo que, por um lado, lhe trás segurança, mas que, por outro, lhe aprisiona. Ele agora possui a liberdade de escolha e isso tem relação direta com sua identidade. Atentemos para a palavra escolha. Será que não é esta mais uma ilusão? Nesse sentido, precisamos concordar que o homem deixa de lado a solidez particular de uma identidade marcada por princípios fortemente consolidados e passa então a adotar uma filosofia de flexibilização de sua própria identidade:

o problema da identidade resulta principalmente da dificuldade de se manter fiel a qualquer identidade por muito tempo, da virtual impossibilidade de achar uma forma de expressão da identidade que tenha boa probabilidade de reconhecimento vitalício, e a resultante necessidade de não adotar nenhuma identidade com excessiva firmeza, a fim de poder abandoná-la de uma hora para outra, se for preciso. (Bauman, 1997, p. 155)

A atual configuração da identidade na contemporaneidade nos permite afirmar que a estratégia é fazer com que essa identidade não se torne demasiadamente presa ao sujeito. Estamos desenhando um novo homem? O objetivo é tornar a identidade o mais flexível possível, evitando que se fixe, pois lembremos estar diante de um homem preparado para o presente, com certa aversão ao futuro pré-estabelecido. Começamos um processo de construção de Homem, que movimentos teremos nessa estruturação?

No contexto atual, de crescente desenvolvimento das novas tecnologias, temos a possibilidade de encontrar indivíduos que exemplifiquem essa nova configuração da identidade. Tanto as tecnologias quanto o seu consumo têm suas origens nos desejos psíquicos atuais. Nada de imposições, precisamos acreditar que são escolhas nossas.

Um dos anseios mais presentes na contemporaneidade parece ser o desejo de ser visto, que definimos aqui como a necessidade da visibilidade do “eu”. Ser visto na sociedade atual é uma ambição almejada pela maioria dos sujeitos, uma vez que essa ambição quase sempre está relacionada com a idéia de se obter “fama e fortuna”, ou em outras palavras, alcançar uma condição que socialmente é sinônimo de sucesso aos olhos da coletividade. Caso não a consigamos, podemos viver no *como se*. Alguns programas na internet são capazes de, a partir de uma foto original, por exemplo, escolher um cenário famoso para habitar. Alguns chegam a oferecer a possibilidade de estamparmos uma foto e, em um processo de *faz de conta*, ser a capa da próxima revista *Vogue*, outro exemplo.

É fundamental, assim, pensarmos que as novas tecnologias têm forte ligação com esse novo modo de nos percebermos no mundo. Assim, geraram-se novas metáforas, novas crenças que delimitaram uma fronteira presente na modernidade e na contemporaneidade.

o homem moderno, interiorizado e angustiado diante dos enigmas da vida, deu lugar a um homem exteriorizado, pragmático, preocupado com a sustentação de uma imagem pública moldada por ideários difundidos pelos avanços tecnológicos que modelam além do corpo também sua alma asseguram a inclusão do sujeito na cultura. (Maia, 2004, p. 117)

Nesse momento, parece possível observar que essa necessidade de ser visto do Homem atual está muitas vezes ligada, não necessariamente com o ter, mas com o parecer, ou seja, em um mundo no qual a aparência tem um valor extremo, não é mais preciso ter e nem tão pouco ser. Este é, portanto, um mundo no qual o sujeito tem a possibilidade de realizar atividades capazes de falsear a própria identidade, de forma a atrair a atenção geral e assim, conseguir ganhos pessoais e a aprovação social. O que realmente importa não é a realidade vivida pelo indivíduo, mas a capacidade que este possui de mistificá-la. O falseamento da identidade não parece mais ser visto como crime, e sim como possibilidade de existência no mundo contemporâneo.

No que diz respeito aos parâmetros legais, a falsidade ideológica não seria crime, previsto no código penal? Existe uma espécie de relativização feita na cultura para que existam seres humanos que falseiem sua identidade para buscar a atenção do outro? Nesse contexto sócio-cultural, até um território impensado de ser construído, o corpo, pode ser falseado, ou seja, construído a partir das tecnologias.

Assim, dentro desse universo contemporâneo, as identidades são flexíveis, como matérias plásticas, móveis e prontas para participarem de uma re-forma segundo a necessidade de funcionalidade. Assim também, a natureza das relações entre os sujeitos mostram-se próprias

e em harmonia com esse processo de investimento em uma identidade mais fragmentada. Nesse universo, a vida “real” é um sinônimo de algo não muito instigante, uma vez que o tédio da rotina toma conta da vida das pessoas, de modo que a fuga da realidade encontra seu substrato num mundo de idealização ficcional, um mundo do parecer, com seus escapes que tendem ao consumismo de coisas e conceitos que contribuam para algum tipo de formação identitária.

os homens se orgulham de suas realizações e têm todo o direito de se orgulharem. Contudo, parecem ter observado que o poder recentemente adquirido sobre o espaço e o tempo, a subjugação das forças da natureza, consecução de um anseio que remonta a milhares de anos, não aumentou a quantidade de satisfação prazerosa que poderiam esperar da vida e não os tornou mais felizes. (Freud, 1930/1996, p. 107)

Desta forma, convidamos o leitor a pensar, até que ponto os avanços tecnológicos têm sido os causadores diretos de uma realidade dolorosa e sem substancialidade para os indivíduos em geral. Pensar nesses processos é o caminho que pode nos dar possibilidades de apreensão da realidade.

A realidade é o produto de uma espécie de acordo entre os homens, que necessitam de algo comum para poder falar, entender-se, agir em conjunto. Falando e agindo, acabam por criar a realidade, o conjunto das representações do mundo. Realidade é representação. (Herrmann, 1999, p. 146)

Para Herrmann (2001), o mundo em que vivemos participa de todo o pensamento do indivíduo que nele habita, assim, ele determina como este indivíduo está constituído. “O pensamento vem do mundo e ao mundo se dirige: o mundo pensa-se através de mim, e o modo de meu pensar é o modo de ser deste mundo em que vivo.” (Herrmann, 2001, p.156). O autor nos convida a pensar a psique sob perspectiva de que ela “não é de nossa fabricação pessoal, cria-se no real, desenvolve suas propriedades historicamente e é infundida no

indivíduo por seu tempo e sua cultura, moldando-o ao estilo presente de pensar.” (Herrmann, 2001, p.158).

Quando Herrmann (2001) coloca a fabricação da psique humana na instância do Real, podemos perceber uma questão referente ao estilo presente de pensar. Em outras palavras, podemos pensar em um presente em que os dias parecem estar menores e, por isso, o volume de compromissos e trabalho tem crescido, assim como a competitividade, de modo que não ter tempo é fonte de aflição, mas também de conforto por sentir-se ajustado à rotina da vida contemporânea. Assim, os seres humanos parecem acreditar que os fatos precisam acontecer em nosso tempo, independente de cronologias.

Herrmann (2001) expõe suas idéias de forma a trazer-nos uma definição importante sobre realidade, como um conjunto das representações de mundo. Tal definição se faz necessária para entendermos o modo de vida do Homem contemporâneo. Dessa maneira, é importante pensarmos em um Homem que se foca cada vez mais no presente e desta forma, apenas esbarra nos resquícios de um futuro cada vez mais incerto. Um futuro estabelecido a todo instante e no qual, com o hiper consumo de tecnologias, sua constante produção e modos de pensar predominam incertezas sobre sua possibilidade na contemporaneidade.

Nos estudos de Lipovetsky (2004), encontramos a contemporaneidade como momento “não mais de sair do mundo da tradição para ascender à racionalidade moderna, e sim de modernizar a própria modernidade, racionalizar a racionalização.” (Lipovetsky, 2004, p. 56). Este seria um mundo onde os níveis máximos devem ser atingidos a todo instante? Podem ser agrupados, nesse pensamento, exemplos como hiper-mercados, hiper-consumismo, entre outros.

1- A construção de uma pesquisa: o adolescente contemporâneo.

Partindo de um panorama geral a respeito da contemporaneidade, é possível perguntar: que espaço o Homem tem para sua fragilidade inerente, ou mesmo para se deparar com o absurdo de sua constituição psíquica? Como a máquina é incorporada por esse corpo/sujeito contemporâneo fazendo-o dependente da tecnologia? Outra importante consideração é pensarmos: Como o corpo desse ser humano tem sido construído na contemporaneidade e se relaciona com o outro?

Ao escolhermos o adolescente para essa pesquisa, precisamos nos atentar para um Brasil no qual coabitam diversas parcelas populacionais divididas, sócio-economicamente, de formas variadas. Assim, o adolescente a ser pesquisado faz parte de um mundo em que os acessos à tecnologia são mais frequentes. É o adolescente de classe média ou alta, consumista e frequentador de *shoppings Center*⁵ que pesquisaremos. Embora a tecnologia esteja presente em toda a sociedade, entendemos que nessas classes ela é mais comum, e talvez mais esperada ou consumida.

O objeto dessa pesquisa centra-se na figura do adolescente, de modo a buscar as regras de constituição que montarão o “lugar” de onde ele irá criar ou representar sua realidade. E, nesse momento, contaremos com a contribuição de Fábio Herrmann para montarmos o lugar que nós, pesquisadores, partiremos para promover a discussão desta pesquisa.

Em nossas vidas cotidianas, regras simples ditam as emoções e os comportamentos a serem seguidos e se organizam em busca de regras de racionalidades se vistas à distância. São essas regras que nos constituem como sujeitos, para a partir delas, nos lançarmos ao mundo.

A partir de um desenho do cotidiano, ou de um lugar qual o adolescente vai comunicar-se com o mundo temos o aparecimento da identidade, que é construída desde a infância nas relações do sujeito com o mundo de relações.

⁵ Esse termo frequentador de Shopping Center serve pra criar uma imagem do tipo de adolescente a que se destina essa pesquisa, sendo, este, muito diferente dos adolescentes habitantes das periferias das cidades, nas quais o acesso às tecnologias existe, porém de forma diferente.

Em Herrmann (2001) a identidade se apresenta como:

a representação que o sujeito faz de si mesmo. (...) – sendo a identidade – perfeitamente solidária à realidade: sua matéria de representação é a própria realidade, ou, por outra, é certa dimensão da apreensão dos objetos que garante ser eu, com minhas peculiaridades, e não outro qualquer, quem os percebe ou rememora, ama ou odeia (p.113).

Sendo identidade e realidade dois conceitos intimamente conectados, vai se desenhando a formação da adolescência na contemporaneidade. Isso ocorre, pois ao se conceber o lugar de comunicação do adolescente com o mundo, por meio da procura em si mesmo, assim como na realidade anterior em que sua memória permita que este adolescente habite e tenha permissão para transitar no mundo. Por meio desse processo, chegamos a outro conceito: o da identificação. Lembremos nesse momento estarmos diante de um mundo em que se pede a não-memória. Em que lugar esse adolescente se ancora? E em que memórias ele se sustenta na contemporaneidade?

Recorrendo à explicação de Herrmann (2001) acerca deste conceito, observamos que identificação é “uma modelagem do ato psíquico e o modelo invocado mais amiúde pela experiência psíquica é a realidade do próprio sujeito, conquanto esta também se tenha criado e se alimente regularmente da identificação com outras pessoas e situações” (p. 114). Podemos assim, perceber o incessante trabalho de adequar identidade e realidade na constituição do sujeito psíquico.

Em contrapartida, vivemos em um mundo em que a lógica da pressa desmedida se instaura com uma força importante. Além disso, habitamos um lugar onde a descartabilidade de tecnologias e de relações interpessoais pode ser pensada como força motriz na estrutura do homem contemporâneo. Ainda sobre esse questionamento, é importante pontuarmos que o *eu* conta com um repertório de encarnações possíveis, mesmo quando expectativa e realidade não andam juntas, de modo que haja uma flexibilidade de possíveis para a representação da

realidade. Essas encarnações contemporâneas parecem se ancorar em uma estruturação fantasmagórica de realidade.

Nesse caminhar, encontramos o conceito de moralidade, que liga a identidade à realidade. Segundo Herrmann, (2001) “é ao regime que cria essa zona de reconhecimento obrigatório, construída por meio de uma redução drástica de diferenças, que cabe o nome de moralidade” (p.114). E, a esse conceito, encontramos também, o surgimento da familiarização como constituinte desse processo de identidade. A familiarização é responsável pelo cotidiano e cria nele a identidade fixa, responsável pelas categorias identificatórias.

Nessa perspectiva, o cotidiano é entendido como comunidade de sentidos compartilhados pelo homem que no mundo habita. A esses sentidos compartilhados, o autor Fábio Herrmann trata por “rotina”. A identidade, tomada como representação do desejo, não pode ser pensada sem a correspondência com a “realidade”, representação do real, real entendido como as regras constitutivas do sentido no mundo humano, os campos. Assim, o processo de familiarização, tal como explorado pelo autor, não vai determinar “identidade fixa”, mas possibilidades de formações identitárias de que o sujeito se apropria ou não. Explicando um pouco melhor, as auto-representações mostram-se no que Herrmann chama de superfície identitária, ou superfície de representação. As auto-representações que nos definem, e que são menos móveis, tais como nome, profissão e pertinência familiar, ocupam o centro dessa superfície, mas há aquelas periféricas que se nos mostram nos sonhos, atos falhos e em situações de pouca estabilidade social e pessoal. A não ser no caso da psicose, não podemos falar de “identidades fixas”. A cura psicanalítica supõe a assunção de novas auto-representações possíveis, mas ainda não acessíveis ao sujeito.

Uma questão é desenhada, ao pensarmos os conceitos citados: como se estrutura, na contemporaneidade, esses mesmos conceitos em um momento cercado de transformações

tecnológicas diárias, ao passo que a descartabilidade e superficialidade são adjetivos cada vez mais presentes?

A criança brinca de família! A partir dessas regras apresentadas, o brincar faz com que elas se estruturam e façam sentido. A criança não só brinca de família, como brinca de familiarização e, provavelmente, de moralidade. As regras do jogo mostradas pelos pais ganham, nesse brincar, a “denúncia da família real, imobilizada no respeito às normas sociais, assim como, aquelas de sua própria invenção” (Herrmann,2001, p.115). Temos percebido mudanças na educação dos filhos, os pais têm se preocupado menos em fixar conceitos, colocando-os em uma condição de não-engajamento, como um pedido contemporâneo, um *sempre a postos* importante, em que a identidade não pode ser fixada nesse sujeito-corpo-homem.

Nesse processo, a criança tenta identificar-se à sua imagem, tal como lhe é devolvida pelo meio, desde a infância e de certa forma o consegue, porém um tanto fora de hora, fora de lugar e só por aproximação:

o animal consegue fundir-se à imagem ideal de sua espécie, encerrando o trânsito identificatório quase por completo – só mudanças lentas no meio ambiente ou a domesticação, que é uma familiarização humana parcial, podem perturbar a estabilidade do bom casamento entre ser e parecer. No outro extremo da cadeia de familiarização, os regimes da moralidade, as instituições, fazem o mesmo, porém, em sentido inverso, quando reduzem os acontecimentos a certos protótipos convencionais para seu sistema e reduzem o sujeito a espelhá-los; com isso, eliminam o descompasso, transformando a imagem em essência da subjetividade. (Herrmann, 2001, p.115)

Essas são as regras que estão em jogo, colocadas a serviço do humano para que ele possa habitar esse lugar chamado mundo relacional. E as regras contra as regras?!? Estas são:

o absurdo que a rotina oculta no fundo do cotidiano e que a moralidade recobre com uma segunda capa protetora. Para que a regra de obediência se sustente é preciso dar então uma pequena gorjeta ao absurdo, é necessário seduzi-lo criando uma regra oposta, a regra de exceção, o pique. (Herrmann, 2001 p. 119)

Desse modo, são importantes as leis promulgadas a partir da rotina, que deixem de lado o absurdo do dia a dia em fórmulas gerais e compreensíveis. Todavia, para que o controle não se perca é necessária a criação de leis de exceção para que assim, possa existir a infração da rotina, ou “para permitir a um cristão pecar honestamente ao invés de perder a fé” (Herrmann, 2001, p. 119).

A essas regras de exceção e às promulgadas, temos na Teoria dos Campos uma fórmula importante que será abordada em sua totalidade, por apresentar importância para a pesquisa em questão: *DES-obede-SERÁS*.

O núcleo da expressão (obede) se refere às regras de moralidade que dá a moldagem fixa do homem assujeitado pelas leis do cotidiano, resultante do processo de familiarização, em que é exigido do ser humano “que se torne sempre idêntico a si mesmo.” (Herrmann, 2001, p.122). Este *si mesmo* renuncia considerável parte das potencialidades de existir, sendo a moralidade importante para que o homem viva a partir das promessas de uma satisfação postergada, contudo maior, o que oferece um consolo para que se esteja em sociedade. Dentro do núcleo, há a necessidade de que se renuncie a tudo que não é característico de si próprio, às diferenças entre seus movimentos emocionais concretos e à imagem exterior de si que recebe do outro. A realidade representada dentro do núcleo *-obede-* tem um caráter de *mesmidade* e continuidade necessárias para a boa vivência em sociedade na qual:

mundo e homem *obede* em comum, na família, na escola e no trabalho, mas também na ferra, no crime e na guerra; e é a coerência entre as representações conjugadas de identidade e realidade que dá a sensação de estar respeitando as injunções factuais, de que a realidade é o que é, e de que o sujeito se está moldando à necessidade objetiva externa. (Herrmann, 2001, p. 123)

O núcleo *obede*, de obedecer às injunções do processo de familiarização, a moralidade, é posto em questão pelo adolescente na sua rebeldia, no seu característico desobedecer, contido no prefixo *des* da regra. O prefixo *des* da fórmula proposta por Herrmann nos mostra a revolta

e questionamento em relação às regras do *obede*, comportando-se semelhante ao adolescente e seus questionamentos em relação à forma de agir imposta pelo mundo. O prefixo não é algo diferente do que estamos acostumados, pois em cada fórmula ou conceito temos algo que o coloca em questão. De acordo com Herrmann (2001), “a própria realidade, enquanto fundamento do cotidiano, possui uma infinidade de *des* pedagógicos” (p.124). Assim, a importância do prefixo está nas potencialidades que foram negadas pela familiarização e que podem, nesse instante, voltar à realidade.

se o *obede* expressa o núcleo da identidade a ser adquirida e conservada, o *des* indica a necessidade de desviar-se ativamente dele, porém segundo certas regras, as regras de exceção, como são os lapsos ou os objetores de consciência, por exemplo. (Herrmann, 2001, p.124)

Em suma, o *des-* não só garante o *obede*, mas é sua condição de aquisição, pois reduz as possibilidades múltiplas a um par de opostos, situados lado a lado no mesmo campo. O que nos inquieta é que, se vivemos em um mundo em que a identidade não pode ser fixa, o próprio núcleo *obede* corre risco.

E, ao final da fórmula, temos o sufixo, que já se comporta como um verbo em sua ação: *serás*. Assim, indica que o lugar de vigência da moralidade é sempre o tempo futuro, de um homem exigindo apenas que se siga a trilha dos desvios e correções.

um núcleo identitário não pode expressar-se diretamente, antes é o resultado de uma série de negativas: a cerca constituída pelos não que recebem comportamentos, idéias e emoções possíveis, delimita uma forma precisa, cujo preenchimento é, porém, constantemente adiado (Herrmann, 2001, p. 125).

A partir das questões referentes ao ser humano e seus reguladores de relações, podemos perceber algo que é bem caro à Psicanálise: a subjetividade. Em nosso olhar, a partir da Teoria dos Campos, atentamos em estudar como a subjetividade é afetada pelo mundo, ao mesmo tempo em que produz e re-produz o Homem. Não obstante, esse modo de subjetivação deve ser compreendido, em certa medida, diferente de outros modos de subjetivação anteriores, demonstrados no habitante do mundo moderno que tenta ser modificado no

Homem contemporâneo. Das questões pensadas em relação em uma possível modificação da subjetividade, temos em dois focos principais algumas questões que nos tornam caras a serem estudadas. Como a indústria cultural e a tecnologia poderiam ser fontes para essas mudanças?

1.2 A indústria cultural e a tecnologia: máquinas capazes de fazer homens.

A indústria cultural pode ser entendida como o conjunto de imagens veiculadas ao homem seguindo a lógica da mercadoria. Por conseguinte, caro leitor, o Homem parece estruturar-se muito menos da normatividade pela disciplina do que pela escolha da espetacularização. E assim, é preciso pensemos nos rumos pretendidos pela sociedade contemporânea. Que recursos são disponibilizados para o ser humano se estruturar como sujeito? Falamos nesse momento na palavra Homem, porém podemos nos inquietar com uma questão: e os nossos adolescentes? Que Homens serão eles? Que tipo de relação será tecida por eles quando se tornarem adultos? Nessa perspectiva, temos um mundo que parece não mais atrair seus habitantes e, paralelo a isso, outro mundo possível-imaginário-criado extremamente sedutor.

O mundo real de outrora que funcionava em instâncias de Ser, saber e conhecer configura-se, na atualidade, em um mundo estruturado por relações virtualizadas e espetaculares. Uma fantasia de re-criação de um mundo do fetichismo, um mundo da imagem pensado pela indústria cultural. Para Debord (1997):

O princípio do fetichismo da mercadoria, a denominação da sociedade por “coisas supra-sensíveis embora sensíveis”, se realiza completamente no espetáculo, o qual o mundo sensível é substituído por uma seleção de imagens que existe acima dele, e que ao mesmo tempo se fez reconhecer como o sensível por excelência. (p. 28)

Esse modo ou estilo de pensar no mundo contemporâneo coloca o homem na criação de um mundo o qual ele mesmo espera habitar. O que parece acontecer, em contrapartida, é uma não sustentação dessa criação e uma luta incessante para que esse in-sustentável se mantenha.

De acordo com Debord (1997), ao pensarmos na sociedade do Espetáculo, encontramos uma alienação promovida pela indústria cultural, bem como pela realidade representada pelo Homem.

A alienação do espetáculo em favor do objeto contemplativo (o que resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo. Em relação ao homem que age, a exterioridade do espetáculo parece no fato de seus próprios gestos já não serem seus, mas de um outro que os representa por ele. (Debord, 1997, p.30)

O espetáculo institui ou propicia o deslocamento entre o sujeito ter algo e parecer algo. Assim representado, o Homem funciona em um mundo de aparências múltiplas, porém em uma ordem bastante específica: se a realidade, muitas vezes, é dada por certa monotonia, cria-se um novo mundo no qual não se precisa ter ou ser e que a identidade não é fixa, um mundo em que se pode parecer qualquer coisa que dê a esse Homem uma ilusão de prazer.

A partir dessas considerações, podemos pensar em uma relação desse modo de vida atual com o processo de edição de imagens dentro da televisão – um Ser Humano “ilha de edição”. O que não é socialmente correto é simplesmente posto de lado e, ao final, têm-se imagens da vida que esse Homem quer que o outro conheça ou aprecie, “um slide show”. Em contrapartida, podemos ter edições em que o outro faça essa escolha, como perceberemos quando do momento da análise de nossa primeira adolescente. Imaginem que o outro possa escolher com quem quer estar, e tão logo esse anseio se faça, podemos nos transformar na personagem escolhida por ele. Isso não se aproxima muito de uma mercadoria? Esse processo pode, também, ser pensado na contemporaneidade. Até meados dos anos de 1990, esse recurso era bastante utilizado na internet. A questão que se faz presente é a possibilidade de se pensar esse mesmo processo transitando nas ruas. Uma vez que a identidade está sofrendo

constantes abalos, as possibilidades de criação de uma personagem aumentam e fazem-se cada vez mais presentes. Então, caro leitor, e as edições, não causariam sofrimento?

O que temos são homens que adjetivam suas angústias consoantes às regras de produção-consumo. A partir desse olhar, o que se consegue é uma proximidade com uma *ilha de edição*. E como funciona essa ilha de edição? Que pressupostos são necessários ao ser humano, habitante dessa lógica?

Por *ilha*, entendemos a solidão desse homem frente ao mundo; e por *edição*, a seleção e combinação de conteúdos escolhidos para serem apreciados pelo outro. Assim, adentraremos em um conceito de ilha de edição como uma combinação de imagens escolhidas cuidadosamente pelo ser humano. Desse modo, em um mundo de diferentes, podemos então encontrar possibilidades de ilhas de edição diversas. Este ser humano “ilha de edição” é ou seria um ser humano ilhado pela edição da psique do Real, agregado à máquina ou degredado pelo pensamento.

Aos sentidos das coisas humanas, temos fundamentado o conceito de psique, pois é na perspectiva dos sentidos dados ao humano que formamos a psique apreendida no mundo contemporâneo. Assim, podemos encontrar o desejo como “uma fração diferenciada do Real, da psique do Real: é a porção do Real sequestrada no sujeito” (Herrmann, 1999, p.145). Logo, precisamos nos atentar a todo o Real circundante no fenômeno, para que não se analise de forma reducionista o conceito de ilha de edição. Agir dessa forma torna-se “vital para o futuro da humanidade, principalmente porque a psique é, em essência, inconsciente” (Herrmann, 1999, p.146).

Em contrapartida, temos um corpo construído para se relacionar com o outro. Dentro dessa perspectiva, não podemos, pois, excluir fenômenos como o capitalismo e a mídia cultural, como formadores deste corpo, bem como do Ser Humano na contemporaneidade.

Para isso tocaremos em dois pontos que julgamos importantes: a historicidade do corpo e sua modelagem no mundo contemporâneo, além da mídia cultural e do capitalismo. Escrever sobre esses dois pontos será necessário para que entendamos a captura capitalista do Ser Humano e analisemos esse corpo adolescente, que parece ser mais que físico, visto que a tecnologia incorporada o coloca com alguns recursos a mais, detalhes que não parecem exteriorizados.

2. Um corpo que se constrói no contemporâneo: como se relacionar com ele?

“corpo, este hóspede estranho da alma⁶”

(Adélia Prado)

2.1 A historicidade do corpo: construindo um caminho.

Em um processo que acontecerá em decorrência de uma qualidade de passeios com o corpo por meio da história, encontramos em Vigarello (1995), um corpo que, nos séculos XVII e XVIII, era envolto por espartilhos e aparelhos de sustentação de modo a modelar formas eretas, contidas e imóveis. Tudo isso, fruto dos padrões estabelecidos pela nobreza da época. Pedimos a atenção para nossos grifos! Esse foi o corpo pedido, fruto do pensamento encontrado nesses séculos específicos. E que corpo encontraremos a seguir?

O aparelho que corrigia na pedagogia dos séculos XVII e XVIII (...) empenhava-se em fazer do corpo um brasão, símbolo de um pertencimento, efígie feita signo. A nobreza tinha que se mostrar. (...) Obstinas, tornam-se então as iniciativas que trabalham apenas para a sujeição de seus contornos. Da fórmula física à teatralização das atitudes, a razão domina a natureza (Vigarello, 1995, p. 32-33).

Mais adiante no processo histórico, temos, no século XIX, uma razão que domina a natureza deslocando-se da imobilidade para o movimento corretor, dando assim à fisiologia seus projetos sociais, de modo a construir um corpo para a eficácia no trabalho. Em outras

⁶ Trecho extraído do livro Filandras de Adelia Prado (2001)

palavras, com o desenvolvimento e a expansão industrial capitalista, houve a necessidade de disciplinar o corpo desse trabalhador assalariado, para que se tornasse apto a acompanhar o ritmo da máquina e, com isso, pudesse gerar maiores lucros aos proprietários dos meios de produção. Por esses e outros aspectos, estabeleceu-se um rompimento com os padrões considerados elegantes até então, o que deixou, à margem, trabalhadores mais robustos, passando-se a exigir trabalhadores magros, classificados como portadores de grande destreza e habilidade.

Por sua vez, encontramos, no século XX, tantas outras transformações nas representações, nos projetos e nos destinos do corpo, que se mostram fiéis à dualidade entre civilização e intervenções racionalizantes no corpo. Durante o século XX, vemos exemplos como o início do processo de *body-bilder*⁷. Nesse momento, o corpo passa a receber uma série de cuidados especiais com o desenvolvimento de novos aparelhos, suprimentos nutricionais, próteses e uma certa sofisticação eletrônica que permite esculpir o próprio corpo. Esse movimento iniciado na modernidade ganha respaldo na contemporaneidade, e um suporte tecnológico cada vez mais especializado para esse corpo, em uma sociedade na qual as tecnologias se transformam com rapidez. Por consequência, tem-se um corpo mais plástico, sujeito a mudanças, a construções.

Nessa perspectiva, é importante atentarmos, caro leitor, para o decisivo papel do século XX nas definições do novo modelo do “belo”. A década de 20, com as imagens cinematográficas das atrizes, o avanço da indústria dos cosméticos, da moda e publicidade. Nos anos 50 e 60 as atividades ao ar livre, as formas de lazer, fortaleceram ainda mais a imagem do corpo esportista e o cuidado com a beleza. Em seguida, vem a década de 60, agitada pelos movimentos de contra-cultura, revolução sexual e movimento feminista, o que contribuiu para a exposição da corporeidade. Assim, essa visita delinea um corpo diferente

⁷ Esse é um termo muito conhecido nas academias de musculação bem como pelo mundo contemporâneo e tem em seu significado a construção do corpo mediante exercícios físicos e dietas especializadas.

nas sociedades, haja vista que o corpo ideal é produzido pela indústria cultural. Por isso, a desconformidade com o corpo não é fruto da sociedade contemporânea, uma vez que esse percurso mostra, de outra forma, que esse processo corporal não é natural, mas construído sócio-culturalmente.

O uso de tecido mais macio, por exemplo, possibilita entrever de maneira discreta as linhas do corpo, o que faz com que a aparência física passe a depender mais do corpo, sendo, portanto, necessário cuidar dele. As revistas femininas, da década de trinta, como a *Marie Claire*, passam a alertar as mulheres para tais cuidados, de modo que elas agora devem se preocupar claramente em ser sedutoras. Dessa forma, uma nova seção, então, é criada: a da ginástica diária.

Segundo Herrmann (2004), “a desconformidade com a forma do corpo sempre teve expressão estética, ideais de beleza, religiosa, ideais de ascetismo, militar, ideais de força física, para ficar na expressão mais óbvia da superação da natureza, o anseio da sublimidade.” (Herrmann 2004, pag. 2). Nessa contextualização o que se evidencia é que existe uma busca incessante que encontra respaldo no mundo atual, e nesse momento histórico o homem tem se especializado nessa atuação. Todas essas questões transitam pelas ruas, pois elas fazem parte do imaginário do Homem, do adolescente. Esses são os pedidos, novos anseios na contemporaneidade.

Com a especialização do Homem, retomamos a inquietação do homem para a obtenção de um corpo cada vez mais artificial, o que, muitas vezes, evidencia uma relação problemática do Homem com seu próprio corpo. Assim, o corpo parece tão artificial que muitas vezes não existe e desse modo ele se coloca na internet, e se edita em um perfil de *Orkut*, por exemplo. Não obstante, o corpo aparece em fotos, que podem ser facilmente corrigidas por meio dos programas de edição de imagem, um velho conhecido das revistas, e que ganha cada vez mais popularidade nos homens comuns.

Dentro dessa perspectiva, podemos enxergar o Homem e seu corpo, mas em uma outra lógica. E que lógica tem acontecido nos dias atuais? Herrmann (2004) pondera que o corpo do homem não pertencente mais a ele, mas está diante dele, pronto a ser alterado por recursos dos mais variados possíveis.

2.2 O corpo montado: re-construção pela mídia e pelo capitalismo

Como situar o Homem, habitante da contemporaneidade, quando percebemos que ele, diante do consumo da tecnologia, passa a adentrar lugares que eram restritos até meados do século XX, como o corpo, que passa a ser produzido por modelagem estética, re-construído, re-instaurado, enfim, re-feito? E seus afetos, que podem nesse momento ser acalmados com produtos psicofarmacológicos, com pílulas cada vez mais utilizadas para domar o medo e a angústia, tão inerentes a todo e qualquer Homem? E o que mais inquieta é que essas questões não são exclusivas do homem adulto, sendo possíveis de serem pensadas em relação ao adolescente.

Uma possibilidade de resposta pode ser pensada no imediatismo, para atingir a realização do projeto de corpo, bem como dos demais anseios do ser humano contemporâneo. E atentemos à palavra projeto. O corpo passa a operar em uma instância de projeto a ser alcançado? De forma, algumas vezes, transparente, os meios de comunicação de massa difundem ideais em termos de consumo: adquira determinado produto e realize seus sonhos de imediato. Não há mais necessidade de se esperar resultados, e o discurso vem logo em aspectos como: por que esperar por resultados em longo prazo se a tecnologia oferece os “mesmos” resultados de forma mais rápida?

Alguns exemplos desse processo podem ser encontrados desde a gíria usada para os anabolizantes, as “bombas”, que é uma fórmula mágica de aquisição de massa muscular em curto prazo e sem esforço, até chegarmos à pressão pela obtenção de resultados rápidos, nos

consultórios de psicologia. Nos im-pacientes que, ao buscar atendimento, relatam tentativas anteriores de alívio de seus sofrimentos por meio de recursos que prometem solução imediata, como livros de auto-ajuda, automedicação, e até recursos esotéricos.

A exigência de imediatismo é evidenciada a partir de uma busca incessante pela sensação de prazer e auto-estima. Essa busca é observada nas soluções milagrosas cujas consequências de médio e longo prazo, são desconsideradas, ou são pensadas, mas precisam ser esquecidas para que a ação se mantenha, como um semblante. Assim, o uso de anabolizantes acelera um lento processo de preparação física em academias; cremes, massagens e pílulas garantem a modelagem do corpo de modo rápido, eficiente e sem sacrifícios; excessos alimentares são neutralizados com medicamentos – pílulas para eliminação de gordura. E podemos dizer que esse processo é percebido somente em adultos? Convidamos, pois, o leitor a dar um passeio em uma academia de ginástica. Verás muitos adolescentes já preocupados com seu corpo.

Em um olhar amplo, nesse processo tecnológico, tudo pode ser mascarado: estados de ansiedade, angústia, tristeza – experiências de dor que sinalizam o modo como o Homem se coloca em certas situações também são entorpecidos por medicamentos. Em um mundo no qual a boa *performance* é necessária, busca-se permanecer em estado de prazer e alegria, a preço de se eliminar parte da experiência humana. O que ocorre é que a sociedade não pode reconhecer a dor e a frustração como constitutivos de um percurso, rumo aos ideais de prazer e alegria. Ou seja, veicula-se a idéia de que essa imagem ideal de pleno prazer está disponível para todos, sem a necessidade de que seja feito qualquer esforço e que a não concretização desse modelo decorre de problemas particulares daquele sujeito, em específico. E esse mesmo corpo construído ou montado é a base de relacionamentos que temos percebido na contemporaneidade. Qual a qualidade de relacionamentos que temos? Nessa captura, em que tudo parece ser normal e rotineiro, como se fazer resistente?

Retomando o corpo contemporâneo, Herrmann (2004) fala sobre algo inquietante, “o que denota um aspecto particular dessa crise estética, no caso a equivalência, na fantasia, entre produção e reprodução de uma forma, entre o ser e o parecer, entre a obra e fac-símile.” (Herrmann, 2004, p. 3). Nesse momento, não importam as ações realizadas para a constituição do corpo, uma vez que é mais importante a produção ou reprodução de um corpo, segundo um ideal pré-estabelecido. Observa-se, portanto, a necessidade de se destacar que essas formas de modelagem do corpo não se restringem a uma determinada parcela da sociedade, um vez que estão presentes em toda expressão social, diferenciando, em alguns momentos, os procedimentos pelo capital que poderá ser investido para tal transformação.

Nesse momento, acreditamos no capitalismo e na mídia cultural como responsáveis pelos ditames estéticos presentes na contemporaneidade, mas não de forma a excluir ou distanciar o homem de sua implicação na modelagem/construção do corpo. Assim, a inserção do homem nesse processo não apresenta mais uma enganação e sim uma transparência do processo.

Essa subjetividade vampirizada, essas redes de sentido expropriadas, esses territórios de existência comercializados, essas formas de vida visadas não constituem uma massa inerte e passiva à mercê do capital onívoro, mas um conjunto vivo de estratégias – são elas mesmas o capital. (Pelbart, 2002 pág 254)

Assim, observamos que essa forma de existir não é imposta de cima para baixo, mas a partir de uma lógica de estratégias que constituem as relações do Homem com o mundo. Levantar essas questões faz do Homem uma peça importante nessa engrenagem e assim, responsável por suas ações, inclusive nas modelagens corporais e nos relacionamentos em que está mergulhado.

É principalmente por meio dos meios de comunicação de massa, com privilégio da televisão - por sua inserção em todas as parcelas dessa sociedade - que o Imediato se difunde e se consolida como valor de consumo. Este, é difundido explicitamente por meio da propaganda: a melhor qualidade de um produto se traduz por sua rápida eficácia. Outra

observação do explícito que pode ser analisada, por exemplo, é a estrutura dos programas de televisão, em que temos o mundo apresentado em flashes que são facilmente deglutidos, minimizando-se, assim, a possibilidade de apropriação crítica e seletiva do conteúdo veiculado. Em contrapartida é o mundo em que tudo se passa como se vivêssemos em um meio no qual flutuam crenças que aparentemente ninguém assume. Desta forma, temos um ser humano não enganado, mas simplesmente precisando mostrar-se desta maneira, para manter suas ações.

Essa transformação no corpo, como retórica de um campo de sentido, se produz a cada momento histórico, não sendo diferente na contemporaneidade. Desse modo, o que se faz presente, então, é o quão estamos nos aproximando de um limite no qual o corpo vira “coisa”, massa de modelagem que pode ser modificada quantas vezes “necessitarmos” de alterações. Assim, uma análise é feita, especialmente, ao conceito de um corpo montado, maquiado para que possa existir no mundo e ter suas relações interpessoais. A pesquisa sobre o tema remete-nos ao conceito de mundo da aparência, já que nesse momento presenciamos de uma prevalência do parecer em detrimento do ter e do ser. Vivemos em um mundo do *como se*? O contemporâneo nos dá a possibilidade de criar um mundo paralelo, rirmos dele e muitas vezes vivê-lo.

Nesse instante, a constatação desse fenômeno contemporâneo remete às idéias do sociólogo Guy Debord (Debord, 1967/1988 apud Bruno, 2004), sobre a conceituação de “Sociedade do Espetáculo”:

A teoria do espetáculo deve ser compreendida num contexto marcado pela expansão e radicalização do capitalismo. Onde o Capitalismo afirmava o ‘fetichismo da mercadoria’, responsável pela reificação de objetos e experiências, então transformados em mercadorias e associados a seu valor de uso. (www.intexto.ufrgs.br/n11/a-n11a9.html)

Assim, o capitalismo degradaria os ideais de *ser* para os de *ter* e, logo mais as idéias de *parecer*, ou de *aparecer*, vigoram se pensarmos na espetacularidade desse ser humano, sempre se comportando de forma editada frente ao outro.

Desse modo, algo que deve ser cuidado refere-se ao entendimento do homem como vítima da cultura e da mídia, visto apenas como um enganado por esse processo capitalista. O homem não é mais tão facilmente enganado como pensávamos, o capitalismo existe na transparência de si mesmo, uma auto-ironização que o poderia aniquilar, mas o fortalece cada vez mais. Assim, a força do Capitalismo é o fato de ele não se levar mais a sério. O que antes poderia ser pensado em uma crença cega no processo, dá espaço a essa transparência.

Segundo Safatle, “poderíamos todos tomar distância dos conteúdos normativos do universo ideológico capitalista porque o próprio discurso do poder já ri de si mesmo” (<http://www.geocities.com/vladimirsafatle/vladi094.htm>). Assim, desse riso, temos os modos de consumo contemporâneo, com seus shoppings monumentais e seus habitantes consumidores fazendo-se, a cada instante, segundo os modelos de beleza, dentro dos inúmeros modelos que podem ser seguidos. Isso, de forma que caibam às pessoas escolherem um ou outro para se tornarem ou apenas parecer algo. Maquiar-se diante do espelho. Que tipo de homem esse corpo pretende se tornar? Seria a idéia de um corpo-homem que não sofre, um corpo-homem montado como perspectiva de dominação de sofrimentos e desamparos? Ou seria somente a idéia de um corpo produzido pelos ideais de estética, presentes na contemporaneidade?

O Capitalismo, dentro de sua transparência nos convida, segundo Debord (Debord, 1967/1988 apud Bruno, 2004), a uma aceitação dócil do que existe e a uma revolta puramente espetacular: isso mostra que a própria insatisfação com o consumismo tornou-se mercadoria, a partir do momento em que a abundância econômica foi capaz de estender sua produção até o tratamento desta matéria-prima. Essa revolta em relação ao universo fetichizado da forma-

mercadoria faz a própria revolta se tornar mercadoria, exemplificada nas tatuagens, piercings e objetos de resistência à ditadura de padrões que foram incorporados ao consumo. Essa é a lógica da transparência capitalista, em que a indústria cultural incorpora qualquer forma de manifestação como recurso para o consumo, ou seja, o que não pode cessar é a mercadoria em permanente circulação.

Nas palavras de Safatle, “tal mercantilização da insatisfação com o universo da mercadoria, lógica presente atualmente no interior da própria publicidade, mostraria, pois que: ‘a crítica ao capitalismo tornou-se, de forma bem estranha, o sangue salvador do capitalismo’”. (www.geocities.com/vladimirsafatle/vladi109.htm)

Nesse conceito de corpo e de relações como matérias plásticas, não deixam de ser colocadas uma certa concepção de ser humano inserido em uma busca por um corpo, mas por esse corpo que precisa ser configurado a todo instante. O processo apresentado aqui, sob a ótica do corpo, não parece ser diferente se observado nas relações interpessoais vividas na atualidade. Esse movimento do corpo pode ser entendido como um mundo em que, mesmo sabendo-se que tal corpo pode ser um “fake”⁸, ele ainda é tido como modelo estético para os demais corpos que o olham, e como olham para um espelho que deve ser atingido. E quando se pensa sobre as mutações do corpo nos ideais de beleza, o que encontramos é uma matéria plástica nesse atual momento histórico.

A imagem de um corpo reconfigurável já fazia parte do imaginário de certos setores avançados da cultura de massa graças a cineastas como David Cronenberg⁹ e a artistas como Cindy Sherman¹⁰ e Orlan¹¹. Mas atualmente tais imagens migraram para o cerne da cultura de consumo

⁸ o significado da palavra em inglês *fake*, é falso. No mundo atual e no texto, é utilizado como cópia ou tentativa de se passar pelo original, simples aparência.

⁹ David Cronenberg é cineasta Natural de Toronto, Canadá vencedor de inúmeros prêmios como o Urso de Prata, no Festival de Berlim, por "eXistenZ" (1999) e o prêmio Especial do Júri, no Festival de Cannes, por "Crash - Estranhos Prazeres" (1996).

¹⁰ Cindy Sherman é uma artista plástica norte-americana nascida em 1954. O seu trabalho é frequentemente pensado dentro de uma chave contemporânea, em que seus diversos papéis são vistos como um fluxo de uma identidade móvel e sem um “eu” que se dê a ver e a reconhecer.

¹¹ Orlan é performer, co-organizadora dos Symposiums Internationales d’Art Performance de Lyon, fundadora do Espace National de Recherche et de Production de l’Art Performance/Paris, historiadora das artes performativas.

por meio da publicidade.
 (www.geocities.com/vladimirsafatle/vladi109.htm)

A questão levantada pelo autor fica como uma questão a ser pensada no texto. Como lidar com um corpo e suas várias possibilidades de existência e re-configuração? E como pensar em relações que, sendo plásticas, devem a todo instante se re-configurar? O que temos, então, não são modelos rígidos a serem seguidos, mas a possibilidade vazia de re-configuração. Ao passo que, segundo Safatle, “ter um corpo não é exatamente um projeto, ter um corpo é estar atado ao olhar do outro, mesmo que este olhar peça uma contínua reconfiguração das imagens apresentadas.” (www.geocities.com/vladimirsafatle/vladi109.htm)

Esta configuração do corpo e dos relacionamentos é apreendida e editada na contemporaneidade com uma força cada vez maior, força essa que não pode ser pensada de forma a ser excludente do modelo de produção-consumo, próprio dessa sociedade. Ora, mas se a busca atualmente é por uma individualidade cada vez maior, então esse outro ainda é dado ou clamado no seu olhar para que se pergunte sobre ideal de beleza? Não deveríamos nos distanciar desse modelo de pensamento?

Podemos mudar de corpo, modelá-lo cirurgicamente, assim como termos experiências sensoriais no espaço virtual que interferem radicalmente na nossa relação corporal. Isto afeta a maneira como compreendemos a unidade imaginária do eu. Mas um ponto permanece, e ainda com mais força: a dependência fantasmática do eu ao olhar cobiçoso do outro.
 (www.geocities.com/vladimirsafatle/vladi109.htm)

Essa dependência do olhar do outro é o cerne do desenvolvimento do Ser Humano, que só existe a partir desse olhar. Nesse processo, o outro interfere nas condições pelas quais o ser será reconhecido como Ser Humano diferenciando dos demais de sua raça, e configurando-se assim como sujeito desejanse e desejado.

A flexibilidade advinda da possibilidade de reconstrução contínua da imagem do corpo apenas demonstra que, no nosso momento histórico, o desejo do Outro, este desejo com o qual me identifico a fim de saber como orientar minha conduta e escolhas, afirma-se sem precisar disponibilizar conteúdos privilegiados de identificação ao Eu, o que

Lacan já havia claramente percebido ao lembrar que a experiência determinante de confrontação subjetiva com o desejo do Outro estava presente no angustiante “O que faz de mim objeto do gozo do olhar do Outro?”. (<http://www.geocities.com/vladimirsafatle/vladi108.htm>)

A essa referência, parece que a constante individualização do sujeito não conseguiu escapar, mesmo em um mundo de individualidade e de uma liberdade ilusória. A mídia, então, disponibiliza aquilo que pode ser seguido, de modo que muitas vezes passa a ser esse o ideal de corpo a ser atingido e o da qualidade de relacionamento que deveríamos atingir.

Capítulo 2 – Relações contemporâneas - conexão e des-conexão: Eis a não questão mas a incorporação.

1. Desenhos: a tecnologia e a conexão como recurso de relacionamento

“Não choro mais. Na verdade, nem sequer entendo porque digo mais, se não estou certo se alguma vez chorei. Acho que sim, um dia. Quando havia dor. Agora só resta uma coisa seca. Dentro, fora¹².”

(Caio Fernando Abreu)

1.1 - Sobre os relacionamentos na contemporaneidade

O relacionar-se nunca deixou de existir na história do mundo, tampouco deixaria de existir na contemporaneidade e nos avanços tecnológicos provenientes dela. Essa é uma afirmativa que os pensadores das relações interpessoais e da contemporaneidade, anteriormente citados, se colocam em uma instância de questionamento. Se os relacionamentos ainda existem, o que foi alterado na contemporaneidade? A partir da máquina incorporada pelo Homem, a qual é capaz de modelar até o corpo, como os relacionamentos podem ser compreendidos ou apreendidos?

Acostumados a uma nova lógica de relacionamentos, os habitantes do mundo parecem querer das pesquisas, receitas de como lidar com esse “relacionar-se” e com os sofrimentos gerados pela mudança de padrões. O que parece ser buscado, atualmente, é viver um relacionamento e todos os benefícios que provém dele sem a necessidade dos sofreres que fazem parte da constituição do mundo, buscando infinitas possibilidades para que o vínculo não seja tão penoso. E podemos falar em vínculo ou precisamos de outro nome?

Um novo termo coloca-se na contemporaneidade: a conexão. Esse termo é intimamente ligado ao desenvolvimento da tecnologia e sua incorporação pelo Homem. Temos, então, o

¹² Trecho retirado do livro Morangos Mofados de Caio Fernando Abreu. O livro encontra-se disponível na página da internet: <http://www.scribd.com/doc/4913765/Caio-Fernando-Abreu-Morangos-Mofados>.

surgimento de relacionamentos em um padrão de rede que pode ser a conexão e/ou a desconexão. Tais termos provêm, sem dúvida, da internet e demonstram a descartabilidade operante da lógica atual. Relacionar-se, portanto, adquire a forma de vínculo como conexão, pois atingimos um padrão no tempo de curta duração. Assim, o vínculo parece ser eliminado, cada vez mais, do cotidiano dos habitantes do mundo e a conexão ganha espaço na construção dos relacionamentos. A duração das conexões não precisa ser, na prática, tão curta quanto se percebe, mas psiquicamente ela pertence a um mundo em que o objeto não existe sem uma funcionalidade.

Esses padrões de relacionamentos são exemplificados dentro do ambiente virtual, no qual é mais facilmente compreendido o conceito de descartabilidade das conexões. É nessa lógica que, à primeira vista, chegamos aos relacionamentos via internet. O importante, no percurso, é entender que a internet e seus relacionamentos, não participam da mesma lógica dos anos de 1990 e sim ocupam outros lugares.

A lógica dos anos 1990 funcionava por meio de uma distinção entre encontro virtual e encontro real no qual o envio de *email* causava estranhamento diferindo do que se tem nos dias atuais. Nesse processo, chegamos às ruas onde o encontro real parece ter uma qualidade próxima ao encontro virtual. Dito de outra maneira, o encontro virtual não precisa seguir-se do encontro real, visto que o homem incorpora a máquina tecnológica e a partir dela interage com o mundo.

Assim, a tecnologia diante do homem como possibilidade de interação parece colocar em segundo plano uma necessidade, outrora tão importante, de um encontro real. Uma hipótese que se formula é de que os relacionamentos virtuais deixam as telas e ganham as ruas, seguindo a semelhante lógica virtualizada. De acordo com Bauman (2003), “as relações virtuais (rebatizadas de ‘conexões’) estabelecem o padrão que orienta todos os outros relacionamentos” (p. 13).

Podemos nos deter nos relacionamentos interpessoais ou desdobrar essa questão também para um corpo maquinizado, que está em processo de construção. Para Lévy (1996), a comunicação virtual é um elemento de um processo que abrange toda a vida social:

“Um movimento geral de virtualização afeta hoje não apenas a informação e a comunicação, mas também os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência. A virtualização atinge mesmo as modalidades do estar junto, a constituição do “nós”: comunidades virtuais, empresas virtuais, democracia virtual... Embora digitalização das mensagens e a extensão do ciberespaço desempenhem um papel capital na mutação em curso, trata-se de uma onda de fundo que ultrapassa amplamente a informatização.”(Lévy, 1996, p.11)

A partir das considerações de Lévy, podemos pensar com certo otimismo quanto às tecnologias do universo em expansão, tanto nas relações que se estabelecem e no corpo criado na contemporaneidade, quanto em uma sociedade que parece emergir nesse instante. Tais questões podem ser pensadas como um sofrimento embotado na sociedade contemporânea para que ela exista?

Em contrapartida ao pensamento de Lévy, que parece enxergar a sociedade virtual como um universo em expansão, Baudrillard (1991) busca uma contraposição da imagem de um universo que implodiu e perdeu sua substancialidade. Segundo Lévy (1996), o funcionamento da sociedade em um padrão de rede funciona como um motor da expansão do universo social contemporâneo. Baudrillard entende que esta tensão gerou um esvaziamento da realidade ou das possibilidades de se existir de modo diferente do padrão proposto. A existência de lugares como os hipermercados, que são organizados para que os seres humanos se relacionem com os objetos a partir das imagens a eles associadas (hipermercadorias), gera a fragmentação das cidades e o esvaziamento das atividades sociais. As relações se desertificam, pois o sentido parece ter esvaziado-se:

Não existe relevo, perspectiva, linha de fuga em que o olhar corra o risco de perder-se, mas um ecrã total onde os cartazes publicitários e os próprios produtos, na sua exposição ininterrupta, jogam como

signos equivalentes e sucessivos. Há empregados apenas ocupados em refazer a parte da frente da cena, a exposição da mercadoria à superfície, onde o levantamento por parte dos consumidores pôde criar algum buraco. O *self-service* contribui ainda mais para esta ausência de profundidade: um mesmo espaço homogêneo, sem mediação, reúne os homens e as coisas, o espaço da manipulação direta. Mas qual deles manipula o outro?”(Baudrillard, 1991, p. 97-98)

Em relação à qualidade asséptica obtida nos hipermercados, podemos perceber as cores escolhidas, a forma da mercadoria exposta à impulsividade da compra, bem como a rotineira aparência desses centros independente da cidade em que o indivíduo esteja. Tudo parece ser criado para que o consumidor sintasse “em casa” e aproveite seu dia para as compras necessárias e também aquelas que não são tão necessárias assim. Esse é nosso dia-a-dia?

Vivemos em um mundo em que parece não se precisar do outro para qualquer informação. Ao chegar em qualquer ponto da estrada ou da rua, pode-se avistar a quilômetros as inúmeras setas que nos guiarão em direção a estes hipermercados, em direção a este lugar em que a mercadoria surge como forma de interação. E quando se tem a interação com o vendedor, por exemplo, cada vez que adentramos no hipermercado encontramos vendedores diferentes. Existe uma rotatividade tão alta de funcionários nos centros de compras, que nem se quiséssemos adiantaria guardar um nome. Essa é uma questão pelo menos engraçada, mas pode ser trágica, caro leitor. Segundo Baudrillard (1991) “trata-se aqui de um outro tipo de trabalho, de um trabalho de aculturação, de confronto, de exame, de código e de veredicto social: as pessoas vêm encontrar aí e selecionar objetos – respostas a todas as perguntas que podem fazer-se.” (p.97)

E assim, nos conectamos e desconectamos. O que permanece é uma questão: como a sociedade apreendeu essa informação e como ela lida com esse estilo de vida sem qualquer resistência? O mundo parece ter um prazer nas compras diárias, sejam elas quais forem. Do *pão nosso de cada dia* aos relacionamentos de uma noite, somos consumistas ou consumidores de estilos de vida, com uma aceitação inquietante de uma normalidade

causadora de sofrimentos cada vez mais presenciados nos consultórios de psicologia, por exemplo.

1.2 - Até que a morte se-pare: Falaremos de amor... ou de des-amor?

*“Acabo de comprar uma tv a cabo
Acabo de entrar na solidão a cabo
Acabo de comprar uma tv a cabo
Acabo de entrar na solidão”¹³(Otto)*

Os questionamentos em relação ao amor vivido na contemporaneidade passam, indubitavelmente, por nosso subtítulo. Ao passo que a afirmativa “até que a morte os separe” parece fazer pouco sentido nos dias de hoje. Deixemos de lado o tempo útil da duração eterna para que adentremos em novos padrões de conexão e funcionalidade do mundo contemporâneo.

Por mais que casamentos ou relacionamentos durem até a morte do parceiro, o que parece ter sentido é a possibilidade de não-apego a essa forma de relacionar-se podendo se desconectar dela quando julgar necessário. E destaquemos: nosso adolescente ainda não se casou. Como será sua vida adulta, quando falamos em amor?

Sem dúvida, um mundo que se apresenta móvel, caótico, fragmentado, em constante movimento, produção e consumo, que nada acaba ou completa, que interconecta os seus habitantes, inserindo-os em redes de comunicação e os introduz em todo tipo de sistema *online*. Um mundo assim constituído, infelizmente, não consegue ser o lugar de personagens fixas, cristalizadas, unidirecionais em suas ações.

Na lógica de compressão de tempo e espaço da contemporaneidade, as relações passam a ser, a qualquer preço, mais fluidas, breves, instantâneas, diversificadas e instáveis. Como assinala Giddens (1991), estamos tornando extemporâneo o amor romântico, fincado na

¹³ Estrofe da música Tv a Cabo, composta pelo cantor Otto. Encontrada no disco: *Changez Tout*: Samba pra Burro Dissecado (2000)

promessa de amor eterno, pautado na indissolubilidade do casamento, na dedicação total ao parceiro e na predisposição ao sacrifício para consumir o projeto do amor indemolível. Em seu lugar surge, ainda segundo o autor, uma forma mais plástica de amor e relacionamento amoroso: o amor confluyente e o relacionamento puro. Neles o afeto e o relacionamento são contingentes e baseados em uma negociação de correspondência dentro de uma relação horizontalizada entre as combinações possíveis de formação de casais e inspirada em valores de igualdade entre as partes. O amor confluyente, diferentemente do abnegado amor romântico, dura como durar a co-satisfação entre os parceiros.

Em um mundo no qual alguns padrões de relacionamento não existem, temos como resultado que, “o conjunto de experiências às quais nos referimos com a palavra amor expandiu-se muito. Noites avulsas de sexo são referidas pelo codinome de ‘fazer amor’” (Bauman, 2004, p.19), E se o relacionamento não precisa durar, há, portanto, possibilidades de que um próximo amor seja uma experiência mais estimulante que a anterior, porém não tão emocionante como a que virá no futuro.

Nossa, mas já acabou o amor? Essa é a lógica das infinitas possibilidades de um tempo em que não se necessita da expressão: até que a morte os separe! Dentro dessa lógica, Bauman (2004) nos faz pensar, e, muitas vezes nos angustiar que a descoberta de que a partir desse modelo de vida é que uma série de eventos amorosos se amplia e o conhecimento advindo disso é: um *amor* como episódios intensos, curtos e impactantes, desencadeados pela consciência, a priori, de sua própria fragilidade e curta duração.

Acostumados a entender que, ao amor, se atribuem duas pessoas incompletas e que buscam, uma na outra, a possibilidade de se completar, temos a idéia diferenciada do que se almeja na contemporaneidade, em que o *amor* se configura como um modelo pronto a ser consumido. Assim, ao trazer parte do pensamento de Francis Bacon, Bauman (2004) apresenta uma definição de amor como: “amar significa abrir-se ao destino, a mais sublime de

todas as condições humanas, em que o medo se funde ao regozijo num amálgama irreversível” (p.21). Com essa ação, não se pensa na liberdade do ser individual.

Na perspectiva da cultura atual, será difícil viver o amor. Assim, a cultura consumista, em que tudo vem pronto ou com garantias de seguro total, o amor não parece se render a esse estilo de vida. Então, não há amor... As relações parecem se fundamentar em um des-amor, em uma simples conexão contra o sofrimento. E em qual estrada nossa sociedade se está? Simplesmente aceitamos, passivamente, habitar um mundo em que não amaremos?

Bauman (2004) afirma que “amar significa estar a serviço, colocar-se à disposição, aguardar a ordem. Mas também pode significar expropriar e assumir a responsabilidade. Domínio mediante renúncia, sacrifício resultando em exaltação.” (p.24). Refletindo sobre isso, podemos encontrar respaldo no desejo, que significa essa força motriz que nos leva a vida ou à morte. Ou dito de outra maneira, “o desenho do desejo – aquilo que apareceu no papel de seda sobre a moeda” (Herrmann,1999, p.44). O desejo, que somente se dá pelos seus contornos, circunscrito neste tempo de relacionamentos à moda dos supermercados, em que a satisfação imediata parece ser uma busca incessante, é assim caracterizado por Bauman,

o único desejo que pode (e deve) ser implantado por meio da visita a um shopping é o de repetir, vezes e vezes seguidas, o momento estimulante de ‘abandonar-se a impulsos’ e permitir que estes comandem o espetáculo sem que haja um cenário predefinido (Bauman, 2004, p.26).

É importante entender que desejo e impulso podem ser pensados como parentes, mas são parentes muito distantes. No mundo atual, agir por impulso nos dá a perspectiva do caçador que conseguirá sua presa na rapidez do pulo, mesmo porque a presa está pronta nessa espera, eminentemente descartável após a primeira noite de sexo. Ou, mesmo durante um tempo maior, retomo a discussão anterior de que os relacionamentos se configuram na possibilidade de serem abandonados quando perdem sua funcionalidade. Dessa forma, seria necessária uma força de resistência a esse modo de vida escolhido e assumido pela contemporaneidade?

A lógica da mercadoria não parece ser tão diferente da lógica encontrada nos relacionamentos, de modo que deles espera-se que quanto menor o investimento, menor a insegurança gerada quando seu fim for percebido. “A conveniência é a única coisa que conta, e isso é algo para uma cabeça fria, não para um coração quente (muito menos superaquecido)” (Bauman, 2004, p. 37).

O que nos atenta nessa discussão da conveniência dos relacionamentos é que eles parecem ter sido adquiridos em uma loja de conveniência, na qual nem é necessário percorrer todo o super ou hipermercado para que se consiga um exemplar que aceite esse tipo de relacionamento. A mercadoria está a postos esperando o comprador, mas tampouco se sabe quem funciona como comprador e quem funciona como mercadoria.

Todavia, Bauman (2004) nos faz pensar sobre a modernidade líquida e nos convida, em sua reflexão, a encarar um mundo no qual os habitantes detestam tudo que é sólido e durável, tudo que não se ajusta à lógica do instantâneo. Estamos nos acostumando a receber e descartar qualquer forma de relacionamento com uma rapidez cada vez mais líquida. Na contra lógica, o ato de viver juntos significa dividir o mesmo barco, a ração e o leito da cabine. Significa ter que receber juntos as alegrias e as agruras da viagem, com neblinas que aparecem e desaparecem, com a vontade de atracar ou de seguir por mais um trecho. Não obstante, nos diários de bordo não se contam as desventuras, somente a vida a dois: a edição. Nessa perspectiva, parece que o viver juntos ganha um caráter de livro bonito que se coloca em estantes cada vez maiores, mas muito menos visitadas.

Do relacionar-se à conectividade pretendida, teremos, então, um mundo em que os seres humanos permanecem horas em silêncio nos seus afazeres, mas não deixam de estar *online* nos seus programas de conversas via internet, podendo ter o remédio contra a solidão contemporânea, mesmo que esse remédio só funcione em parte. Ou seja, funciona na dualidade entre estar e não estar sozinho. É indubitável que a solidão não é pretendida pelo

ser humano. Ele é lançado a ela. O outro ainda lhe é imprescindível. Não obstante, a conectividade vem dando respostas a essa dualidade, lutando para “apreender a difícil e irritante dialética desses dois elementos inconciliáveis - o eu e o outro.” (Bauman, 2004, p. 51).

Os *chats*¹⁴ e o *MSN messenger*¹⁵, por exemplo, deixam o homem sempre a postos para uma conversa instantânea e de curta duração, na qual não se importa muito a profundidade dos assuntos tratados, mesmo porque isso é algo que a contemporaneidade vê com certa repulsa. Mesmo os indivíduos que ficam longos períodos na mesma conversa não parecem se aprofundar nos assuntos em questão. O “camarada” no *chat* e no MSN tem a função de não deixar que a solidão seja parte da constituição do homem. Em contrapartida, o *chat* é só um exemplo do padrão de conectividade, encontrado em todos os outros lugares fora da internet, seguindo a mesma lógica.

2 - Os olhares diretos ao adolescente e suas inter-relações na contemporaneidade.

Ao se caminhar pela contemporaneidade e observar-lhe questões relativas à mobilidade, flexibilidade e efemeridade, podemos perceber que existe uma escolha do adolescente como modelo desse novo modo de pensar e agir. A ele, são arrojadas tais qualidades e sobre ele é que, principalmente, vão-se realizar esses intuitos da contemporaneidade e as subjetivações participantes. O adolescente é o arquétipo de uma espécie de “caixeiro-viajante”, sem raízes ou em processo de desenraizamento plástico e flexível.

Em nossa discussão sobre adolescência, fomos à busca de alguns autores que pudessem nos ajudar a pensar tal questão. Foi Erickson (1976) que institucionalizou a adolescência. Dentro de seu pensamento, pudemos perceber algumas questões iniciais, uma caracterização

¹⁴ Os chats são salas delimitadas de conversa na internet em que os participantes podem conversar entre si em uma conversa a dois ou com mais membros presentes nessa sala de bate papo.

¹⁵ MSN messenger é um programa de conversa instantânea bastante utilizado atualmente. Por meio dele é montada uma rede de contatos em que é permitido saber que usuários estão *online* e *offline* para que assim possa ser estabelecido um diálogo entre os mesmos

dessa fase de desenvolvimento como uma confusão de papéis, de dificuldades em estabelecer uma identidade própria, assim dando a ela "um modo de vida entre a infância e a vida adulta" (Erickson, 1976, p.128).

Partindo da adolescência como moratória, conceito fundamentado por Erickson (1976), Calligaris (2000) analisa, de forma interessante, as dificuldades que os jovens vão encontrar em sociedade para se inserirem nesta fase tratada como adolescência, instituída em nossa cultura e que, para o autor, se tornou hipotética, precisando de maiores estudos a partir do momento em que "o olhar adulto não reconheceu nelas os sinais da passagem para a vida adulta" (Calligaris, 2000, p.20).

Numa sociedade em que os adultos fossem definidos por alguma competência específica, não haveria adolescentes, só candidatos e uma iniciação pela qual seria fácil decidir: sabe ou não sabe, é ou não é adulto. Como ninguém sabe direito o que é um homem ou uma mulher, ninguém sabe também o que é preciso para que um adolescente se torne adulto. O critério simples da maturação física é descartado. Falta uma lista estabelecida de provas rituais. Só sobram então a espera, a procrastinação e o enigma, que confrontam o adolescente - este condenado a uma moratória forçada de sua vida - com uma insegurança radical. (Calligaris, 2000, p.21).

O autor caminha em sua investigação, pontuando a dificuldade dos jovens em obter, da sociedade, informações que lhes possibilitem superar a moratória e conclui que, o adolescente, na falta de definição do que precisa se tornar, termina sendo ou parecendo um intérprete dos desejos adultos, Assim, ele começa a "descobrir a nostalgia adulta de transgressão, ou melhor, de resistência às exigências antilibertárias do mundo. Ele ouve, atrás dos pedidos dos adultos, um 'faça o que eu desejo e não o que eu peço' e atua em consequência" (Calligaris, 2000, p.28). Dessa forma, Calligaris retoma outra concepção mais abstrata acerca da adolescência em que uma fonte de pensamento jovem se encontra nos desejos adultos e não nas formas de vida.

A cena montada dessa instabilidade se instaura no adolescente, movido para o rastreamento das melhores possibilidades e rumos para sua vida de acordo com a psique formada no Real. Embora a condição de “caixeiro-viajante” não seja específica dos adolescentes, acreditamos ser neles que ela se faz mais imperiosa. Alguns exemplos dessa indispensável mobilização são encontrados nas constantes mudanças da adolescência, em relação a migrações geográficas para estudar ou trabalhar, o que configura a condição de “caixeiros-viajantes”, em constante trânsito, em função das exigências. Ou, ainda, podem ser encontrados na condição das mudanças constantes no consumo de conceitos, presente em toda a sociedade, porém bem balizada no adolescente por sua condição itinerante.

Além disso, o lugar ocupado por esse sujeito, como portador das potencialidades de mudanças que processam a transposição da diferenciação de uma geração para outra, faz dele o porta-voz da intensificação das tendências que se despontam no mundo. Assim é que, além de itinerante, o adolescente se torna uma fórmula importante no ritmo de vida, na plasticidade e na multiplicidade de conceitos, constituindo-se como um sujeito movediço, não apenas possuindo facilidade para se deslocar no espaço geográfico, como também para fazer esse deslocamento em suas conexões.

A condição de caixeiro-viajante exige, do adolescente em questão, uma plasticidade afetiva como capacidade para estabelecimento de conexões adaptadas com hábitos, rotinas, e renovações de idéias bem como valores. Esse adolescente encarna o espírito de renovação, bastante atual na cultura contemporânea em busca do desbravamento de territórios ainda não ocupados em uma condição de constante descoberta.

De acordo com as idéias de Bauman (1997), a compressão do tempo, assinalada por muitos autores como uma das marcas da contemporaneidade, desaparece com a noção de passado,

presente e futuro, situando o sujeito em um tempo único no qual o imediatismo prevalece como lógica de satisfação dos desejos e necessidades.

Nada mais de fé num futuro necessariamente melhor que o presente; nada mais de espera pelo combate final e pela Cidade Radiosa: a absolutização do porvir histórico foi sucedida pela inquietação, pela pane das representações do futuro, pelo eclipse da idéia de progresso. (Lipovetsky, 2004, p.66)

Dentro dessa mesma lógica, o futuro não está por vir, uma vez que ele já chegou, de modo que ele pode até ser antecipado, como acontece, por exemplo, com o consumo mediante o sistema de crediários ou de outras formas de endividamento. Assim, “a norma moral parece resumir-se cada vez mais à questão das quantidades adquiridas e gastas, não só na alimentação, mas em toda a vida social” (Herrmann, 2001, p.190)

Como responsável pelas novas subjetivações da lógica da contemporaneidade, o adolescente se coloca não mais como o futuro ou promessa da realização dos sonhos das gerações anteriores, mas como aquele que está à frente de seu próprio tempo e, portanto, precisa consumir o seu próprio futuro. Aliás, o sonho a ser conquistado em um futuro distante já não tem lugar no mundo do presentismo¹⁶. No máximo, pode acenar a algo que esteja ao alcance e que possa ser conquistado rapidamente.

Esse adolescente encontra-se recompensado por um tempo que avança rapidamente, de modo que ele tenha que elaborar e movimentar-se na superabundância de acontecimentos que se desencadeiam à sua volta. É sobre ele que se realiza, mais extensiva e radicalmente, a ruptura das fronteiras do tempo tornando-o um sujeito do presentismo, pronto para responder a todas as demandas que se formam ao seu redor. Assim, ele não pode adiar ou remeter para um "futuro" algumas realizações e necessidades.

¹⁶ O termo presentismo advém do teórico Guilles Lipovetsky (2004), podendo ser encontrado no livro Tempos Hipermodernos.

Viver em um mundo em que, segundo o pensamento de Lipovetsky (2004), a temporalidade é denominada pelo precário e pelo efêmero, o que torna esse adolescente responsável por esse novo estilo de vida. Logo, “cada domínio apresenta uma vertente excrescente, desmensurada, ‘sem limites’” (Lipovetsky, 2004, p.55). O mundo do consumo não comporta adiamentos, apegos, estabilizações, recusas, renúncias, paciência e tolerância. Necessita de um sujeito ativo, questionador, impaciente, instável, pronto para renovar seus desejos, impulsivo, incapaz de renunciar e conviver com frustrações.

Esse adolescente representa a metamorfose, o ritmo frenético, o tempo acelerado, a competitividade, o vigor produtivo e consumista da contemporaneidade.

Assim, é, também, sobre ele que recai a função de subjetivação de outra grande marca da contemporaneidade: a re-ligação do sujeito nas redes de informação e de produção da realidade virtualizada. São principalmente os adolescentes que se tornaram alvo da internet e da informática. Nesse sentido, não é uma des-razão, inclusive, pensar que os jovens têm sido apresentados como empreendedores bem-sucedidos nesse mercado tecnológico. São vários os casos, amplamente difundidos pela mídia cultural, de adolescentes que fizeram grandes descobertas de tecnologias e criaram alguns produtos que os tornaram ricos e reconhecidos rapidamente, uma vez que buscam incessantemente fama e fortuna. Até os comerciais televisivos usam a imagem de crianças que dominam facilmente a tecnologia e a ensinam para seus pais. É enorme a influência da informática, da internet e dos demais meios de virtualização da realidade na sociabilidade dos adolescentes. E, nessa perspectiva, a incorporação da tecnologia pelo adolescente pode causar inquietação. Quais serão os novos adolescentes e os novos adultos?

Nesse contexto de tecnologização, encontramos uma das consequências desse Homem do presente, que busca

sempre mais exigências de resultados a curto prazo, fazer mais no menor tempo possível, agir sem demora: a corrida da competição faz priorizar o urgente à custa do importante, a ação imediata à custa da reflexão, o acessório à custa do essencial (Lipovetsky, 2004, p.77).

A cultura do descartável, outra marca da contemporaneidade, enaltece a adolescência e coloca à margem, especialmente, os idosos. O consumismo depende, evidentemente, do descarte de objetos de consumo com a consequente renovação da demanda. É também evidente que a propensão para o descarte depende de uma disposição psíquica na relação com os objetos, de tal forma que o abandono e o descarte são premiados com o prazer e, portanto, as práticas de retenção e conservação serão castigadas com desprazer. Assim, as atitudes para com as "mercadorias" propriamente ditas, inevitavelmente, estarão relacionadas com a orientação geral direcionadas para o mundo e com o tipo de vinculações estabelecidas entre o sujeito e esse mundo. Portanto, a descartabilidade não se realiza apenas com os chamados "objetos de consumo", mas com todos os objetos. Na verdade, ela designa um modo de relacionamento do sujeito com um mundo instaurado pela efemeridade e o imediatismo.

Nova relação com o tempo que é igualmente exemplificada pelas paixões consumistas. Ninguém duvida de que, em muitos casos, a febre das compras seja uma compensação, uma maneira de consolar-se das desventuras da existência, de preencher a vacuidade do presente e do futuro (Lipovetsky, 2004, p.79)

Nessa reflexão, podemos perceber que ao se estudar o mundo contemporâneo, observamos que,

face à invasão da vida privada por sistemas globais de comunicação e determinação de idéias, a raiz mesma do ato humano foi-se erodindo de tal forma que, hoje, a confiança não só na eficácia de um ato particular, mas na autonomia da razão que o produz, em sua raiz, reduzem o sujeito à condição de personagem de uma espécie, parábola da qual desconhece a autoria (Herrmann,2001, p.189)

A cultura do descartável, assentada no consumismo, invade as subjetividades deixando de lado as clássicas figuras da identidade que destacam a estabilidade e a solidez. Porém, como

lembra Rolnik (1997), a abertura para o novo, capturada pelo mercado, "nada tem a ver com flexibilidade para navegar ao vento dos acontecimentos - transformações das cartografias de forças que esvaziam de sentido as figuras vigentes, lançam as subjetividades no estranho e forçam-nas a reconfigurar-se" (pp. 20-21). Ao criticar o identitarismo fortemente presente nas concepções de sujeito, a autora nos alerta para o fato de que a globalização, ao triturar as identidades, minando as fronteiras que a cercavam, acaba apenas substituindo as identidades "locais" pelas "globais flexíveis", conceitos dela, produzindo verdadeiros *kits-padrão* de identidade, disponíveis no mercado para consumo e renováveis a cada momento. Segundo a própria autora, o adolescente hoje vive exatamente a condição do sujeito contemporâneo.

Tratamos, portanto, de um mundo que não favorece a aproximação entre as pessoas, a criação de vínculos duradouros. Nesse cenário, o adolescente se vê instigado a estabelecer o modo típico de relacionamento desse tempo: relações breves, voltadas para a satisfação de necessidades e desejos imediatos, sem compromissos que ultrapassem o momento da relação. Se usarmos uma expressão radical, diríamos que os relacionamentos atuais são instantâneos, ou seja, possuem a exata duração da confluência de demandas efêmeras, uma vez que se renovam continuamente e se multiplicam. Não há lugar para relacionamentos duradouros, articulados a um projeto futuro, capazes de catalisar demandas diversas e estabilizar relações, especialmente aquelas que circunscrevem pares, casais, pequenos agrupamentos e espaços afetivos locais. Podemos então, retomar dois conceitos tratados anteriormente com a intenção de entender como funciona a lógica instaurada nos adolescentes: Realidade e Identidade.

Identidade e Realidade são dois resultados correlatos da redução do real pela rotina, são dois aspectos conjugados do panorama do mundo: o primeiro garante a mesmidade ilusória do sujeito, o segundo a naturalidade não menos ilusória do mundo cotidiano. (Herrmann, 2001, p. 192)

Com a ruptura dessa ilusão, nos deparamos com o “absurdo, a presença produtora do Real humano, com o peso de todas as suas contradições, exceções e de todos os seus conflitos”

(Herrmann, 2001, p.190) aproximando-se muito mais da experiência psicótica do que da realidade rotineira.

Dentro dessas considerações, encontramos um outro olhar sobre esse adolescente, que passa a não precisar de idade limite para ingressar na vida adulta. E será que ele ingressa? Algumas mudanças na sociedade precisam ser levadas em consideração. Que diferenças podemos perceber em relação aos adolescentes de outrora e os de hoje?

Convidamos o leitor a se dirigir a qualquer lugar onde tenha adolescentes. Além da musculatura e da brutalidade corporal, poderemos perceber outra transformação radical nesse cenário público, no qual se retrata a aparência dos adolescentes e jovens adultos. Essa distinção entre adolescentes e jovens adultos também parece se tornar uma dificuldade em ser estabelecida. Assim, caminharemos até conseguirmos algo que nos faça pensar mais sobre tais termos.

Assistimos, na contemporaneidade, a uma transformação importante na condição adolescente, cuja duração, parece se estender cada vez mais, de maneira a se identificar ao que, outrora, denominávamos jovens adultos. De acordo com Birman, “a fronteira que separava com facilidade e distinção essas duas condições da existência, como territórios bem diferenciados, se apaga progressivamente” (Birman,2008, p. 80). Com efeito, o que encontramos nos dias de hoje são apenas pequenas bordas, que se misturam nos espaços, antes delimitados, para esses dois territórios. Bordas essas, que têm como característica uma porosidade presente no que antes tínhamos como uma linha de demarcação.

Avançando um pouco nessa trajetória, podemos perceber algo novo acontecendo. Se a idade final da adolescência tem, agora, porosidades, e seu início? Que idade começamos a pensar como adolescente? Birman (2008) coloca que a adolescência tende a começar em uma época cada vez mais precoce, provocando uma diminuição da duração do que antes era denominado de infância. Nesse mesmo processo, segundo Birman, “a infância se estreita

atualmente em decorrência dos imperativos de performance, impostos às crianças desde muito cedo, diminuindo bastante o espaço e o tempo dos jogos e brincadeiras infantis, incidindo isso então diretamente sobre o imaginário infantil” (Birman, 2008, p. 83).

A adolescência parece se prolongar como consequência da impossibilidade de inserção social dos jovens no mundo. Exemplos disso podem ser encontrados na dificuldade de encontrar o primeiro emprego e nos impasses para a constituição de um novo núcleo familiar. Quando falamos em núcleo familiar, não buscamos um retorno do que outrora era denominação de família, mas de alguma forma gostaríamos de entender qual núcleo familiar tem sido encontrado nos dias de hoje.

O que definia anteriormente a dinâmica das diferentes idades da existência, em suas durações e seqüências bem delimitadas, era um *paradigma* da ordem social regulado pelo horizonte de inserção da juventude no mercado de trabalho e no limiar de poder construir um outro núcleo familiar, de maneira a delinear certas possibilidades simbólicas e definir seus limites estritos. (Birman, 2008, p. 84)

Dentro das leituras a respeito da adolescência, podemos encontrar as teorias biologizantes, que a concebem em uma sobreposição com a puberdade e como desdobramento das produções hormonais daí advindas. Em outro enfoque, abordaremos as teorias psicologizantes, que interpretam a adolescência como uma fase de maturação do psiquismo. Não obstante, esses dois enfoques não conseguem dar conta do que se passa, hoje, com a condição adolescente, na medida em que a dimensão simbólica desta é inseparável das transformações prescritas nas ordens social, econômica e política.

Podemos encontrar, na atualidade, pais que parecem buscar uma realização singular de seus desejos e projetos existenciais, sustentando assim um ideal de experimentação permanente. Tais experimentações, além de se encontrarem em oposição ao antigo código matrimonial monogâmico, interferem no espelho que o adolescente encontrará em sua constituição. Desse modo, os próprios pais passam a adotar um estilo adolescente de existência.

Em decorrência disso, a autoridade simbólica dos pais parece se fragilizar de forma progressiva e os filhos adolescentes começam a encará-los quase como iguais. Temos ou teremos quase parceiros na aventura inquieta da existência, produzindo com isso uma transformação radical na família?

Essas transformações fazem parte da constituição familiar da atualidade. A parcela mais atingida por esse processo parece ser os adolescentes. Segundo Birman “impossibilitados de se inscreverem no mundo do trabalho e do reconhecimento simbólico de sua potência, ficam à deriva, em uma espécie de adolescência prolongada e quase infinita” (Birman, 2008, p. 95).

2.1 - Os “novos” adolescentes: seus piercings e suas tatuagens.

A partir de uma transformação nesse estilo de vida contemporâneo, podemos perceber uma necessidade de se criar uma imagem corporal, que possa dialogar com o mundo. Os *piercings*, por exemplo, visam dar consistência a uma imagem corporal que, no limite, se desvanece e se fragmenta, dissolvendo-se em sua suspensão e despedaçamento.

Como parafusos perfurantes, que se incrustam nas dobras do nariz, da boca, da língua, das orelhas e dos órgãos genitais, os *piercings* são *próteses* pelas quais se procura estabilizar a imagem corporal, já que esta não se mantém em pé por si própria. Prestes a se desvanecer a qualquer momento, ela precisa desses artefatos para se manter minimamente estruturada. Depreende-se daí que os *piercings* funcionam como parafusos de uma *máquina ortopédica*, que nos evocam ainda, é claro, os *autômatos* pós-modernos. (Birman, 2008, p. 98)

Dentro desse caminho de comunicação do adolescente e de suas impossibilidades, além do não-reconhecimento desse discurso, teremos, à mão, outras formas de linguagem. Ao pensarmos em tatuagens e piercings, não retornaremos ao que essas linguagens significaram no passado, com nossos antepassados, mas teremos por perto “escritas corporais, pelas quais a gramática do verbo se transforma em escritura corpórea.” (Birman, 2008, p. 101). Se as palavras não podem ser escutadas, apesar de serem ditas, o sujeito busca ser reconhecido pela

retórica corporal, que passa a ser enunciada em sua impactante visualidade. Assim, “a *escrita*, então, assume o lugar e a função da *voz*, no deserto discursivo do mundo pós-moderno” (Birman, 2008, p. 101).

Sem voz e sem comunicação, adolescentes de várias idades, encontram-se sem referência, sem filiação. Amigos de seus pais, estes procuram no mundo um lugar para a identificação. Habitam mundos imaginários, tornando-se órfãos do mundo inóspito que lhes foi dado pelos pais. Essa é, enfim, a condição *trágica* dos adolescentes e dos jovens adultos na atualidade.

A adolescência, logo, não é vista aqui como uma fase natural do desenvolvimento e uma etapa natural entre a vida adulta e a infância. É vista como uma construção social com repercussões na subjetividade e no desenvolvimento do homem contemporâneo. Este é um momento significado, interpretado e construído pelos homens. A ele, estão associados as marcas do desenvolvimento do corpo. Essas marcas constituem também a adolescência como fenômeno social, mas o fato de existirem como marcas do corpo não deve fazer da adolescência um fato natural.

2.2 - Navegando na internet, acessando o *Orkut* e teclando via MSN...

Para essa pesquisa, o *Orkut* e as demais formas de contatos entre os adolescentes, virtuais ou não, se tornam uma questão inquietante. O recorte na faixa etária pretendida passa pelo entendimento de que os adolescentes, aqui recortados aos brasileiros, de condição sócio-econômica média e alta, estão quase em totalidade conectados à internet, diferindo-se dos adultos que não tiveram a internet, bem como algumas tecnologias como recursos de sua constituição. O objetivo é entender como se dá essa nova lógica de relacionamentos na contemporaneidade. Dessa maneira, o *Orkut* seria um exemplo dessa ilha de edição, visto que os usuários têm todo um cuidado para se mostrar dentro dele. Esse cuidado vai desde as fotos

colocadas no álbum até os complementos de seu perfil, respondendo a perguntas iniciais que formarão o seu perfil de usuário do sistema.

A escolha do *Orkut* se faz necessária pela especificidade do programa, que pode ser enquadrado em um grupo de softwares que possuem as mesmas características, porém não são utilizados por brasileiros – diferente de outros usuários no mundo - da mesma forma que o *Orkut*.

O usuário do *Orkut* se modela de acordo com suas mudanças, fazendo alterações frequentes em seu perfil de usuário, fazendo suas edições e a-parecendo ao outro. Em cada atualização ele comunica a seu grupo de amigos seus novos gostos e seus novos modelos. Trata-se de um processo de exploração pública da intimidade ou, dito de outro modo, esta exploração pública da intimidade parece ser um eixo fundamental para se pensar a intimidade no contemporâneo e as inter-relações, se vistas a partir do *Orkut*, bem como das outras formas de interação dentro o ciberespaço e possivelmente fora dele. Quando falamos no *fora dele*, colocamos a possibilidade dessas relações serem pensadas na estrutura de concreto e não somente entre os cabos de conexão da internet.

2.3 - A criação do *Orkut*: em busca de um processo reprodutivo.

O *Orkut* é um serviço de relacionamentos *online*, implementado em 2004 pela *Google*. Esse serviço foi batizado com o nome de seu criador, *Orkut Buyukkokten*, engenheiro turco que trabalha na *Google*. O *Orkut* oferece um espaço virtual de encontro que permite aos usuários ampliar seu círculo de relacionamentos e conhecer pessoas que compartilhem os mesmos interesses.

Adentrando no site *Orkut*, encontramos alguns dados importantes que explicam a que ele se propõe, segundo seu criador. Segundo texto encontrado no próprio site,

O *Orkut* é uma comunidade on-line criada para tornar a sua vida social e a de seus amigos mais ativa e estimulante. A rede social do *orkut*

pode ajudá-lo a manter contato com seus amigos atuais por meio de fotos e mensagens, e a conhecer mais pessoas. Com o *Orkut* é fácil conhecer pessoas que tenham os mesmos hobbies e interesses que você, que estejam procurando um relacionamento afetivo ou contatos profissionais. Você também pode criar comunidades *on-line* ou participar de várias delas para discutir eventos atuais, reencontrar antigos amigos da escola ou até mesmo trocar receitas favoritas. Você decide com quem quer interagir. Antes de conhecer uma pessoa no *Orkut*, você pode ler seu perfil e ver como ela está conectada a você através da rede de amigos. Para ingressar no *orkut*, acesse a sua Conta do Google e comece a criar seu perfil imediatamente. Se você ainda não tiver uma Conta do Google, nós o ajudaremos a criá-la em alguns minutos. Nossa missão é ajudá-lo a criar uma rede de amigos mais íntimos e chegados. Esperamos que em breve você esteja curtindo mais a sua vida social. Divirta-se. (www.orkut.com.br)

Ao analisarmos o texto inicial, disponibilizado pelo próprio site, podemos perceber uma pré-concepção a respeito das dificuldades contemporâneas de relacionamento, na qual o *Orkut* faz uma sugestão para amenizar esses danos relacionais na contemporaneidade. E se perguntarmos ao usuário? Desse modo, pensamos em um caminho a ser percorrido com três usuários adolescentes. Veremos no decorrer do texto o que eles têm a nos comunicar...

Pensemos, por hora, na origem do *Orkut*. Inicialmente, os usuários do site foram os próprios funcionários da *Google*, e logo depois, esses funcionários da empresa convidaram a comunidade externa para, também, se inscrever no *Orkut*. Essa era, inicialmente, a única forma de se cadastrar no site: por meio de um convite. Hoje em dia não existe mais essa obrigatoriedade, o que permite ainda mais a expansão do serviço.

Atualmente, o sistema possui, aproximadamente, mais de quarenta e três milhões de usuários cadastrados, dentro dos quais o Brasil – que já chegou a deter 72% da população geral do *Orkut* e ainda é o país com maior representatividade. Do total, 57,16% dos membros se declaram de nacionalidade brasileira, o que significa uma população de vinte e quatro milhões de internautas participantes da comunidade. A população geral é predominantemente

jovem, com idade média entre 18 e 30 anos¹⁷, o que engloba 69,11% do total de membros; em consonância com o quadro populacional da Internet em geral. O interesse inicial é em fazer amigos, de acordo com o relatado por 70,24% dos usuários. (c.f. www.orkut.com.br)

Apesar de uma maioria jovem, com a proporção que a comunidade assumiu, podemos encontrar no *Orkut* membros das mais variadas idades espalhados pelo Brasil inteiro, o que independe de uma maior ou menor intimidade com a linguagem informática. Lembremos que habitamos um mundo em que não se pode ficar fora de sua lógica. Logo, independente da vontade ou não, muitos, a contra-gosto, se inscrevem no programa. A interface do *Orkut* possibilita que, nos dias de hoje, qualquer um habite o espaço virtual, tornando-se acessível e localizável a partir de uma página pessoal na comunidade.

2.4 - A edição do perfil: o usuário aceita o fetiche?

Com um modelo padrão de apresentação para todos os usuários, o perfil do *Orkut* foi desenvolvido para registrar um número extenso de informações pessoais. São disponibilizados três tipos de perfil, cada um de acordo com seu interesse dentro do site. Na medida em que o interesse em amigos é o maior, o primeiro e principal é o perfil social em que podemos expor informações de identificação como nome, sexo, idade, estado civil, data de aniversário e naturalidade. Cada membro ainda conta com a possibilidade de escrever um pequeno texto de apresentação de “quem sou eu” e diversas outras características de cunho pessoal como: orientação sexual, religião, posição política, etnia, vícios, estilo, humor, se tem filhos e com quem mora. Em seguida, podemos também descrever nossas atividades, paixões, esportes e preferências quanto a livros, músicas, programas de TV, filmes e culinária. O segundo é o perfil profissional que expõe dados como escolaridade, formação, profissão e

¹⁷ . A informação referente à idade de 18 a 30 anos é questionável, se notarmos que, para que usuário seja aceito, ele precisa colocar no perfil idade superior a 18 anos. No entanto, encontramos muitos usuários com idade inferior a 18 anos, o que leva à questão desta pesquisa.

descrição das habilidades e atividades profissionais. Por último, há o perfil pessoal para aqueles interessados em relacionamentos ou namoro, com a apresentação de suas características físicas e descrição do seu par perfeito.

Uma vez cadastrado no *orkut*, o usuário começa a construir sua rede de amigos. Existem ferramentas que permitem a busca de pessoas pelo nome ou por outros tipos de dados, como cidade, estado civil, orientação sexual, etc. É importante colocar ao leitor que esses dados não precisam ser respondidos em sua totalidade, o que contribui para, mais uma vez, confirmar-se a ideia de ilha de edição, o que se observa a partir do conteúdo que será visualizado pelos demais internautas.

Outra característica importante é permitir ao usuário conhecer e conversar com pessoas que compartilhem os mesmos interesses que ele. Dentro do *Orkut*, encontramos um recurso chamado comunidade. O usuário pode fazer parte de comunidades que evidenciam seus gostos, ou melhor, suas edições. Nessas comunidades, podem-se criar tópicos de discussão, nos quais os membros podem postar¹⁸ suas opiniões sobre os assuntos em pauta, discutir, fazer amizades ou marcar encontros. O perfil se torna a versão virtualizada da concepção de identidade, o que provoca um movimento de definição e circunscrição do eu.

Além da detalhada descrição de si, fica disponível na página pessoal ou perfil - como é chamado pelo programa - um álbum de fotos, depoimentos escritos por amigos da rede, vídeos preferidos, o número de fãs de cada usuário e ícones de classificação, os chamados “karmas”, que sinalizam o quanto cada um é considerado legal, sexy ou confiável pelos seus amigos da rede. Da mesma forma é possível, em reciprocidade, escrever depoimentos, ser fã de alguém e classificar amigos por meio das concessões do “karma”.

Diante da possibilidade de expressar nossos afetos e dizer o quanto o outro nos é especial, essas ferramentas permitem a emersão do não-dito, e, assim, tornam públicas intensidades e

¹⁸ A expressão postar vem do inglês *post* e significa, no *orkut* enviar um recado para um usuário do programa.

paixões, antes subentendidas ou escondidas, ao mesmo tempo que podem colocar paixões e afetos em um padrão de lugar comum¹⁹.

2.2.1 - O uso do *Orkut* ou as possibilidades para a edição.

Dentro do site o usuário pode participar de comunidades em que ele interage com pessoas de escolhas semelhantes. É frequente a existência de comunidades referentes à cidade em que mora, ao brasão da família, às instituições como escolas, empresas e Universidades, aos lugares que se costumava frequentar ou que já se visitou, assim como aquelas comunidades que expressam valores, sentimentos, manias e posições políticas, além de ser muito comum comunidades do tipo “Eu amo” ou “Eu odeio” sobre diversos aspectos ou dimensões da vida cotidiana.

Apesar da proposta inicial de criar um espaço comum para debate, as comunidades do *Orkut* se transformaram também em um expressivo, lúdico e criativo meio de falar sobre si e expressar as particularidades de cada um. Estas comunidades se tornam muitas vezes uma extensão do perfil e de sua proposta de enquadramento do eu. Desse modo, muitos usuários não precisam interagir com os demais membros da comunidade, mas de outro modo são visualizados pelos demais usuários sobre seus gostos e seu cotidiano. É importante ressaltar que o usuário pode deixar de participar da comunidade à medida que se constrói como indivíduo e não mais se parece com a comunidade da qual fazia parte.

A partir desse olhar, as comunidades do site poderiam ser pensadas como diversidades e infinitas possibilidades de uso dessa ferramenta para que o usuário se mostre para o outro: ilha de edição. Em consonância, essas comunidades demonstram o seu poder de capturar qualquer sentimento, idéia, lembrança, pensamento ou posicionamento que acometa o usuário nos momentos aparentemente banais do cotidiano.

¹⁹ Por lugar comum, entendemos a banalização de afetos presentes na contemporaneidade. Um exemplo dessa banalização pode ser encontrado em Bauman (2004) na expressão ‘fazer amor’, bastante frequente no discurso de casais que mantêm noites avulsas de sexo.

De forma diferente, outro recurso muito utilizado pelos usuários é a chamada página de recados ou *scrapbook*. Dentro dele, os amigos e conhecidos podem mandar recados para o usuário de forma dual, diferenciando das comunidades em que os recados circulam em torno de um assunto específico. Entretanto, os *scraps* expostos na página de recados pessoais ou o *scrapbook* podem ser acessados tanto pelo dono da página quanto por qualquer outro membro do site, pois a circulação na rede das interações pessoais tornou-se uma das maiores questões e características do *Orkut*.

Diante da exposição dos recados a toda as comunidades da rede, as conversas entre dois usuários tornam-se públicas, o que suscita e alimenta a curiosidade alheia. Dessa forma, muitas vezes, as páginas pessoais de recado tornam-se um item de exposição ao olhar do outro, ao mesmo tempo em que são o meio de comunicação mais utilizado e destinado à interatividade entre os membros dessa rede. Diante de tal ambiguidade, mandar um recado, via *Orkut*, pode significar mais que trocar ou interagir, pode significar, também, participar e estar em evidência na rede²⁰.

Outro recurso bastante visitado é o álbum de fotos do usuário. Dentro dele, o usuário pode colocar até 10.000 fotos²¹, de modo a expô-las em álbuns diferentes, segundo a escolha do próprio usuário, com título dado por ele mesmo. Essa é uma forma das outras pessoas descobrirem mais sobre usuário visitado. Nesse momento, é importante perceber que as fotos são escolhidas e retratam tão somente o que se deseja mostrar, por exemplo, os lugares frequentados, os amigos, a família, entre infinitas possibilidades. Essa edição de imagens é alterada constantemente, podendo, esse usuário, ser acompanhando pelos outros internautas segundo sua construção de mundo ou de realidade. O que chama atenção para as fotos no *Orkut* é o quanto elas são cuidadosamente escolhidas e alteradas, à medida que não fazem

²⁰ Recentemente, foi disponibilizada uma ferramenta que bloqueia os recados para que somente os amigos do usuário acessem o seu *scrapbook*.

²¹ O limite anterior era de 12 fotos e foi ampliado para 100 fotos, com a possibilidade de aumentar essa quantidade, recurso já realizado com a ampliação para 10.000 fotos divididas em álbuns.

mais sentido dentro do contexto. Um detalhe mais recente e interessante é que o *Orkut* disponibilizou uma espécie de bloqueio de fotos e recados – que o usuário pode utilizar ou não - para que se tenha um tipo de monitoramento em que o usuário, tecnicamente, controla que tem acesso ao conteúdo de seu perfil. O que parece acontecer, nesse momento, é uma escolha pela visualização de nossas edições. Isso já não é um velho conhecido? Dentro do programa, o usuário pode criar um álbum e escolher compartilhá-lo, por exemplo, somente com seus amigos mais próximos, sem que os demais (amigos) conheçam a existência desse álbum.

As alterações no *layout*, bem como nos recursos contidos no *Orkut*, são bastante modificados para atender possíveis insatisfações de seus usuários e integram a lógica do descartável. A partir de um mundo em que a tecnologia é criada para que se torne obsoleta com o surgimento de outra, o *Orkut* parece querer se re-inventar para que não desapareça.

2.2.1.1 – Quem sou eu? Possibilidades de uma ilha de edição.

- “- Quero trabalhar no cinema.
- No cinema... Por quê? Para ficar rico, famoso, para que amem você?
- Não.
- Por quê?
- Para mudar de vida. A cada papel. Mudar de pele. Mudar de passado. Mudar de nome. Mudar de história. Mudar de rosto. Eu detestei minha vida, quero experimentar outras.
- O que você quer é dinheiro fácil, o luxo e as homenagens, que tenham inveja de você, mesmo quando tenha pena de você, o mundo aos seus pés, os caprichos de diva.
- Não me importo.
- É realmente isso que você quer?
- Sim... Eu faria qualquer coisa.
- Que tipo de qualquer coisa?
- Tudo. Eu venderia minha alma ao diabo...
- Mesmo?...”

(Lolita Pille²²)

²² Lolita Pille é uma jovem escritora francesa que em 2005 lançou seu segundo livro, *Bubble Gum*. Este, conta a história de uma aspirante a atriz que faz de tudo para alcançar a fama, mas acaba sendo envolvida por pessoas ainda mais ardilosas que ela. O trecho citado é de seu segundo livro e foi encontrado no perfil de um adolescente de 18 anos no espaço reservado à resposta: quem sou eu.

Em relação às informações referentes ao conceito de ilha de edição, selecionamos no *Orkut* algo que parece exemplificar uma edição de perfil. Dentro do campo dedicado à resposta: quem sou eu, temos todas as possibilidades de contar aos demais usuários um pouco de quem somos. E o que colocar nesse campo?

Durante um passeio na rede, encontramos várias respostas. Nosso passeio se deu da seguinte forma. Entramos no *Orkut* de uma de nossas três adolescentes que foram entrevistadas nessa pesquisa. A partir desse *Orkut*, fomos à busca do primeiro perfil que nos saltava aos olhos e cujo usuário mostrava sua idade inferior a 20 anos. Dentro desse perfil entramos, a seguir, em um de seus amigos com idade inferior a 20 anos. Dessa forma, selecionamos algumas mensagens. Escolhemos algumas delas para colocarmos como introdução do que encontramos durante nossas entrevistas e pensarmos sobre a mercadoria humana, ou seja, uma venda do ser humano por meio do *Orkut*. Esses perfis são algumas possibilidades de se responder a pergunta *quem sou eu*. É importante destacar a dificuldade para qualquer humano responder a essa questão. Convidamos o leitor a vislumbrar algumas respostas desses adolescentes.

Os adolescentes escolhidos deixam que essa mensagem seja visualizada por todos os usuários do programa. Desse modo, não precisamos de autorização para a utilização desses dados. Não obstante, os nomes de usuários foram modificados para a utilização nessa pesquisa, porque foram analisados segundo os pressupostos teóricos em questão. Seguimos em nosso texto com trechos encontrados no perfil de usuário de alguns adolescentes que utilizam o *Orkut*.

“INFORMAÇÕES AO UTILIZADOR

COMPOSIÇÃO:

<i>Amor</i>	17%
<i>Arrogância</i>	2%
<i>Beleza</i>	9%
<i>Carinho</i>	11%
<i>Ciúmes</i>	8%

Companheirismo.....10%
 Estresse.....6%
 Fidelidade.....12%
 Sinceridade.....10%
 Timidez.....10%
 Vaidade.....5%

Lote: Único

- *Murilo Teodoro é utilizado para tratar problemas como falta de amigo, falta de companheiro, e se a utilização for adequada ainda pode tratar problemas como falta de amor e falta de carinho.*
 - *Conservar em temperatura ambiente (26° a 32°). Proteger do frio*
 - *Prazo de validade: Se bem cuidado dura muito.*
- *Nunca siga orientação de pessoas inadequadas para sua utilização, podendo ocorrer problemas como estresse, infidelidade e arrogância.*
- *Informe ao fabricante do produto qualquer problema que venha ocorrer futuramente, caso contrário o mesmo NÃO poderá ser resolvido.*
 - **"MANTENHA O PRODUTO FORA DO ALCANCE DE CRIANÇAS"**
- *Murilo Teodoro é contra-indicado para pessoas com alto índice de arrogância, ciúmes, estresse e infidelidade.*
- *Informe ao fabricante sobre qualquer produto que esteja utilizando antes do início da utilização deste produto.*
 - **"NÃO USE O MEDICAMENTO SEM O CONHECIMENTO DA FABRICANTE"**

INFORMAÇÕES TÉCNICAS

Murilo Teodoro é um medicamento tanto contra falta de amor como falta de carinho, quando usado unicamente.

REAÇÕES ADVERSAS

Quando utilizado unicamente e razoavelmente Murilo Teodoro é bem tolerado. Podem ocorrer casos de estresse, ciúmes, infidelidade, arrogância, falta de amor e falta de carinho quando não utilizado de modo correto, que regridem com a suspensão do medicamento.

SUPERDOSE

Em caso de superdose, poderá ocorrer problemas decorrentes da maior captação do produto pelo utilizador, a qual desaparece espontaneamente de 24 a 168h.

PACIENTES IDOSOS

O uso em pacientes idosos (Acima de 25 anos) requer prescrição e acompanhamento do fabricante.

/-----\
 |
 | Prezado Cliente:
 | Você acaba de receber um produto Teodoro
 | Em caso de alguma dúvida quanto ao produto,
 | lote, data de fabricação, ligue para o
 | SAC: (Número de telefone do usuário do Orkut)"

Assim o *Orkut* se revela ao outro, como máquina-produto-consumo. É esse o humano encontrado no *Orkut*? Esse mesmo humano se encontra nas ruas da cidade? Seríamos uma mercadoria pronta a ser consumida? Muitas são as questões que podem ser trabalhadas em pesquisas com esse recorte. Destarte, manteremos nosso enfoque na edição de alguns usuários, que possuem um caráter de grande "brincadeira". O *Orkut* é só uma grande brincadeira? Acreditamos que ele seja mais que isso, uma vez que ele tem se tornado uma forma importante de pensarmos as relações contemporâneas. Atentemos, leitor, para as

palavras estresse, ciúmes, infidelidade, arrogância, falta de amor e falta de carinho, elas não se repetem em larga escala? Será que ele é tão carente assim?

Visitando alguns outros perfis encontramos mais respostas ou questões acerca do humano adolescente que transita na rede. Outro adolescente, Miguel, 18 anos, masculino, nos diz: “Não faça uma aposta se você não pode preencher o cheque para mim. Porque eu posso ser comprado, mas você paga o preço.” O que esse adolescente de 18 anos nos comunica? Temos, em primeiro olhar, um ataque aos outros que o tentam comprar, mas não é, ele, uma mercadoria diária? Dando sequência ao nosso passeio pelo *Orkut*, nos deparamos com outra mensagem. Rafael, um adolescente de 19 anos, masculino diz: “Meu nome é Rafael. Tenho 19 anos e gosto de jogar Futebol, tênis, vôlei e nadar. Gosto de História, Jornalismo e tocar violão. Ah, e neste verão 2009 aprendi a gostar de caminhada... Mas só se for pra andar mais de 10 km. Até mais.”

Ainda nesse mesmo perfil encontramos uma continuação. Ele decide colocar a mesma mensagem em uma segunda língua, o alemão. Dessa forma teremos “Mein Name ist Rafael. Ich bin zweiundzwanzig Jahre alt. Ich mag Fussball, Tennis, Volleyball spielen, schwimmen, Entsetzenliteratur lesen, Film sehen, Geschichte und Zeitungswissenschaft lernen. Musik ist mein Leben und auch Gitarre spielen. Auf Wiedersehen!” Uma pergunta simples: por que o uso de duas línguas? Sabemos que a maioria dos usuários do programa são brasileiros. Em sua lista de amigos encontramos brasileiros e nenhum alemão. Quais os motivos o levam a escolher essa forma de aparecer ao outro? Seria vontade de ser incompreensível? Algo a ser decifrado, ou difícil de entender? Ou seria apenas a mais marcante das características adolescentes, a idéia de um humano que não é compreendido pelo mundo? Será que o adolescente do *Orkut* sente-se compreendido pelo mundo?

As questões levantadas anteriormente nos fazem questionar que linguagem é essa do *Orkut*? O jovem sente-se compreendido? Provavelmente encontraremos uma afirmativa referente a essa questão. O que parece acontecer é que os adolescentes encontram em uma compreensão a partir da conexão/desconexão, uma rede de armadilhas!

Mais um perfil? Encontramos mais um adolescente, Gilberto, masculino, 18 anos. Como responder à pergunta quem sou eu? “Meu nome eh Gil e eu to na pista pra negócio! [gilzinho aqui =p]” Estranho? Talvez não, ele simplesmente coloca-se a postos para qualquer negócio. Esse não é o pressuposto contemporâneo?

Acreditamos na difícil tarefa de se responder sobre quem somos. Muitas possibilidades podem ser encontradas. Uma questão fundamental para essa pesquisa é saber como nossas 3 adolescentes se colocam dentro do *Orkut* e também fora dele. Assim, o passeio feito anteriormente no *Orkut* e a retirada de trechos de alguns perfis mostra-nos a qualidade de mercadoria que podemos encontrar na contemporaneidade.

Em nosso passeio, muitos perfis de usuários foram visitados. Em muitos deles pudemos encontrar espaços em branco, nos quais os adolescentes não respondiam a essa questão. Encontramos também, muitas poesias, letras de músicas, trechos de autores famosos. Algumas conclusões? Acreditamos que o caminhar desse texto pode encontrar mais questões que respostas. O que se faz presente em nós é a possibilidade de diálogo com a contemporaneidade, como potência. Encontraremos essa potência? Outra questão que podemos nos ater é o que seria essa potência? Que mundo é esse, em que as pessoas se mostram como querem que as outras pessoas as vejam? Ou, ao mesmo tempo, se editam de acordo com os anseios do outro, como mercadoria?

Capítulo 3 – Adolescentes: o que dizes sobre seus enroscos, porcas, parafusos e borboletas?

Antes do início de nossa pesquisa de campo, convidamos o leitor para que entenda um pouco mais sobre o caminho percorrido pelo método de pesquisa em questão. A partir desse caminho, poderemos nos encontrar finalmente como nossas três adolescentes. De acordo com Herrmann (1993) “dentre outras coisas, a Psicanálise é uma espécie de exploração do continente da cultura humana, no seu sentido forte, daquilo que faz com que o homem seja homem.”(p.139) A partir dessa consideração, notamos que ao redigir essa dissertação temos a intenção de escrever um texto dialogando com a cultura, construindo-a por meio do texto que por sua vez é por ela construído.

A escolha do número de adolescentes seguiu o método psicanalítico em que,

é essencial que o candidato – pesquisador – reconheça um problema real, – o adolescente e suas inter-relações - sobre ele se debruce, deixe que esse problema fale de sua própria importância, exiba as estruturas geradoras de sua importância, de sua significação humana, forte. Em seguida, ao invés de partir para uma teoria, partir para outro caso, que também vai se revelar... e para um terceiro. Depois usar o primeiro sobre o segundo. Calcar sobre o segundo (...). Os dois juntos promovem uma espécie de matriz ou rede que determina certos pontos. (...). Então, no terceiro, aplica essa teoria para romper seu campo. (Herrmann, 1993, p.145)

Destarte, afastemos a teoria psicanalítica como algo misterioso e sem sentido e passemos a entender seu funcionamento, dialogando com o referencial teórico, sem adequar o caso pesquisado, em uma teoria previamente estabelecida.

Para a obtenção dos dados, foi estabelecido um contato inicial, via *MSN messenger* para que fosse agendada uma entrevista em local, previamente, marcado e escolhido pelo próprio adolescente, dentro da cidade de Uberlândia, com tempo aproximado de 60 minutos. A escolha de local pelo próprio entrevistado fez-se necessário para que tivéssemos condições de um olhar direto ao lugar escolhido por esse adolescente, tendo em vista que a internet parecia

ser um lugar de conforto. Em contrapartida, caso o adolescente deixasse ao pesquisador essa escolha, seria sugerido a Universidade Federal de Uberlândia.

Na perspectiva da psicanálise temos em Herrmann (1993), um ato de permanecer agarrado ao estado de paixão pelo fenômeno para que sejam entendidos todos os afetos presentes nele. A partir desse estado, configurações de sentidos podem emergir quando diante de alguma interposição à interpretação e promover um desligamento na cadeia de significantes ou uma ruptura de campo constituinte da relação.

Com essa abstração, em certa medida, encontramos Herrmann (2001) comunicando aos leitores que não é a teoria psicanalítica operada pelo analista que “promove a ruptura de campo, que denuncia e desativa o campo, mas o simples fato de estar em algum campo teórico, descentrado do assunto que o paciente – fenômeno - tem a intenção de tratar” (p.55). A interpretação das prosas dos adolescentes foi realizada no sentido de ocuparmos um lugar em que os “sentidos diferentes do discurso do paciente – o fenômeno -, escutados e apreendidos fora do tema proposto por ele, entrem em contato e, às vezes, em choque” (Herrmann, 2001, p.55)

Segundo Herrmann (1993), com a utilização da ruptura de campo, o fenômeno é capaz de adquirir um trânsito constante, funcionando na condição de descoberta. Desse modo, para que seja estabelecida a ruptura de campo, temos que entender que campo significa uma “zona de produção psíquica bem definida, responsável pela imposição das regras que organizam todas as relações que aí se dão; é uma parte do psiquismo em ação, tanto do psiquismo individual, como da psique social e da cultura” (Herrmann, 2001, pp.60-61). Desse modo, a psique é o próprio real que nos constitui, a própria cultura humana. Logo, “uma idéia na cabeça e um instrumental operativo impresso em uma postura interrogante-interpretante às mãos, mais fundamentalmente... n’alma... poderemos nos achar pesquisando com o método psicanalítico” (Romera,2004,p. 267).

Na obra de Fábio Herrmann (2001) observamos que a maneira do método psicanalítico produzir conhecimento sobre a psique humana é submetê-la a uma condição: a interpretação como ruptura de campo, que só se encontra potencialmente na vida comum. Assim, o conhecimento obtido vem de um gerador de idéias acerca desse tema, na forma de descobridor psíquico que permite a revelação do inconsciente que, assim que se desvela, deixa de ser inconsciente e passa a ser conhecido. Em suma, o referido autor nos conta que “o método permite saber por que funciona o que funciona”. (Herrmann, 1993, p. 145).

1- Em busca de três adolescentes: entrevistas virtuais ou pessoais?

Desde o início do curso de mestrado, pensamos nas possibilidades de realizar ou não as entrevistas. Não obstante, o leitor já percebe que elas foram realizadas. O caminho para essa realização contaremos a seguir.

Os primeiros passos contavam com duas etapas na entrevista (virtual e pessoal) que aconteceriam após o recebimento da assinatura do adolescente, bem como a de um dos responsáveis pelo mesmo, de acordo com o comitê de ética em pesquisa e tendo, como recorte etário, adolescentes entre 14 e 17 anos. Os contatos foram feitos via *Orkut*, no qual entramos em comunidades de escolas da cidade para convidar alunos para a realização de nossas entrevistas. O convite ficou durante algumas semanas *postado* nessas comunidades, mas sem êxito algum. Será que os alunos entraram e leram o convite? Sabemos que as comunidades são formas de aparecer ou de se editar para os outros usuários do *Orkut* mas, também, de interação.

Aproximando dos tópicos criados nas comunidades podemos perceber que muitos mantêm contatos por meio delas, mas não sabemos até que ponto nossos possíveis adolescentes se atentaram para nosso convite. A questão é que não foi dessa forma que eles puderam nos ajudar. De algum modo, as interações nessas comunidades não são as de atender a um convite

de entrevista. Então, quais são as interações? Essa é uma questão que pode ser pensada, mas não nos ateremos a ela dentro dessa pesquisa.

Onde buscar adolescentes para serem entrevistados? Percebemos que uma possibilidade seria convidar diretamente adolescentes, usuários do *Orkut*. Dessa forma, pudemos manter contato com alguns adolescentes, via *Orkut* e, em seguida, via *MSN messenger*. O problema passou a ser outro. Para efetuarmos nossa pesquisa de campo, eles aceitavam a entrevista, mas não concordavam com a assinatura dos responsáveis, haja vista, que o recorte na faixa etária inicial seria de menores de 18 anos. Questões relativas à lei brasileira e mundial colocam que menores de 18 anos não podem responder por seus atos. Temos leis sobre a idade de votação nas eleições brasileiras, bem como leis para a habilitação em dirigir. Pensemos sobre essas questões e o quão relativa ou plástica podem ser essas mudanças. Alguma questão existe. Quais motivos levam um adolescente de 15 anos ter a possibilidade de responder sobre seus atos na internet e nas suas relações pessoais, sem a necessidade de um aceite de seu responsável?

Terminada a pesquisa nesses moldes, fomos à banca de qualificação. Na data e horário estabelecidos estivemos frente aos professores. Esse processo serviu para que encontrássemos interlocutores nessa pesquisa. A partir de uma configuração importante, eles nos ajudaram a pensar na dissertação e nas possibilidades de se entrevistar seguindo outro contorno. Seriam necessários dois momentos, um virtual e outro pessoal? Não seria, essa forma, um modo de controle sobre a veracidade? E a suposta mentira, o engodo da imagem falsa, a falsidade ideológica permitida, não fariam parte do enredo? Dividir esses dois momentos parecia uma limpeza de informação em uma sociedade que coloca ao humano o contrário disso, uma vez que opera com a possibilidade de parecer qualquer coisa, dentro de um universo de possibilidades.

Ainda trabalhando com adolescentes, poderíamos não mais dividir dois momentos, virtual e pessoal, para a realização da entrevista. Se acreditamos que o virtual ganha as ruas e que a máquina está incorporada ao Homem, podíamos conversar pessoalmente com nossos adolescentes. E a outra questão? Como conseguir o termo de consentimento em pesquisa de adolescentes menores de 18 anos?

Nesse momento, em uma conversa com nosso interlocutor e futuro co-orientador, pudemos pensar na possibilidade de adolescentes entre 18 e 19 anos, sujeitos estes, que fariam parte de nossa pesquisa final. A alteração na faixa etária foi possível por meio da discussão sobre adolescência na contemporaneidade, contida no capítulo 2.

A partir desse olhar, os adolescentes começaram a se aproximar. Três foi nosso número de pesquisa, como mencionado no início desse capítulo e de acordo com o método psicanalítico. Optamos por encontros variados. Assim, a primeira adolescente um encontro casual de aproximadamente 5 minutos, em um bar onde estavam conhecidos comuns a mim e a ela, possibilitou que ela me adicionasse no *Orkut* logo em seguida. Nesse momento, após o aceite, enviei uma mensagem perguntando se ela poderia me ajudar no mestrado. O aceite veio em minutos. O que me levou a refletir se ela estava conectada à máquina, ou a máquina já havia sido a ela incorporada. A segunda foi-me apresentada por intermédio de uma amiga. Sentados em uma cafeteria da cidade, perguntei se minha amiga conhecia alguma adolescente de 18 ou 19 anos que poderia me ajudar no mestrado. A resposta não veio dela, mas de sua filha, que tinha uma amiga dessa idade e que poderia ver com ela a possibilidade de colaboração. No dia seguinte, fui adicionado no *Orkut* por essa segunda adolescente. Marcamos a entrevista para alguns dias depois. A terceira veio de uma busca, neste sítio (*Orkut*). Eu estava navegando na página de recados do *Orkut* de uma amiga minha e, de repente, visualizei sua prima, ainda desconhecida a mim. Entrei no *Orkut* dela e solicitei que me adicionasse, em seguida enviei-lhe um recado perguntando sobre a possibilidade de ela fazer parte dessa pesquisa. Poderia,

agora, ter em mãos as três adolescentes que poderiam ajudar a entender as relações contemporâneas. Seu aceite veio em algumas horas, marcamos um encontro, mas não tão logo como aconteceu com as duas primeiras adolescentes. Essa pedia mais tempo, uma semana, até que ela retornasse de suas férias. Essa semana se prolongou e tivemos que esperar um pouco mais para o primeiro contato.

E se o caminho feito com essas três adolescentes fosse o mesmo de quando pensamos em adolescentes mais novos, porque foi tão fácil? Ou por que as dificuldades não foram parecidas? A questão de uma assinatura poderia ter tanta influência assim?

Trataremos, nesse momento, de três adolescentes, distintas e bastante próximas, mesmo sem estabelecer nenhum contato entre elas.

1.2.1- O encontro-desencontro com uma adolescente em busca de identidade.

O contato começa antes do olhar? Acostumados ao contato pessoal, os desavisados podem se perceber em constante surpresa nos dias de hoje. Dias em que a tecnologia transforma as lógicas do contato pessoal e coloca-o, muitas vezes, mediado pela internet. O que pretendemos nessa prosa é desenhar um caminho parecido com o que nós percorremos no contato com nossa adolescente. Assim, a internet foi o lugar de em que partimos para uma conversa que podia acontecer em um café de esquina ou em uma praça, mas que se deu, ou melhor, que começou via internet, mais especificamente mediada pelo *Orkut*. E por que se deu com esse mediador? Essa foi a forma escolhida para o início de três prosas para essa pesquisa. Aqui, trataremos da primeira que é uma adolescente de 19 anos. Nesse caso, aconteceu um contato pessoal, anterior à internet, um diálogo de aproximadamente 5 minutos. Qual motivo de se fazer um contato de tão pouco tempo. Seria possível pensar que não mais que 10 minutos criaria uma necessidade de ligar-se a mim por tal programa?

A primeira parte do contato, para a entrevista, com nossa adolescente se deu via *Orkut* - um mediador bastante utilizado para os contatos contemporâneos. É preciso lembrar ao leitor que o serviço foi designado para ajudar os usuários a encontrar novos amigos e manter as amizades já existentes. A criação do *Orkut*, como visto no item 2.3 do capítulo 2, coloca-nos as possíveis dificuldades inerentes à forma de se relacionar do humano contemporâneo, além de estimular o uso da internet e o consumo de tecnologia. Encontrei uma amiga em um café e ao cumprimentá-la fui, também, apresentado à nossa adolescente. Alguns dias depois, quando acessava meu *Orkut* recebi um convite dela para que participasse de sua rede de amigos. Foi esse o pontapé para uma inquietação. Aceitei e perguntei a ela se poderíamos conversar sobre algumas questões que eu estava pesquisando. Ela prontamente aceitou e eu a inseri em minha lista do MSN messenger, outro mediador muito utilizado atualmente.

Após esses encontros, que me pareciam meio desencontrados, “visitei” o *Orkut* dessa/nossa adolescente, com o intuito de observar um pouco de como ela se mostra nele (o *Orkut*). E por onde começaria? Com tantos recursos como fotos, recados, depoimentos, precisaria escolher um início... então me lembrei de que a pergunta inicial do perfil é “Quem sou eu?” Começaríamos por lá, até que meus olhos se fixaram em algo anterior a isso. Uma possibilidade de comunicador chamado *defina seu status aqui*, que se localiza ao lado da foto – que identifica o usuário - no *Orkut*. Nesse espaço nos deparamos com uma frase: “Você não sabe de nada”. Seria um convite para que as pessoas que visitassem seu perfil no *Orkut* sentissem instigadas a saber de algo? Ou podemos apreender que em qualquer *Orkut* que se vá, vamos encontrar esta frase ou esse sentido, a partir da idéia de que somos todos personagens habitando esse espaço. É esse o intuito?

Na saudação inicial, ou melhor, no campo que deve ser respondida a pergunta “Quem sou eu?” encontramos uma resposta: “Uma parte necessária de você...” Ela parece querer escapar a essa questão ou, talvez, não tenha idéia de quem ela mesma seja. Uma questão pode ser

pensada: a possibilidade de ser o anseio do outro, fazer-se por meio do olhar deste, de modo a ser transformado à medida que a necessidade se faz presente. Se não nos tornamos fixos em uma identidade podemos sofrer mutações que atendam sempre nossas necessidades ou as do outro, como parece ser o caso de nossa adolescente. Em contrapartida, podemos brincar um pouco com essa tal parte necessária. Assim, quando pensamos em partes necessárias pensamos em um *eu* fabricado para se vender ao olhar do outro, uma propaganda de produto que no caso dela deixa que o outro escolha o que quer comprar. Uma edição meio feita às avessas, que não é unilateral, podendo ela mesma se transformar no que o outro quer, “uma parte necessária de você”, contando que o outro a leve para casa.

Esse modo de olhar o *Orkut* coloca questões relativas a um espaço em que podemos nos mostrar ao outro, parecido assim com uma edição de imagens para que nos conheçam ou tenham a curiosidade de nos conhecer, e isso se configura como uma espécie de cartão de visita. De outro lado, quando pensamos na edição às avessas, podemos pensar em um espaço ampliado para que o outro escolha com quem anseia se relacionar e após esse momento, o perfil escolhido se transforma nessa personagem.

Ainda no perfil, nossa adolescente insere uma mensagem de ano novo, escrita por ela de modo a habitar, ainda, o ano que se passara e parece ter uma certeza ilusória do futuro, no qual tudo vai dar certo mesmo não sabendo que caminho seguirá. Nele, ela torna público o que sentiu e que ainda equivale ao que sente, assim como o que quer sentir. Em sua mensagem deixa escapar um medo, o de ser esquecida. Ela só não quer uma coisa: ficar sozinha. Um pouco desse processo será abordado no decorrer das apreensões advindas de nossa adolescente, que ainda não tem nome...

“O ano velho terminou com uma lágrima, a mesma que inaugurou o ano novo, nela coloquei todo o tipo de sentimentos. Aquela raiva reprimida, por ter sido esquecida várias vezes, aquele agradecimento pelos amigos e pela família, um arrependimento por certas ações, uma saudade de quem não pude abraçar, e uma alegria por aqueles que encontraria. Novas metas, novos sentimentos, novas confusões... essas coisas pra mim ainda estão no ano passado, desse só recordo de muitos amigos reunidos fazendo loucura em vários lugares...”

um bom começo de ano. Não tão bom, nem tão ruim....as coisas sempre são regulares para pessoas regulares...Mas no ano que se inicia, quero meu copo sempre meio cheio, que o meio vazio tenha ido junto com o ano velho, que minha sorte dobre, minhas amizades tripliquem, e os bons pensamentos reinem. Que eu passe mais tempo com velhos amigos, mantendo velhas tradições e cultivando novas. Que eu escute mais vezes: _Nega que bom que você veio! e que eu responda mais vezes: _A saudade me trouxe aqui!Que nesse ano estejamos juntos mesmo que distantes!”²³

Dentro de seu perfil do *Orkut*, encontramos algo que pode desenhá um pouco esse mundo, que se dá por meio dela. “As coisas sempre são regulares para pessoas regulares...”. E quais são os reguladores? Ela parece se colocar como aspirante passiva em um mundo em que não se pode escolher o que vai acontecer. Não obstante, uma ilusória certeza de um futuro que pode ser apreendida do modo de viver passivo, mas que parece acreditar que tudo vai caminhar bem para os que estão dentro da norma. Desse modo, coisas regulares para pessoas também regulares, podem nos indicar uma massa autóctone, bruta e que funciona de acordo com o discurso do capitalismo e que para sobreviver prefere atuar segundo suas leis, de modo a evitar, assim, qualquer descontentamento desse Senhor. São esses alguns de nossos reguladores? Há, pois, uma passividade do mundo e a imposição de uma escolha pré-determinada?

A partir do distanciamento de nossos anseios e conquistas nos abrigamos na massificação. Diante desse modo de agir, poderíamos oferecer alguma resistência contra esse modo operante. Um adolescente de 19 anos consegue ter recurso para essa resistência ou ela é privada dele em uma domesticação de corpos? Esse discurso se aproxima então do que é esperado no mundo contemporâneo em que precisamos estar sempre a postos, escolhendo nosso futuro dentro de uma rede previamente estabelecida.

Percebemos, então, pensamentos que funcionam no regime de Ato Puro, mas que podem clamar por mudanças em sua condição de existir. Ao mesmo tempo, espera-se que essas

²³ Trecho retirado do *Orkut* de nossa adolescente em janeiro de 2009. Quando da elaboração do texto final, sua mensagem inicial no perfil de usuário tinha sido alterada. Essa é uma prática bastante comum entre os usuários do *Orkut*, o que retrata a, anteriormente mencionada, plasticidade das relações contemporâneas.

mudanças venham sem qualquer ação interna de nossa adolescente. Ela pede para não ser esquecida, não ficar fora do mundo... Sua saudação inicial do *Orkut* finaliza com um pedido de ano novo, bem diferente dos costumeiros de outrora: “Que nesse ano estejamos juntos mesmo que distantes!” Talvez uma distância que é física, mas, fundamentalmente, tecnológica.

E chegamos ao lugar habitado por ela, dentro de seu perfil do *Orkut*. Nele, ela mora em Neverland (terra do nunca), que fica em um Estado chamado, *freedomplace* (lugar da liberdade), mas que é localizado em nosso país, Brasil. Que lugar ela escolhe para habitar? Que desejo é esse que se faz presente nesse momento? O que parece escapar nesse discurso é uma falta de liberdade de escolha. Pessoas regulares não escolhem, apenas esperam e pedem para serem escolhidas. Pessoas regulares rezam para estar sempre dentro do mundo, para não serem colocadas fora dele.

Quando pensamos na terra do nunca, temos Peter Pan, uma criança que brincará por todo o sempre, que pode até vencer batalhas contra o Capitão Gancho, mas passará toda a eternidade com esse medo. Terá como companheira uma fada encantada e uma terra também encantada, mas sofre com a partida de Wendy(s), menina(s) que decide(m) voltar ao mundo real. Ele, porém, fica preso na fantasia, um lugar que por todo o sempre será do mesmo jeito e ele será sempre uma criança. O estado “liberdade” parece ser, também, uma fantasia. Que estado é esse que não existe, em que não podemos escolher sequer a cor que usaremos na próxima estação, visto que o mercado da moda já escolheu toda a nova coleção primavera-verão de 2010?

Continuamos, no entanto, por outro contato...

Após esse primeiro olhar, marcamos um encontro pessoal. O olhar direto à nossa adolescente, em uma prosa com falas e não com letras. Re-montando a cena vivida, coloquei nossa adolescente na minha lista de contatos do MSN, que segundo ela é um lugar para

conversas banais e para marcação de um encontro. Foi esse o lugar que eu e ela habitamos para a marcação de nosso encontro. Prontamente marcamos de nos ver no próximo dia em um lugar escolhido por ela. Essa escolha se deu para que apreendêssemos que lugar ela habitava, ou que lugar ela gostaria de compartilhar conosco. Se em seu *Orkut* ela habita a Terra do Nunca, que lugar ela habita no mundo não virtual? Em contrapartida, um sobrepor-se-ia ao outro? Acreditamos que a escolha do lugar nos diria algo importante. E assim... no dia marcado eu compareci. Estava, eu, na portaria central de um shopping Center. E ela? Cadê? Por onde anda? No lugar da liberdade, na Terra do Nunca?

No horário marcado fiz uma ligação, perguntando se ela já havia chegado. Ela me disse que teve problemas com a família e, por isso, havia a necessidade de ficar em casa cuidando da avó, e, tão logo, veio uma frase comunicando que sua irmã mandou um recado no *Orkut* avisando isso. Pedi desculpas e agendamos para o próximo dia no mesmo local. A sensação de abandono se fazia presente em mim. De alguma forma, ela havia me colocado ali, e já começava a me comunicar que lugar era habitado por ela mesma, e que lugar ela tinha escolhido, nesse dia, para que eu habitasse.

Ao pensarmos na tecnologia, percebemos que ela é a mesma. De um lado eu uso meu aparelho celular para perguntar onde ela estava, de outro lado temos duas possibilidades: usar o celular ou enviar um recado no meu *Orkut*. O que une essas duas ações? Uma sensação de abandono. Nossa adolescente apostou que eu estaria conectado. Uma não-conexão nesse momento, implicaria em abandono, inquietação e desamparo. Esses são os sentimentos que seriam eliciados em mim por não estar sempre a postos. Esse é o movimento contemporâneo? Segundo ela, foi enviado um recado duas horas antes da entrevista com a certeza de que eu veria o recado. Talvez uma ilusão de que eu precisasse-estivesse conectado a ela? Assim podemos perceber um mundo conectado em que os habitantes precisam da ilusão de contato em todos os momentos. Em sua mensagem do MSN podemos perceber um pouco mais desse

processo. Ela coloca: “Pessoas se eu não responder... perdão, to criando umas coisas lá fora, assim que for possível, respondo... Obrigada!” Desse modo, mesmo não estando presente fisicamente no programa de conversa online, ela justifica qualquer problema que possa acontecer e pede desculpas, ou melhor, usa a palavra perdão. Esse parece ser o modo de agir de nossa adolescente. É, sem dúvidas, inquietante quando pensamos este “criando coisas lá fora”. Que fora é esse? É o quintal da casa dela ou o mundo não-virtual, que parece ser explicado como “fora”? Precisamos nos atentar a esse movimento de *dentro-fora*, esse jogo que parece existir na contemporaneidade, em que o limiar entre tais instâncias parecem ganhar outros sentidos.

Dia 9 de janeiro de 2009, 13:30, shopping center.

Cheguei ao shopping. E nesse dia, ela viria ou me abandonaria de novo? Essa era a primeira sensação quando meus pés desceram na estação shopping. Mas quando olhei, ela já estava me esperando. Pedi pra fumar um cigarro antes de começar a entrevista. Nesse momento contei a ela sobre a pesquisa, com o intuito de mostrar que a intenção era saber um pouco como ela se relacionava nos dias de hoje e pontuei, dias em que a tecnologia está cada vez mais presente como celular, *Orkut*, MSN e tantos mais... Ela sorriu e disse que isso é parte integrante.

Nesse momento, uma surpresa, ela disse que podíamos começar ali mesmo no fumódromo do shopping, que não havia problema algum. Esse era o lugar escolhido por ela. Dentre todas as possibilidades de um shopping, ela havia escolhido habitar o local mais inóspito, o que menos se parece com a assepsia encontrada nos corredores claros e limpos em que desfilam corpos. Esse é o lugar de onde ela fala, se comunica comigo. Que lugar ela ocupa no mundo? Um lugar desencontro-encontro? Sugeri a ela que fôssemos a um lugar mais silencioso porque eu precisava gravar a entrevista. Eu sugeri o segundo andar próximo ao cinema e ao boliche. Esse local é bastante frequentado por adolescentes, talvez minha escolha tenha se

dado por esse motivo e não simplesmente pelo pouco barulho lá encontrado. Tentei colocar ela em um lugar asséptico, as razões... Foi difícil suportar o lugar inóspito, como também o lugar de abandono do dia anterior. De alguma forma, eu precisei de outro lugar, diferente dos dois a que ela me havia colocado.

Inicia-se a prosa com alguns pontos que tomamos em consideração. O ponto principal em seu discurso é o medo de um abandono; este, dado pela possibilidade de não acompanhar a tecnologia precisando a todo o tempo estar conectada à rede, pesquisando tendências e novas tecnologias. Essa é a forma de inserção no mundo, com o cartão de entrada na festa. A internet, nos dizeres dela é: “uma forma de encontrar todo mundo, em qualquer hora, qualquer lugar...”. Quando ela se conecta, tem perto de si todas as possibilidades de não viver em uma condição de solidão. Parece que é desse lugar que nossa adolescente fala ou quer habitar. Assim, a internet cria a ilusão de não se estar, nunca, na condição de abandono. Destarte, é possível observar esse bloco de solidão que se instaura: “a anestesia dos próprios sonhos e o faz coadjuvante de um sonho importado e homogeneizador do desejo” (Romera & Torrecillas, 2000, p. 339).

Ao pensarmos nas possibilidades do não-abandono, podemos recuperar no *Orkut*, como programa que formula uma rede de amigos, pessoas que não abandonarão essa adolescente. A função deste site de relacionamentos é dada pela possibilidade de se formar uma rede de amigos para que se possa manter contato, visitar perfis, descobrir fotos, perceber como o outro se mostra, ou como ele “escolhe” se mostrar. Quando pensamos em escolhas, devemos nos atentar para o processo contemporâneo em que “o espaço do criativo e o tempo do inesperado são banidos e a parafernália tecnológica tudo pode prever.” (Romera & Torrecillas, 2000, p. 340). Assim, o que será encontrado em qualquer Orkut tem uma semelhança inacreditavelmente ... solidificada, um “não poder experimentar a multiplicidade do seu eu, a abertura e exploração de suas possibilidades.” (Romera & Torrecillas, 2000, p. 340).

Podemos perceber um jogo nessas edições, assim o perfil do *Orkut* é utilizado para se mostrar ao outro, pra instigar que pessoas possam visitar seu perfil em um movimento de aparecer para o outro. Assim, ela cria uma personagem para convidar os amigos para fazerem parte de seu mundo. De acordo com ela, “no perfil do *Orkut* a gente coloca uma pessoa mais agradável do que a gente realmente é”. O *Orkut* tem como objetivo formar uma rede em que as pessoas possam manter contato, evitando a condição de solidão. Não obstante, essa condição de abandono não é parte fundamental da constituição psíquica? Habitar a internet é procurar fugir dessa condição? Nossa adolescente diz não conhecer pessoas pela internet, sugerindo que o lugar não é apropriado para isso, mas assim que conhece, o primeiro passo é adicionar em sua lista do *Orkut*. Seria uma forma de aumentar sua rede evitando um escape futuro? Esse foi o mesmo processo do qual eu fiz parte ao ser convidado por ela, para integrar sua rede. Segundo ela, seu *Orkut* contém pessoas de quem ela gosta, em graus diferentes.

Mesmo que coloque uma diferenciação entre o que seria um contato pessoal e o que seria um contato virtual parece que o processo se dá de uma forma semelhante. Ela poderia entrar no *Orkut* e adicionar pessoas somente por meio dele ou poderia agir, como ela mesma coloca, conhecendo pessoas por meio de amigos antigos, de modo a formar assim uma rede, semelhante àquela encontrada no *Orkut*. O mundo virtual ganha as ruas? Ou o mesmo processo costumeiro de formação de rede, ao qual estamos acostumados a estudar, está presente também no *Orkut*? Nessa perspectiva, encontramos a formação de redes de amigos ou de contatos, muito próximas das estabelecidas ao longo dos anos. O que parece se destacar com a utilização da internet é que o contato não é perdido com as desventuras da vida. Se não importa o lugar habitado pelos membros da rede, estes se mantêm conectados até que uma das partes exclua esse amigo. Não falaremos da dor causada quando alguém é excluído de um *Orkut*, mas podemos imaginar o quão sofrido pode se tornar para alguém, como ela, que diz, em seu perfil, ter medo de ser esquecida.

Nessa perspectiva, a edição dessa personagem, mais agradável do que ela seria na realidade, é exclusividade do *Orkut*? Podemos colocar, nesse momento, o quanto as pessoas precisam escolher como se apresentarem em um mundo de constante produção no qual aquilo que perde a utilidade, logo, torna-se descartável. Esse medo faz parte de nossa adolescente, é essa a condição de abandono que ela tanto teme. Um medo de ficar fora do mundo, perder, assim, seu cartão de entrada na festa.

E quando ela rejeita alguém no *Orkut*? Esse processo é muito similar ao processo que fazemos em nossa rede “não-virtual”. Escolhemos quem faz parte de nossas relações. E os que não são escolhidos, no *Orkut*, perdem o direito até de visualizar fotos, recados e demais recursos integrantes dele. É desse modo que a personagem precisa ser bem construída? E nas ruas, o processo é diferente? Acreditamos em uma aproximação dessa condição factual e em um mundo contemporâneo em que o medo do abandono faz com que qualquer um tema perder seu espaço. Entretanto, o espaço da singularidade já está perdido em decorrência da massificação de ações.

Voltando à nossa adolescente sem nome, esse é o mesmo medo que faz com que seu celular seja parte integrante de seu corpo, só podendo ser desligado quando encontra outro recurso: ler. A necessidade de se conectar ao outro se faz presente também quando se conecta a um livro? Ou o livro e a leitura tornam-se um recurso de fuga dessa espécie de loucura contemporânea de conexão?

“Sempre tem alguém ligando ou eu querendo ligar”, essa é a frase que introduz as falas sobre seu aparelho celular. E quando não ligam? E quando o celular está sem bateria? Como ela reage? Essas respostas não são dadas, e sim pensadas... o que parece acontecer é um desespero, um medo de não mais fazer parte desse mundo, de estar abandonada, sozinha e todos os demais, estarem conectados. O movimento dado é o de não se poder desconectar, estar sempre a postos, para ligar, para atender alguém, para se conectar ao *Orkut*, ao MSN e à

internet em geral. Como espera por algo que, muitas vezes, aparece sem desenho, ou em forma de um esquecimento qualquer, nossa adolescente tem em mãos o comunicador, o objeto que em qualquer lugar ela pode se conectar ao outro, que está longe ou perto geograficamente, mas sempre a postos como ela.

Quando o celular não funciona, ela logo se encontra abandonada. E se alguma coisa acontecer? Como ela ficará sabendo de algo tendo em vista que seu comunicador falhou? “Eu to incomunicável, daí dá desespero, parece que você não faz parte do mundo, sabe?” Em seu discurso, nossa adolescente assume necessitar de pessoas que, mesmo acionadas tecnologicamente, estão por perto, de modo que ela não corra o risco-ilusão de ser esquecida. Essa condição de abandono é a mesma que a faz acreditar que pode se tornar um objeto descartável. Dessa forma, seu celular raramente é desligado, permanecendo, em momentos de necessidade, no modo silencioso, e, desse modo, se ela precisar, poderá saber de tudo o que aconteceu como ela não podia atender seu celular. O que podemos apreender é uma ilusão de que estar conectado é fazer parte do mundo, ou seja, não estar abandonado, não ser diferente dos demais.

É esse o novo encontro com a contemporaneidade. Um lugar em que todos estão conectados pela tecnologia. Durante os momentos de escrita desta dissertação, encontrei, no MSN de nossa adolescente, uma mensagem que era visualizada por todos que estavam conectados ao programa e que dizia: “Agora fudeu... porque antes só que muito mal acompanhada!” Acreditamos ser fundamental o destaque do muito mal acompanhada, afinal de contas, mal acompanhada pode. É melhor que só, mas e se for muito mal acompanhada? Parece acontecer um filtro nesse momento, em que ela precisa de alguma forma escolher com quem se conectar, não obstante esse filtro não parece ser tão fixo como os de outrora.

De acordo com nossa adolescente, seus amigos são pessoas que ela conhece há tempos, que estudaram com ela e que ela mantém contato até os dias atuais. O que parece acontecer é

uma mistura de amigos, os de antigamente interagem com os da atualidade, não podendo, nenhum, permanecer fora dessa rede. Essa rede é dada dentro do *Orkut*, mas também acontece fora dele. Não podemos nos esquecer de que ela passeia, vai ao shopping, ao barzinho, marca encontros em lugares não-virtuais. É esse o mundo habitado por ela. Um mundo que oscila entre os concretos da cidade e os cabos de conexão do computador.

Nessa perspectiva, nossa adolescente comenta sobre seu acesso à internet e diz: “se eu conseguisse manter uma relação com meus amigos, independente da internet, se todos os meus amigos, as pessoas que eu gosto morassem perto de mim, eu acho que eu não usaria tanto a internet”. Nessa frase, podemos perceber alguns pontos importantes, destaque aos ‘se’ e ao ‘acho’, que podem nos mostrar o quão difícil é pensar um mundo sem internet.

Há alguns meses atrás, um programa de televisão, apresentado pela atriz Regina Casé, nos levou a conhecer um pouco da realidade encontrada nas lan-houses do Brasil, um lugar que, sem dúvidas, a conexão é certa e aparente, visto que aqueles que ali estão, mesmo sem computadores em casa, precisam ter a internet como recurso contemporâneo de interação. O que encontramos, nesse programa de televisão, foi uma reportagem sobre a inclusão digital. No regime da farsa, frequentar lan-houses é considerado inclusão, não social, pois as pessoas continuam alienadas de uma consciência social, haja vista que cada um se conecta com quem anseia. O laço social está descartado. Não obstante, pessoas que não tinham acesso à internet ou que não conseguiam utilizá-la são ensinadas por outras, em uma espécie de escola inclusiva. Essa escola inclusiva promovia a identidade digital desses membros que até então estavam fora do mundo digital. E agora? A identidade não é mais aquela “carterinha” que fazemos na secretaria de segurança pública? O que parece haver é não poder estar fora da internet, logo o medo de nossa adolescente tem algo mais que fantasia, ou esta fantasia é a representação mais fiel de realidade que podemos encontrar.

E, ao final da entrevista, algo acontece: “ta vendo? Já começou a tocar.” Ela está feliz, não foi esquecida, não foi abandonada. A entrevista tinha acabado, o contato pessoal tinha finalizado, agora ela precisava de outro comunicador: seu celular.

1.2.2 Adelina ou a renascentista contemporânea: “um caso difícil de entender”

*“Eu não tenho muita coisa pra falar de mim mesma...
eu não tenho muitos assuntos. Eu sou simples, eu não sou
materialista.
O que eu quero eu tenho, mas pouca coisa, o que é importante pra
mim.
Eu não compro outras coisas pra substituir aquela, o que eu tenho eu
preservo
bastante.”²⁴*

Outro contato, outra adolescente, outra história de vida... Talvez! Estamos diante de nossa segunda adolescente. Ela tem 19 anos e tem um olhar nostálgico. Será que ela está vivendo em uma época errada? Esse é nosso primeiro ponto de tensão. E como ela se diz no *Orkut*: “Um caso difícil de entender”. É desse modo que ela se coloca em seu perfil. O que ela nos conta? Alguém difícil de entender que ao mesmo tempo nos manda um recado, dentro do espaço reservado para *defina seu status aqui*: “Don't let this magic die...” (Não deixe essa mágica morrer). Que mágica existe num mundo desprovido de poesia?

Nossa segunda adolescente é pouco alta, meio cheinha, para todos os nossos padrões contemporâneos. Ela não está acima do peso, seu corpo só não parece como aqueles a que estamos “acostumados” na contemporaneidade. Quando destacamos o termo acostumados, nos referimos à discussão trazida sobre o corpo montado na contemporaneidade, do capítulo 1. Sua pele clara e seus cabelos enrolados, seu sorriso discreto e sua face sem maquiagens me lembram uma pintura renascentista, em um corpo de curvas bem diferentes das atuais. Sua

²⁴ Trecho retirado da entrevista com essa adolescente.

aparência é diferente da encontrada na adolescente da primeira entrevista. Seriam esses dois modelos habitantes da Contemporaneidade? Ou a Renascentista não cabe nesse mundo? Encontramos com Adelina - a renascentista contemporânea.

Nosso encontro foi marcado, via MSN, de igual modo, visando manter o percurso metodológico dessa pesquisa. Entretanto eu sentia que algo diferente estava chegando. Eu a havia adicionado à minha lista de contatos do *Orkut* e, após o aceite, enviei um recado contando-lhe um pouco de como seria essa entrevista e pedi para que ela me adicionasse em sua lista de contatos do MSN também. Esse movimento foi realizado em dois dias, não obstante, ela não entraria em contato nos próximos dias. Houve uma des-conexão contemporânea, muitas vezes não permitida pela maioria dos conectados. Que lugar eu habitava nesse instante? Um lugar de espera? Como habitar um lugar assim em um mundo do *sempre a postos?*

Em nossa conversa via MSN, ela me diz: “desculpa n ter entrado antes tava preparando para o vestibular”. Ela se desculpa e me comunica uma não disposição para estar sempre a postos. Não seria, esta, uma ação contra o pressuposto contemporâneo de conexão? Após conversarmos um pouco sobre a pesquisa, ela prontamente me perguntou quando eu gostaria de marcar nosso encontro. Disse mais, “to livre essa semana toda”. Como agir com alguém que em um momento me coloca em um lugar de des-conexão e no outro me pede para estar a postos? Marcamos para o dia seguinte. Perguntei a ela o local. Ela já havia conversado com uma amiga e agendado nossa entrevista. Estava tudo planejado? Até o dia de nosso encontro? Ela já tinha o lugar, o contato... Eu só precisaria ser avisado? Ela pediu para que fosse realizada no próximo dia, na casa de uma amiga dela, a mesma que nos colocou em contato. Este seria o lugar que habitaríamos? Fiquei meio surpreso com essa escolha, mas resolvi atender a esse convite. O que leva alguém escolher a casa de uma amiga como lugar? Seria uma forma de comunicar seus gostos sem que seus pais soubessem da entrevista? É esse seu

lugar de conforto ou apenas praticidade, por ser um lugar de conforto tanto a ela quanto a mim, pois era nosso ponto comum?

No dia marcado, fui até o local escolhido, que fica em um condomínio fechado na cidade. Já conhecia a casa e o condomínio. Ao chegar à portaria do condomínio, e após passar por todas as perguntas que antecedem qualquer entrada nesse tipo de condomínio, recebi o cartão verde para que entrasse nesse território. Cabe, nesse momento, pensarmos nas diferenças encontradas no passado, em que podíamos tocar uma campainha e falarmos diretamente com o morador. Estranho esse modo de vida atual? O que parece é que por estarmos tão acostumados, não damos muita importância a esses fatos.

Cheguei atrasado ao encontro. Era um troco pelo lugar da espera que eu havia habitado alguns dias atrás? Isso não aconteceu conscientemente, mas cabe uma brecha para pensarmos nisso. Não obstante, esse atraso já tinha sido avisado, quando me encontrava à espera do ônibus no terminal da cidade. Ao chegar à residência em questão, fui recebido por uma empregada. Entrei na casa e descobri que os donos não se encontravam, estávamos somente essa empregada, eu e nossa adolescente. Cumprimentei as duas e fui convidado a me sentar na sala de TV em que ela estava deitada. Pedi desculpas pelo atraso e logo começamos a conversar. Ela sorriu, com seu sorriso de menina e disse que tinha acabado de chegar e poderíamos ficar tranquilos. Fui recebido em uma casa que não era nem minha, nem sua, mas ela parecia estar muito à vontade. Dessa forma, como local da entrevista a casa vazia da amiga, localizada em um condomínio protegido. Nem o impessoal do shopping, nem o pessoal de sua casa, mas o impessoal/pessoal — casa vazia, mas da amiga.

12 de janeiro de 2009, condomínio fechado, 16:34.

Resolvi começar a prosa pedindo para que ela me contasse um pouco de sua vida, sua rotina. De uma forma tímida ela começa a falar, sentada na ponta de um sofá com as pernas cruzadas. Sua face começou a ruborizar e de repente, de sua boca, saem palavras que tentam

me dizer um pouco sobre sua vida. “Ah... a minha rotina é que no momento eu to fazendo cursinho, né? Fiz o vestibular agora, terminei, agora to esperando, de férias mesmo.” Suspensa em uma expectativa, esperando que seja escolhida para continuar sua trajetória ou voltar para o cursinho. Essa é a rotina de nossos adolescentes? E continua dizendo: “mas antes era assim mesmo, esse negócio de ficar entrando na internet era só final de semana mesmo. Dia de semana eu não entrava para poder estudar, essas coisas assim... era só isso, mais ou menos. Eu faço cursinho. Eu me formei 3º colegial em 2007.”

Parecia que ela precisava se livrar de mim, de meus questionamentos. Nada muito grave se pensarmos em uma adolescente e seus medos. Em uma mesma fala, ela faz colocações sobre sua posição de espera e já responde sobre a internet. Não era esse meu objeto de pesquisa? Que ela falasse sobre mundo contemporâneo, mundo esse em que a tecnologia está cada vez mais presente? Ela segue adiante após uma primeira fase de apreensão.

E, já que começamos a falar de internet, qual rotina era apreendida nessa máquina? Segundo ela, visitava alguns sites. “... eu entro no MSN, no *Orkut*, alguns sites de programas que eu vejo, tipo os que eu vejo na TV.” Assim, fala com os amigos e se mantém em parte conectada ao mundo. O seu movimento parece ser o de estar conectada por obrigação, e não por desejo. É necessário elucidar, nesse momento, o extremo tato dessa adolescente, uma cautela em se posicionar e em escolher o que vai falar. Parece ser esse seu funcionamento.

Aparece aqui o medo de ser abandonada caso ela não se renda à máquina? E com quem mantém contato? “... só com aquele grupinho que tá em volta. De vez em quando, muito raramente eu abro a página de algum amigo antigo e deixo um oi, assim...” Não guarda muitos amigos, diz ser caseira e os poucos amigos são do ensino médio. Amigos antigos ela tem em sua rede do *Orkut*, mas, como ela mesma nos diz, não parece manter contato. Estão lá, apenas estão...

Uma pergunta se faz presente, qual a razão de ela ter *Orkut*? Seria por medo de perder seu espaço com a tecnologia? Uma moça renascentista não parece ter essa necessidade, mas ela só parece uma moça de antigamente, ela vive nos dias atuais, precisa se conectar. Os amigos precisam estar lá, a postos para quando ela assim necessite. O *Orkut* para ela é “caso você precise combinar alguma coisa com amigo, você vai lá e deixa! Coisa rápida, não precisa ficar conversando cara a cara. Porque pra mim isso aí, conversa mesmo, eu prefiro pessoalmente. Só combinar alguma coisa rápida mesmo. Não converso mesmo, só no MSN caso precise”. Atentemos, leitor, para o caso precise. Nossa adolescente se posiciona sobre as conversas via *Orkut*, o MSN seria um meio possível embora para ela não o mais importante. Ela prefere a conversa pessoal, o olho no olho, bem mais próximos das pessoas que não utilizavam a internet como recurso de comunicação. Ela parece considerar o outro em uma outra lógica, quando simplesmente “você vai lá e deixa”, não parece uma obrigação enviar um *scrap*? O que nos parece é que nossa Renascentista Contemporânea obedece a leis de conexão, leis que regem a relação do Homem com a tecnologia em um movimento de conexão-desconexão, mas habita um mundo onde se pode conversar pessoalmente.

Agora adentraremos outro território, outra conexão, o MSN. Sabemos que no *Orkut* ela não conversa muito e *caso precise*, utiliza o MSN. “Assim, eu tenho meio preguiça de chamar os outros pra conversar comigo. Então os outros que me chamam. Só quando eu preciso falar alguma coisa mesmo que eu chamo. Daí eu converso do vestibular, de como foi o dia, passo fotos, também bastantes arquivos, que trocamos um do outro”. Afinal, ela é um caso difícil, não é? Podemos perceber que ela, ao mesmo tempo, trata o outro com olhar contemporâneo, de descartabilidade? Ou a obrigação em se conectar a faz sofrer? Talvez, à primeira vista, teríamos um não-encontro dessa adolescente com a contemporaneidade. Mas, lembremos de outro ponto, não seria esse modo de agir um funcionamento narcísico?

E seus amigos? Como é sua relação com eles? A essas duas questões, nossa adolescente nos tira o fôlego dizendo, “Ah... é boa, boa... assim, cada um na sua, às vezes conversa, nunca teve nem briga no MSN nem ao vivo.” Que descaso, não? E são amizades de quanto tempo? “Geralmente os amigos duram o tempo da escola. Com essas duas que ta durando mais.” Estranho? Ao que parece, por vivermos em um mundo no qual a conexão é presente e não se pode mais criar vínculos, o que nossa adolescente parece fazer é simplesmente obedecer às leis de conexão, *deletando* os outros quando termina seu interesse. Sozinha e caseira é sua rotina. Em frente ao computador quando seu pai e mãe não precisam usar, ela se conecta e desconecta à internet de acordo com o limite imposto pelos pais. Ela habita o mesmo mundo que nossa primeira adolescente, será possível essa co-habitação?

Tive a impressão de uma dualidade. Alguém que não tem uma inserção no mundo atual ao mesmo tempo em que nos convida a pensar nas possibilidades de ser um sujeito diferente do comum e habitar o mundo na mesma lógica. Surgiu uma pergunta de minha boca, dessas feitas meio no susto e talvez respondidas também no susto. Tomemos em consideração? Eu pergunto a ela, “E sobre sua vida, sobre suas coisas? Você conversa com quem, normalmente?” Foi uma pergunta sem espera de resposta. O que surgiu como resposta, parecia-se com que tipo de comunicação? Ela abaixa a cabeça e responde: “Converso com quem... eu não tenho convívio social essas coisas. Só um grupo pouco, não sou aquelas pessoas que conhecem a cidade inteira. Falando metaforicamente...” E de repente, Adelina começa a rir, simplesmente rir de um mundo em que todos parecem ter um convívio social, menos ela. Ela já foi abandonada? Ou simplesmente suas conexões não precisam ser grandes?

Algumas questões se fazem, ela parece sofrer com esse modo de vida. Ela não faz parte do mundo? E quando pergunto a ela sobre suas fotos no *Orkut*, ela me responde que são fotos normais, que ela escolhe quando sai com as amigas. “Assim, mas as melhores que saíram eu ponho lá! Não coloco as espontâneas, só as que ficaram boas” e nada de fotos sozinha,

somente fotos com as amigas, com a família. Afinal de contas, ela não pode parecer sozinha? Ela não precisa de muitos amigos, mas dos que tem ela funciona em conexão e não pode perdê-la. Ou precisa parecer que é sociável para os outros, já que em seu discurso ela se coloca como uma pessoa bastante reservada?

Alguém que fica em casa, que não entra na internet sempre, que apenas lê e escuta música. Assim é como ela parece ser. MP3? Ela tem um, “mas prefiro o som do meu quarto, uso muito rádio!” E televisão ela não assiste, “meu pai tirou a TV a cabo. Então eu fico lendo, escutando música e quando dá entro na internet. Quando meu pai não tá usando ou minha mãe.” Ela realmente está em modo de espera ou como tecnologicamente conhecido: *stand by*. Esperando uma vida que acontecerá, mas que ainda não sabe quando.

No computador, acontece um revezamento entre ela e seus pais. Eis que surge um irmão. Ele não faz parte desse revezamento? “meu irmão tem o computador dele, porque meu pai fez assim... se passava no vestibular ganhava o próprio computador. Aí, como ele já passou, ganhou! Daí eu to vendo quando eu ganho o meu. Daí eu revezo... ainda!” Ela precisa esperar seu tempo de inserção no mundo, de sua própria conexão. Esse direito é arrancado dela por seus pais? Agir desse modo é uma possibilidade de habitar o mundo?

Logo, percebemos que ela precisa passar no vestibular. É esse seu caminho, uma vez que ela está esperando o resultado. E que carreira pretende seguir? Ela escolhe um curso aqui na cidade. Perguntei os motivos que a levaram a fazer essa escolha e de repente, me surpreendo. “Não... porque o curso que eu queria não tem aqui em Uberlândia. Que é... nossa fugiu o nome aqui... ai ai eita... calma ai que eu vou lembrar. É um curso que no Brasil não é muito cultuado, só tem no Rio de Janeiro. Fugiu, não sei porque fugiu! Minha mãe não deixa eu ir pro Rio, daí dos que tem aqui, foi o que mais me interessou.” Ela escolhe um curso? Não parece ser essa lógica. Ela segue seus pais até na escolha do lugar onde deve morar? E os pressupostos do adolescente como caixeiro-viajante, como mencionado no capítulo 2? No

caso dela não parece acontecer essas possibilidades de mudança, por como ela precisa habitar esse lugar. Ela escolhe um curso que só tem na cidade em que sua mãe não a deixa morar. Escolha defensiva?

O importante não parece ser o curso e sim a necessidade de ter uma carreira, qualquer que seja, para que assim possa seguir no mundo contemporâneo. Nas respostas sobre escolha de um curso e de como se imagina no futuro, vemos que Adelina tem que se decidir por um curso para ter uma carreira, e um curso na cidade, por imposição da mãe. Quanto ao futuro só pode imaginá-lo na forma de ter um emprego. Nesta situação de precisar ter uma carreira e não escolher uma carreira é o mundo contemporâneo que se impõe, e a impede de poder pensar na própria escolha da carreira. No mundo em que vivemos, nos ensina a Teoria dos Campos, vige o regime do ato puro onde a ação antecede o pensar sobre a ação — no caso de Adelina torna-se impossível e impensável escolher por si um curso e indagar-se sobre o que lhe agradaria fazer no seu futuro. O futuro é inimaginável, coerentemente com o presente que não pode ser escolhido e lhe é imposto.

Ela quer ir embora pro Rio de Janeiro? Não é lá onde o culto ao corpo está mais presente? E ela não é a beleza renascentista, de poucos amigos e caseira? Há espaço para ela nesse mundo carioca? Em contrapartida, o Rio de Janeiro pode ser pensando como lugar das diferenças, em que o culto ao corpo é levado a consequências graves, mas velhos, gordos e demais “não-contemporâneos” transitam pelo mesmo território. É esse o modelo contemporâneo possível?

Visitamos outros caminhos... E a tecnologia? Que caminho terá? A essa questão, temos respostas de nossa adolescente. Ao se tratar de tecnologia, observamos que “como hoje em dia o acesso tá muito fácil e as coisas baratas, as pessoas tão tentando seguir o ritmo, cada vez elas querem mais, trocam seu celular como se trocam uma camiseta.” Esse discurso é algo dela ou vem de seus pais? Assim, ela não se conecta como os outros e escreve, no papel, suas coisas como nossa renascentista. Ela é o fora do mundo? Ela parece ser o mundo, nas

possibilidades de se existir, porém, com o risco de sofrer as consequências, uma vez que se trata de uma possível-diferente-habitante.

E como você se imagina daqui a dez anos? Foi com essa pergunta que caminhamos para o fechamento da entrevista. E seguiu-se em uma dualidade, habitar um mundo não tão contemporâneo e ser o exemplo contemporâneo. “Não me imagino, sei lá... ter um emprego, uma carreira, só isso. Essas coisas assim e só! O resto é consequência, eu não tenho ideia.”

Planos em 10 anos? Não seria exagero uma pergunta assim? Se ela só espera o que pode acontecer, melhor perguntarmos sobre o próximo ano. E o que ela tem a nos dizer? “Além da faculdade, gosto muito de viajar, eu pretendo assim... guardar dinheiro pra conhecer outros países. Tipo, tem umas amigas minhas planejando *mochilão* aqui pela América, alguns países aqui em volta. A gente ta combinando já!”

A palavra *mochilão* não parece nova, será que foi re-feito esse jeito de viajar? Teremos o conceito de *mochilão*. Não o costumeiro, mas o contemporâneo...

“*Mochilão* é você pegar umas roupas, ir de ônibus, a pé! *Mochilão* é pra quem não tem muito dinheiro, mas quer viajar. A gente vai nos estabelecimentos de estudantes que é mais barato. A gente vai pesquisando onde tá mais barato e vai! Pega as roupas e vai... isso é que é *mochilão*.

Antes de viajar, a gente já arruma tudo, porque viajar a Deus dará não rola, né? Então a gente já sabe o caminho, se não fica todo perdido. Então já faz o roteiro, escolhe aonde quer ir, já faz uma programação toda, aonde vai...

Já escolhe os albergues, faz reserva antes. A gente não conseguiu achar os sites de albergues. A idéia é ficar 1 mês e voltar, e entrar na *lan house* quando tiver na cidade e já vê onde vai ficar.”

Bem vindo ao *mochilão* contemporâneo, cercado de tecnologias... E a tecnologia? Como ela viaja? Segundo nossa adolescente, “elas não querem levar nada de *lap*, de coisa assim. Ficar mais incomunicável mesmo. Daí, ver só uma *lan house* pra comunicar, só vamos levar máquina de fotografias e mp3, para escutar no tempo de viagem de uma cidade pra outra, né?” Assim, a comunicação acontece, em uma máquina incorporada, por outras adolescentes de mesma idade. Uma *lan house* a postos e há comunicação. Um mp3 para se escutar entre

uma cidade e outra. Não poderia ser esse tempo também um passeio? Por que a escolha de acoplar um som aos ouvidos em que somente individualmente se escuta a música? Teremos a presença do celular?

Quando falamos de celular, encontramos uma dificuldade. Quando estamos distantes da cidade de origem, taxas de deslocamento são cobradas para que se tenha a comunicação. Nesse momento, podemos utilizar os telefones públicos ou os computadores. Nossa adolescente e suas amigas já escolheram seu meio: *lan houses*. “Celular nem dá pra levar. Outros países, outras linhas, nem compensa levar... melhor deixar em casa. E tem *lan house*, então de boa!”

Dentro das possibilidades de viagens no mundo contemporâneo, encontramos esse modo escolhido por ela. Interessante, se pensarmos que o famoso *mochilão* foi antes pensado por jovens que não escolhiam todo o roteiro, apenas o ponto de partida e a possível data de retorno. Algo muda? Elas são estudantes, adolescentes e optam por essa forma de viajar. É um estilo pensado somente para essa parcela da sociedade? Um engenheiro de multinacional poderia escolher esse mesmo modo de viagem? E se nosso hipotético engenheiro escolhesse esse modo de viajar, ele poderia comunicar a seus colegas de empresa sobre sua escolha? Quais das nossas in-finitas possibilidades de ser(mos) podemos comunicar aos outros?

No fim de nosso encontro, chegamos a uma definição de quem é ela, ou como ela gosta de aparecer para suas amigas. “Eu não saio muito, só quando minhas amigas chamam mesmo... só assim que eu saio. Daí, eu gosto de ir no shopping... vou onde elas querem ir mesmo... normalmente no miolinho do centro, que não é longe de nada.” Quando não se conecta ao outro, surge o abandono. E se não se quer sair? Ela responde a essas questões, dizendo que vai aos lugares para os quais é convidada. Se insistirem, ela sai com as amigas; caso não, fica em casa, longe do computador ou perto dele se os pais assim permitem.

Duas perguntas: o que aparece quando analisamos o contato com Adelina: a renascentista ou uma forma narcísica contemporânea? Seria, ela, outra versão ou a mesma camuflada de nossa primeira adolescente? O que encontramos em nossa adolescente? Será, ela, tão diferente do mundo? “Não... foi minha criação. Minha família é muito reservada. É normal pra mim... eu sou caseira!” Talvez não seja tão caseira. Será que esta adolescente tem pais que não se renderam à tecnologia? Ela termina seu discurso com um pedido de inserção no mundo, “mas quando elas me chamam pra sair eu vou, tanto faz!” E logo nos coloca uma possibilidade de ser diferente e ao mesmo tempo precisar da aprovação dos outros. “Sou diferente do meu grupo social. Só falo quando precisa mesmo e só! Sou normal, cuido de mim como qualquer mulher, compro roupa, só não compro muito.” Que pedidos elas nos faz nesse momento? Ela precisa ser considerada como uma adolescente normal, mesmo que viva de modo diferente do encontrado no mundo contemporâneo. É uma forma diferente ou apenas uma possibilidade de existir, dada também pela contemporaneidade?

1.2.3 - A terceira adolescente: Frederica ou as possibilidades de mudança?

“O problema é que a internet te liga tanto às coisas que se você é desligado da internet você está limitado. Ela te dá uma idéia de não-limites, de possibilidades. Daí quando a internet cai, você percebe que tá dentro da sua casa e que não pode sair de lá, coisa que a internet te leva onde você quiser²⁵.”

Seguimos nosso caminho e fomos atrás de nossa terceira adolescente. O espaço entre o primeiro contato e a entrevista foi longo, exatas três semanas. Permitam-me contar um pouco do trajeto, afinal, é esse nosso campo de pesquisa. Estava no *Orkut* de uma amiga quando me

²⁵ Trecho retirado da entrevista de Frederica.

deparei com sua prima, lembro-me dela de alguns anos e um breve contato. Resolvi adicioná-la e fazer o convite para essa pesquisa. O aceite veio bem próximo do convite.

Um aceite rápido como os outros, mas com algo que diferenciava, em muito, nossos próximos contatos. Diferenciava no modelo escolhido de contato e com a quantidade de recados enviados antes da marcação da entrevista. Nosso contato foi possível somente via *Orkut*, segundo ela sua permanência no MSN não ajudaria na marcação da entrevista. Assim, essa marcação foi realizada por meio de depoimentos deixados no *Orkut*. Os depoimentos são mais sigilosos porque só podem ser visualizados pelos usuários do *Orkut* mediante seu aceite. Essa forma de diálogo é bastante realizada pelos usuários de modo geral, quando se trata de assuntos mais sigilosos. Seguimos uma série de 9 depoimentos. O primeiro depoimento continha a explicação da pesquisa, de modo a indicar a ela que, caso aceitasse ser entrevistada, poderia escolher o lugar de sua preferência que eu iria até ela.

O segundo depoimento que seria uma resposta, contava com um aviso, “eu vou viajar e volto quarta que vem, se não ficar em cima da hora pra vc pra mim ta tranquilo! a rafaela me falou que vc mora ou vem mto aqui no fundinho, eu moro aqui, ai eu acho que fica mais fácil então ser por aqui mesmo.” Nossa adolescente já tinha informações sobre mim. Quando se adiciona alguém em sua lista do *Orkut*, logo sabemos dos amigos em comum. Em nosso caso, tínhamos uma amiga em comum, a mesma que nos uniu no primeiro contato alguns anos atrás. Seu caminho foi conversar com a prima e saber algumas coisas sobre mim.

Resolvi enviar outro depoimento dizendo que ela poderia escolher o lugar da entrevista, independente de mim e reiterei, ainda, que esperava um contato dela quando do momento de seu retorno à cidade. Esperei até a próxima quarta-feira, porém no domingo após o dia do retorno ainda não havia recebido nenhum depoimento sobre nossa entrevista. Nessa espera, sabia que, por algumas vezes, ela estava conectada ao *Orkut*, por meio de um dos recursos do

programa²⁶. Pacientemente, esperei alguns dias e enviei na quarta-feira - uma semana após sua provável data de retorno - um recado, porém, nesse caso, recebi uma resposta logo em seguida me comunicando: “cheguei de viagem domingo, essa semana pra mim ta tranquila na parte da tarde! depois do almoço costuma ser quando eu fico mais em casa. que horário eh bom pra vc?” Teríamos uma entrevista? Respondi dizendo que nessa semana em questão eu poderia na sexta-feira a partir das 14h. E recebi, na quinta-feira, uma resposta. Ou melhor, dois depoimentos no meu *Orkut*. Ao todo, já somavam nosso sétimo depoimento, no qual o conteúdo continha somente as informações: “oks! combinado!14hs bjo!” Simples e prático. Havíamos marcado uma entrevista, de forma meio truncada, de modo que ela apenas me comunicou o aceite-proposição de encontro, confirmado para a próxima sexta-feira, e o horário que eu tinha estabelecido. E o local? Esse era o conteúdo de nosso oitavo depoimento, que continha o endereço de sua casa. Fechamos a comunicação com meu último depoimento com os seguintes dizeres: “Marcado. 14h estarei aí.”

Nas três semanas que antecederam a entrevista, aproveitei para entrar em contato por meio de seu *Orkut* – que comunicação eu obteria nesse programa? Desde o princípio desta pesquisa, o que acreditamos sobre uma edição de perfil é que poderia ser pensada no momento do contato pessoal. Assim, dentro do *Orkut* de nossa adolescente, encontramos dois momentos. No espaço reservado para que ela definisse seu *status* encontramos uma citação da bíblia. Com que tipo de adolescente encontraríamos? “Porque Dele, e por Ele, e para Ele, são todas as coisas; glória, pois, a Ele eternamente. Amém (Rom. 11:36)”. Foi nesse momento que pudemos perceber a influência da Igreja na vida de nossa adolescente. Mas esse ponto seria o início de um olhar e não sua totalidade. Quando no *Orkut* é perguntado a essa mesma adolescente sobre quem é ela, encontramos outras respostas que delineiam um pouco mais seu desenho, “pierrot, colombina e arlequim. uncool. uncult. impar.” Que desenhos podem ser

²⁶ O *Orkut* disponibiliza em nossa página inicial um histórico dos últimos acessos ao programa. Dessa forma, quando visualizamos um perfil em nossa página inicial, significa que esse usuário está ou esteve conectado recentemente.

pensados nesse momento? Nossa adolescente é um mix de personagens? Ela resolve pôr uma edição diferente, se define como não culta, não legal e ímpar? Será fato isso? Convidamos o leitor para nos acompanhar em nosso caminho.

Nesse momento, podemos recuperar um ponto importante de nossa segunda adolescente. Seria esse processo, uma forma de narcisismo? A partir da definição de ser um ser habitante *ímpar* da sociedade, as atenções seriam voltadas a ela? Observa-se, desse modo, que nossa adolescente tem um visual diferente, usa tatuagens e piercings ao longo de seu corpo. Define-se como diferente dos outros, ao passo que se considera aceita. Seria uma forma de existência-resistente em um mundo de inúmeras possibilidades? Como ela habita o mundo tecnológico? Encontramos no mesmo espaço reservado a explicar um pouco de quem é o perfil visitado, dois links. O primeiro, seu *fotolog*²⁷ e o segundo seu perfil no *myspace*²⁸.

Ao visitarmos, no *Orkut* de Frederica, os links de *fotolog* e *myspace*, e tendo já nos encontrado, sentimo-nos instigados a aprofundar nesses dois territórios. Das impressões obtidas nesses dois veículos digitais, destacamos uma postagem em seu *fotolog*. “me lembrei de uma frase que eu vi no filme *Green Street Hooligans* que diz mais ou menos assim: ‘depois que você leva o primeiro soco e vê que não é de vidro, sempre está preparado pra outra’, ai pensei, pq que depois de levar alguns socos eu nao tive preparada pra bater? ehnh garotinho.... prepara que agora eu vo bater tb, e é pra machucar.” Que comunicação podemos encontrar nesse momento? Nossa adolescente é alguém rápida no gatilho e pronta para se machucar. Teríamos na frase acima, uma possibilidade de revidar ofensas, de não aceitar passivamente ditames do mundo?

²⁷ Fotolog é um programa de internet em que os usuários cadastram seus perfis e publicam seus diários online. O que difere dos weblogs, outro programa semelhante, é que, dentro dos fotologs, são esperadas as publicações também de fotos e não somente escritos. Os fotologs não parecem tão frequentes como o Orkut, mas são recursos semelhantes no sentido de ilha de edição.

²⁸ Myspace é outro programa com finalidades próximas às do Orkut e fotologs. Por meio dele, o usuário pode colocar escritos, fotos e fatos que decide divulgar na rede. O Orkut possui um recurso de visualização limitado aos amigos do usuário. Já o myspace e os fotologs não possuem esse recurso.

Resolvemos olhar para outro lugar que desenha nossa adolescente, visitando seus depoimentos. Os depoimentos pesquisados foram os que apareciam em sua página inicial e que foram aceitos por ela, para habitarem esse espaço. No primeiro encontramos um amigo que dizia “A Frederica não tem papo. de fato.” O segundo continha os dizeres, “A Frederica não precisa ser legal ! xD”. Encontramos ainda, “a Frederica não precisa de triceps ;)”²⁹ E quem precisa ser ela? Qualquer possibilidade é aceita? Não acreditamos que esse seja o ponto, mas algum entendimento pode ser possível. Ela se distancia do que comumente é encontrado nos jovens. Por mais que tatuagens e piercings tenham se tornado comuns, encontrar alguém assim parece ainda causar certo estranhamento. Uma freira às avessas ou uma freira na transversal do tempo e espaço?

20 de fevereiro de 2009, cobertura de um prédio, 14 horas.

Começamos por outro ângulo. É sexta-feira e, no horário, combinado eu estava na portaria do prédio de nossa adolescente. Destaquemos que, nesse momento, foi bem prazeroso a não necessidade de locomoção, uma vez que a entrevista foi marcada para acontecer a duas quadras da casa do entrevistador. Na portaria fechada, acionei o segurança avisando de minha chegada e logo consegui adentrar no prédio e me dirigi à cobertura. Nossa adolescente mora com a família em um prédio próximo ao centro da cidade. Aparentemente sua condição sócio-econômica é maior que a das outras duas entrevistadas. Fui recebido por ela e por suas duas cachorras e logo subimos para a parte superior, um lugar bastante agradável e que, segundo ela, é “o lugar de descanso no meio da cidade”. O lugar era bem interessante, pois ficava logo após uma sala de televisão com inúmeros pôsteres de filmes antigos e muitas bonecas da Betty Boop. Ao passarmos por essa sala, nossa adolescente me diz que é uma sala em que eles colocam coisas compradas em viagens e que tenham relação com filmes. Destaco, aqui, a beleza e a simplicidade do lugar. Esse lugar se difere em muito do restante do apartamento. A

²⁹ Os depoimentos são recursos para que os amigos do usuário possam defini-los para os demais pertencentes ao Orkut. É importante nos atentarmos para a simplicidade desses depoimentos. Para que os depoimentos sejam encontrados na página inicial de Frederica, ela precisou aceitá-los previamente.

idéia que se faz presente é de uma sala de estar retirada de um catálogo de revista, em que tudo parece perfeitamente colocado ao olhar do outro. O que encontramos na sala superior se parece mais com uma casa, já que existe um jeito de decorar individual, mais intimista. Encante-me com as aquisições em viagens. Isso, porque se configurava uma decoração que contava um pouco sobre as desventuras dessa família, ao longo de suas idas e vindas de lugares diferentes.

Passamos para a área externa e nos sentamos em uma mesa. Liguei o gravador e começamos a entrevista. Frederica estava vestida com um short preto e uma camiseta com um corte bem interessante. Foi um visual que poderia ser usado em uma boate ou em casa, desses visuais contemporâneos, e lhe caía muito bem. Um visual que habitava a estética e a não-estética. Pude observar que ela tem um piercing bastante visível no nariz, o que não ofusca seu olhar de menina sapeca. É essa a imagem que guardei desse contato.

Acompanhados por uma das cachorras, uma vez que a outra permaneceu na sala de estar, começamos a conversar um pouco sobre sua rotina. De início, Frederica sorri e nos diz: “minha vida até antes das férias era que eu comecei a fazer faculdade e já no primeiro semestre eu consegui estágio, fiz estágio durante 8 meses.” Interessante como essa foi a primeira frase colocada na entrevista - alguém que já no início consegue estágio e começa a ganhar seu próprio dinheiro. É esse o estilo de vida contemporâneo? Com uma rotina de estágio e faculdade, nossa adolescente nos comunica as dificuldades que teve para cumprir essa rotina de produção. “Dai eu saí desse trabalho que eu tava, desse estágio, eu me demiti de lá, ai acabou que passou nem um mês eu já tava trabalhando em outro lugar, numa empresa de mídia digital, essas coisas”, e se faz resistente ao modelo de constante produção encontrado no mundo contemporâneo? Ou o estágio é tão descartável como as demais relações de trabalho presentes na atualidade? O que acontece em seguida é que nossa adolescente começa

outro estágio, é incorporada novamente pelo estilo de vida presente, mas pode descartá-lo quando fizer a próxima viagem.

Dentro desse contexto, podemos recuperar alguns pontos discutidos anteriormente acerca da imagem do adolescente como eleito para o estilo contemporâneo. Parece ser esse o modo escolhido para que ele habite o mundo, um caixeiro-viajante, um sujeito preparado para abandonar sua rotina para se lançar em busca de novos territórios. Frederica opta por mais uma demissão. Segundo ela, a escolha desse segundo estágio tinha dois motivos em especiais: “Porque na verdade era mais pra currículo e ganhar uma graninha antes das férias. E aí eu resolvi me dar férias porque eu precisava de férias.” Férias? Alguém pode escolher quando tirar férias? Nossa adolescente parece fazer parte de algum modo de resistência do mundo. “Então, eu fiz umas viagens nessas férias e programei um monte de viagens nesse ano. E decidi que eu quero arrumar um emprego que eu possa conciliar com minhas viagens. Que é o que eu quero fazer esse ano.” Resistência ou vaidade? A priori o que me inquietava era que tipo de viagem ela gostaria de fazer. Seria viajar pela Europa?

Nossa adolescente parece ter outras preocupações. Essas viagens são grupos de ajuda à comunidade carente do país. É essa a escolha de nossa adolescente, férias aliada a trabalho comunitário. E, nesse mundo, cabe esse movimento? Valeria a pena deixar um emprego em uma empresa de mídia digital, em favor de uma flexibilização de carga horária? Nossa adolescente diz querer trabalhar, mas não aceita deixar as viagens. É, essa, uma forma de resistência ao sistema ou simplesmente uma menina rica?

A seguir, começamos a falar um pouco sobre tecnologia, mas as questões pensadas anteriormente são retomadas durante o discurso de Frederica. E qual sua rotina com o computador? “Eu mexia mais... Até porque no meu trabalho, quando eu trabalhava, eu ficava o dia sem fazer nada. Daí eu ficava o dia todo no computador.” E o que fazer quando não se tem nada a fazer? Essa pergunta é respondida em relação à permanência dela em frente ao

computador. “Daí, quando eu chegava em casa nem dava vontade. Às vezes, por vício mesmo eu ainda entrava no *Orkut* para ver se tinha alguma coisa, mas nem ficava muito tempo mais, desde que começou a virar uma coisa muito limitada.” Esse é movimento de Frederica junto ao seu computador. Vício? Talvez, aqui, encontremos algo sobre a dependência da tecnologia, uma máquina incorporada nesse humano contemporâneo que o faz conectado ao mundo. É a partir dessa conexão que vivemos no mundo?

Dentro dessa perspectiva, encontraremos o MSN como recurso de contato. Destaquemos, aqui, que nosso contato foi realizado por meio do *Orkut*. E que contatos ela tem em seu MSN? “Eu converso para marcar coisas, pra não gastar telefone, daí é bem mais fácil, mas só pra marcar coisas mesmo. Eu converso mais com os amigos de fora! Eu acredito que o *Orkut* e o MSN ajuda a manter meu contato com os amigos de fora.” Podemos perceber o mesmo movimento de nossas outras adolescentes em relação à utilização do *Orkut* e do MSN. E quando os amigos moram longe e queremos conversar? Acreditamos que o chamado *marcar coisas*, não parece ser algo que impera nas conversas do MSN. “Mas eu acredito que tem como fazer uma amizade bem concreta usando a internet, desde que você conheça de onde saiu a pessoa.” Nesse momento podemos entender que as conversas do MSN são maiores que um simples agendamento de encontros. Quando Frederica nos fala sobre a amizade concreta via internet, podemos encontrar indícios de um outro tipo de contato virtual que opera nas relações contemporâneas. E que contato é esse?

Nessa perspectiva, nossa adolescente utiliza o MSN para contatos com amigos que moram longe, mas sabe *de onde saiu a pessoa*. Interessante essa frase se pensarmos na qualidade dada à internet nos anos 90, em que acreditávamos que os contatos virtuais eram somente virtuais. O que nossa adolescente nos comunica é que esses contatos são pessoas que ela conhece pessoalmente, e que a utilização do MSN pode ser pensada como recurso de

comunicação mais barato que o telefone. É, essa, uma forma-possibilidade de utilização da tecnologia?

Nossa adolescente não parece tão menina, senti durante a entrevista uma espécie de movimento de resistência a alguns *modos operantes*. Frederica estabelece críticas sobre a não-proximidade quando o recurso utilizado é o MSN e não o contato pessoal. “Na internet você não sente a entonação de quando você está escrevendo. Isso é importante. Porque na internet, às vezes, você quer dizer uma coisa e a pessoa entende outra. Você não consegue expressar da forma que você quer dizer, porque tem a falta da entonação.” Esse movimento é percebido por nossa adolescente, o que nos parece algo que é possível pensar sobre algumas falhas dessa tecnologia. Atualmente temos recursos de microfone e webcam que conseguem aproximar o contato virtual da experiência pessoal. Não obstante, não percebemos uma grande utilização desses recursos por adolescentes. Normalmente, a conversa via MSN não é realizada somente com um contato por vez, pois este recurso permite que sejam abertas várias janelas de conversação em um mesmo momento, o que impossibilita o uso de webcam e microfone.

Até aqui, falamos sobre a internet. Porém, é, o celular, o próximo exemplo de uma máquina incorporada? Dentro dessa entrevista e das duas anteriores, eu lancei sempre a pergunta, “e o celular, o que falar dele?” É a partir desse ponto que nossa adolescente começa a falar sobre esse aparelhinho tão presente no dia a dia. “Eu não paro em casa com a correria do dia a dia. Não tem como eu ficar sem celular mais. Mas acaba que eu não ligo muito com a questão de tecnologia, até porque eu perco muito celular. Então acaba que antes eu era mais preocupada em trocar de celular, com um que tinha música, coisas assim, hoje eu prefiro não gastar grana com isso” Até aqui, nada de muito novo, a não ser a frase em destaque. O que parece é que a tecnologia está presente, e disso não temos ter dúvidas, mas não é de forma a ostentar um aparelho celular com grandes recursos tecnológicos. E que motivo tem ela? É simplesmente pelo fato de perder os aparelhos? Parece que a descartabilidade é presente em

Frederica, do celular aos estágios em que ela pede demissão. No caso do celular, ela tem a opção de compra dos mais baratos, e nos estágios? Que lógica pode ser pensada? Uma pobre menina rica ou uma rica menina pobre?

“Mas acaba que eu não tenho muita paciência de gastar com uma coisa que pra mim, eu gostaria, mas que eu não coloco como prioridade.” É ela diferente das outras adolescentes? O mercado nos convida à troca de aparelhos celulares, bem como da tecnologia em geral, em um espaço de tempo cada vez menor. Ela não se rende a esse consumo? “Esses dias pra trás eu peguei o celular de uma amiga minha que tinha coisa pra ouvir música e ela não tava usando mais. Tinha tudo mais também... e acabava que eu não usava muito, usava mesmo para falar que é a função ou, no máximo, para quando tava na rua e queria mostrar uma música ou uma foto, eu mostrava.” Então para que um celular com muitos recursos, se o mais usado é mesmo o falar? Frederica simplesmente pega o celular de uma amiga que não estava mais sendo usado. Certamente essa amiga havia adquirido outro modelo e o antigo estava parado em uma gaveta.

Adiante, pergunto o que ela gosta de comprar. A primeira resposta vem sobre uma tecnologia que parece ser uma necessidade. “Agora eu to com a necessidade de comprar um notebook, até porque agora eu vou gastar muito mais tempo com tecnologia, com design gráfico e meu computador não suporta mais os tipos de programa que eu preciso usar”. É uma necessidade? Quando pensamos no notebook temos um exemplo do computador móvel, aquele que pode ser levado a todos os lugares. Por que essa escolha? Sem dúvidas, a praticidade de se trabalhar em qualquer ambiente nos convida à compra de um notebook. Não obstante essa praticidade não é um grave exemplo da máquina incorporada e de dependência tecnológica? Segundo Frederica, a casa em que mora tem um computador para ser dividido entre os moradores e continua dizendo que como seu tempo de permanência diante do computador precisa ser maior, em função do design gráfico, seria melhor a aquisição de outro

computador. Seria essa uma verdade ou uma desculpa? “E nem só coisa de trabalho, coisa que eu gosto, tipo jogo, vídeos que eu quero baixar... eu to pensando em comprar um notebook para cuidar disso.” Então tem outros motivos. Nossa adolescente é conectada ao mundo, disso não podemos nos afastar. A questão que pode ser pensada é em como utilizar esses recursos. Frederica não parece ser a resistência ao modelo vigente, mas ela causa menos estranhamento do que as outras adolescentes que tivemos contato. Seria ela a mais incorporada ao sistema? De alguma forma, parece que a máquina foi incorporada a ela de modo fluído em que conflitos quase não são percebidos. É esse o modelo contemporâneo, uma fluidez aparentemente sem dor?

“Eu gosto bastante de tecnologia, realmente bastante. Tem coisas que são o sonho de consumo. Que eu queria ter, exemplo... queria ter um ipod³⁰, demais... mas eu não tenho dinheiro para comprar um ipod dai eu compro um mp3 baratinho, no camelódromo, que vai atender minha necessidade de escutar música quando eu quiser”. É essa uma possibilidade de resistência? A tecnologia nos deu a praticidade e as possibilidades de escutar músicas por meio dos fones de ouvido. Dentro dessas possibilidades, temos desde o discman³¹ até o ipod, não se esquecendo do celular com mp3, do Iphone³² e outras tantas possibilidades. O que nossa adolescente faz? O que parece acontecer é que ela ri um pouco do processo e admite que o *mp3 baratinho no camelódromo* atende suas necessidades, não precisando de algo a mais. Dentro dessa perspectiva, nos deparamos com o camelódromo, uma espécie de “catedral” ou “santuário” do descartável. Por mais que saibamos que a tecnologia, nos dias atuais, é criada para que seja descartável em pouco tempo, parece ter, o camelódromo, essa

³⁰ Ipod é um aparelho eletrônico utilizado para escutar músicas em formato MP3. Foi desenvolvido pela Mac, indústria norte-americana. Logo em seguida, foi copiado por outras empresas, que não puderam colocar o mesmo nome em decorrência da patente. Não obstante, ter um ipod parece ser um sinal de status por adolescentes.

³¹ Aparelho eletrônico muito conhecido pela geração dos anos 90. Com esse aparelho, podíamos colocar nossos cd's e escutá-los como caminhávamos pelas ruas, por exemplo. Com o avanço tecnológico foi substituído por aparelhos menores, em que não se precisava mais dos cd's.

³² Iphone é Mencionado como um celular revolucionário, o iPhone pode fazer ligações, tocar músicas, navegar na Internet, editar fotos, exibir filmes e mensagens de texto, e várias outras funções.

descartabilidade estampada. Podia, o capitalismo, se aterrorizar com tal fato, mas ele mesmo o incorpora, ao mesmo tempo o incita, rindo de tal evidenciamento.

Dentro, ainda, dessa perspectiva, encontramos alguns exemplos de um avanço tecnológico e de seu consumo. Frederica nos conta um pouco de sua sala de aula na qual os notebooks não são novidades, pois já fazem parte de um processo de descartabilidade. “As pessoas estão trocando o notebook por MAC, trocando o ipod normal por um de não sei quantos gigas. O celular ta virando um iphone.” É esse o processo? Escutar falas como essa não parece grande novidade. Convidamos o leitor para uma atenção ao processo de nossa adolescente em questão, em que Frederica nos conta que “as pessoas têm tudo... às vezes, você convive com pessoas que têm muita coisa e daí cria em você a necessidade de ter também. Às vezes você acaba achando uma necessidade que você nem tinha mas que foi criada.” Todos nós estamos inseridos na lógica contemporânea, assim, como nossa adolescente funciona a partir dessa lógica? Que desenhos podem ser vistos na questão do consumo-descartabilidade?

“Se eu tivesse o recurso eu compraria, mas por falta de recurso eu não tenho. É prioridade... eu tenho outras prioridades, não vou fazer de conta que tenho o recurso só pra aparecer pro outro e ficar em casa sem viajar que é o que eu quero fazer.” Aqui, podemos destacar pontos importantes que dão sentido às aparências contemporâneas. Seria sua casa somente uma aparência de vida financeiramente estável? O que nossa adolescente nos conta é que prioriza as viagens e deixa de lado, não a tecnologia, mas o quanto investirá nessa aquisição. É ela, uma adolescente politicamente correta? Em seu discurso ela quer dizer do quão correto são suas atitudes?

E o que Frederica gosta de comprar? “Se você me falar... a coisa que eu mais compraria é roupa. Se me disserem agora, você tem dois mil, o que você compraria? Eu compraria hoje o notebook, eu optaria, pra quitar um problema que está na minha cabeça há muito tempo.” Temos, assim, um movimento importante para pensarmos sobre: o que se precisa? Trata-se de

uma questão de necessidade? Necessidade imposta gera dívida? A sua inserção na tecnologia não precisa ser questionada, mas ela parece oscilar entre os movimentos de espera e os de se lançar aos impulsos de compra.

Ainda, sobre a tecnologia, Frederica nos conta um pouco de sua irmã. Consideremos essa comparação. “Minha irmã tem mais tecnologia que eu, porque ela cresceu no meio disso tudo. Por mais que a diferença seja de 4 anos, ela é mais ligada nisso. Eu prefiro outras coisas, já que eu não tenho o dinheiro sobrando e não vou ficar gastando com isso. Mas é prioridade minha mesmo.” A diferença de idade não parece ser grande diante do primeiro olhar. Não obstante, é importante destacar que em relação à tecnologia o mundo produz grandes saltos no desenvolvimento de produtos tecnológicos em espaços de tempo, cada vez, menores. Desse modo, a questão mais importante é pensarmos na prioridade que damos em nossas vidas. Todos comprarão, resta escolher o que nos chama mais a atenção? Sendo assim, todos são devorados pela tecnologia avançada?

Frederica é diferente dos outros habitantes do mundo? E se seu celular acaba a bateria? Teria ela a paciência de esperar o momento de retorno a casa ou uma preocupação assolaria seus pensamentos? “A maioria das pessoas são assim, difícil achar pessoas que não ligam para isso, ta dominado mesmo. Tipo, nessa última viagem eu era a única que o celular acabou no primeiro dia e eu nem coloquei para carregar, tava de férias mesmo... mas as outras pessoas já iam carregando e *talz*.” Dentro da viagem é possível uma desconexão. Segundo ela, férias servem para esse movimento e que ao se dedicar a outros focos, o celular e a conexão perdem o interesse e a necessidade. E no dia a dia?

“Eu fico preocupada quando a bateria acaba. Às vezes ninguém ligou o dia todo, mas eu fico preocupada se alguém me ligar. Nossa, eu fico com raiva dessa nóia de tecnologia, mas tá dentro da gente já. Eu não sou diferente, mas me acho menos preocupada que os outros, pelo menos isso.” A preocupação existe em cuidar de uma máquina que já faz parte da rotina.

Nossa adolescente, não parece cuidar tanto do celular, podendo perdê-lo com frequência, mas existe um cuidado, que ele permaneça conectado. Que motivos ela precisa ter para cuidar de seu aparelho celular, uma vez que ele é um objeto descartável?

Frederica recorreu, mais uma vez, ao externo para um exemplo: “Teve um cara no ônibus que em toda parada ele carregava todos os equipamentos.” E continua adiante, “ele levava 5 tipos de vídeo games de mão diferentes, mais coisas de música, mais laptop. Ele parava e corria pro posto para carregar.” Se olharmos ao redor encontramos uma adolescente menos preocupada, por mais que tenhamos toda a inserção da tecnologia dela. Ou teremos nesse outro adolescente o extremo? Frederica, durante a entrevista, solta uma risada e me diz: “Eu não sei nome de modelo de celular, por exemplo. De que marca de não sei de que que é bom. Eu sou mais tranquila. Mesmo com todas as preocupações, eu preocupo menos.”

Habitar o mundo contemporâneo não parece tarefa simples. A cada dia, todos somos cobrados sobre produção e consumo. E como é habitar o mundo para Frederica? “eu procuro fazer as coisas, pensando não só em mim, por mais que o ser humano tem o instinto egoísta. Eu procuro viver as coisas com propósito. Eu tenho meu instinto egoísta sim, mas eu paro e penso antes de fazer as coisas e ver que posso fazer diferente se eu pensar mais.” Será um movimento utópico ou ela consegue essa forma de pensamento? Temos, na contemporaneidade, uma lógica em que as ações não parecem ser pensadas, assim, Frederica nos convida ao retorno do pensamento ou é somente uma ação politicamente correta?

Encontramos uma lógica operando em Frederica, uma lógica interessante que vem carregada de uma linguagem contemporânea, “vai me dar fruto sem fuder o outro?” É essa a pergunta que nossa adolescente faz, antes dos atos. Seria ilusão acreditar que em todos os momentos ela age dessa forma, contudo, é interessante apreendermos essa lógica também operando nela. É, esse, um processo produzido pela Igreja? “E nem é a igreja que faz isso, tem gente que não tem igreja e faz isso, eu só faço com a igreja porque to lá. E igreja não é

um grupo e pessoas que lutam por alguma coisa?” Esse processo parece bem interessante, não? Não obstante, como seria possível *dar fruto sem fuder*? Como criar frutos se não se pode criar vínculos com o outro, apenas se conectar? Que fruto advém de um mundo em processo de descartabilidade? Frederica nos ajuda a refletir sobre o mundo, pois ao afastar o grande encanto gerado na entrevista, podemos encontrar outras formas de pensamento. Nossa adolescente tem 19 anos, não parece tão criança e tão pouco adulta. Não obstante, ela parece ser o exemplo de um modelo vigente que retira as fronteiras e coloca o homem em um lugar de incorporação fluida. Talvez, Frederica seja nosso maior exemplo de uma máquina que foi incorporada de acordo com o pensamento contemporâneo.

2- Desenhando conclusões: o encontro com a Teoria dos Campos

No decorrer da caminhada acerca da adolescência e da máquina incorporada nas relações interpessoais, alguns temas e fundamentos teóricos foram desenhados. Esses são passos importantes, em nosso caminhar, pela questão da virtualidade contemporânea. Desse modo, a incorporação da tecnologia pelo ser humano reconhece em seu próprio corpo tais mudanças. Seria, então, um corpo re-construído a partir da tecnologia? A ênfase se faz mais presente na mídia cultural e no capitalismo, por se encontrarem como pontos de ancoragem no processo de construção de um homem que parece se construir cada vez mais tecnológico.

O avanço tecnológico neste início de século invade o homem. De usuário da tecnologia, ele passa a ser por ela invadido, contatando o mundo em forma de conexão instantânea. O mundo, por sua vez, impõe pressa e produtividade constante. É um mundo em que os meios estão a serviço de produção de mais meios, o mundo dos descartáveis. Nosso livro de cabeceira é o manual do usuário que já determina nossas escolhas. A criação e o pensamento

ficam restritos a poucos privilegiados. Some a pergunta, some a crítica. É realmente um mundo assustador.

Até aqui, falamos de sujeitos contemporâneos, livres e, ao mesmo tempo, presos em uma amálgama tão contemporânea. Teremos, pois, seres humanos co-habitando o mesmo território? Dentro das relações estabelecidas por nossas três adolescentes, encontramos “um caso difícil de entender”? Talvez tenhamos encontrado desenhos, possibilidades de existência no mesmo mundo. Assim são elas e suas relações, convergindo em movimentos de lançar-se e esperar o que o mundo irá oferecer.

Dentro do *Orkut*, um exemplo de máquina incorporada, encontramos que sua criação se deu a partir das dificuldades, inerentes ao ser humano contemporâneo, de se relacionar. São elas, verdades relativas em um mundo que nos tem isolado do contato pessoal em favor de uma constante produção. E esse mundo que, além de estimular o uso da internet e o consumo de tecnologia, nos tem colocado como consumidores de coisas e conceitos previamente determinados pela indústria cultural. Parecem ser, estes, alguns de nossos reguladores contemporâneos. Nessa perspectiva, a máquina que, antes, era utilizada pelo ser humano, ganha uma nova faceta quando sua dependência se torna presente em uma incorporação da tecnologia em nosso próprio corpo.

Ao entrarmos em contato com três realidades, aproximamos um pouco mais da representação do Real que pode ser apreendido em nossa contemporaneidade. Assim, percebemos um regulador: o disfarce. Esse é o movimento que parece unir tais realidades. E o que seria o conceito de disfarce? Algo ruim estaria acoplado nessas adolescentes? Recorremos ao autor de tal conceito, Fábio Herrmann. Dessa forma, poderemos apreender mais sobre esse ser humano posto em questão ao longo dessa pesquisa. Segundo este autor, “O disfarce é uma atitude eminentemente social que regula e desregula a relação com o outro e que depende de

uma convenção socialmente compartilhada para poder tornar-se efetiva” (Herrmann, 1999, p. 146).

Nessa perspectiva, vivemos em um mundo de constante possibilidade teatral de existência. Um corpo-território capaz de se modelar com um simples estímulo encontra na contemporaneidade um lugar de existência. A todo instante temos a possibilidade de criarmos identidades mais cambiantes e descartáveis tão logo essa ação se faça necessária. Assim, “o indivíduo alberga-se na identidade suposta sem nenhum esforço visível” (Herrmann, 1999, p.146). Seria possível pensar que personalidades inteiras estariam sofrendo uma reviravolta ou, em parte, se travestindo por meio do disfarce? Teremos no mundo a co-habitação dessas duas colocações.

De acordo com Herrmann (1999), o ser humano se faz na paixão do disfarce, o que nos garante a sociabilidade necessária para a vida. O disfarce regula as ações interpessoais no mundo em que vivemos e está submetido a uma convenção socialmente compartilhada. O disfarce não é nem inventado, nem escolhido aleatoriamente. No entanto, sua contribuição para o tema do disfarce é a constatação de uma *paixão do disfarce* cuja lógica emocional, ou lógica produtiva, ou lógica de concepção, procura elucidar. De igual modo, temos na internet e, mais especificamente no *Orkut*, um modelo de mundo criado para que existamos. Seria somente uma farsa ou uma denúncia do Real apreendido pelo fenômeno? Acreditamos que o *Orkut* seja somente um exemplo do modo como as pessoas podem existir no mundo, sendo esse mesmo modelo apreendido por meio do contato pessoal. Com ele, nossas adolescentes narram suas histórias, sem diferir o modo como se apresentam quando olhamos em seus olhos. Segundo Herrmann (1999), “quem se disfarça entra noutra história, vira personagem do enredo que criou - como é evidente; mas, por outro lado, toda história narrada já é um disfarce, uma vez que constrói um sentido parcial que se apresenta como totalidade coerente.”

É indubitável a presença de histórias pessoais dentro do chamado disfarce, que nos dá dicas de como o ser precisa existir no mundo. É o disfarce que nos coloca em contato com o outro, ponto de grande tensão no mundo atual. Quando olhamos diretamente para o que nossas adolescentes nos contaram, podemos descobrir mais que a palavra comunicada diretamente. Podemos vislumbrar um outro modo de consciência que parece quase natural, mas é um disfarce. Este, foi o nosso trajeto dentro dessa pesquisa, a partir de nosso referencial teórico, de modo que as adolescentes nos disseram tanto sobre si mesmas, como sobre o mundo habitado, não somente por elas, mas por todos nós. A paixão pelo disfarce pode ser encontrada facilmente quando do momento de leitura de um livro. Assim, seria esse mesmo processo encontrado quando da análise em uma pesquisa? Talvez tenha sido essa nossa intenção, caro leitor.

Dentro da paixão pelo disfarce, pudemos encontrar territórios variados, condomínios fechados, shopping centers e prédios. Não obstante, encontramos a *terra do nunca*, lugar bem conhecido por todos que, na infância, se deliciaram com Peter Pan e suas des-venturas. Teria, o leitor, a convicção de que o contato pessoal nos dá uma noção de verdade maior que a apreendida no *Orkut*? “Conhecer o nome verdadeiro de alguém equivale a apropriar-se do elemento central de sua representação, do cerne de sua história, de sua essência, de sua alma”(Herrmann, 1999, p. 153). Pudemos, em nossa trajetória, nos deliciar com histórias contadas - se verdadeiras ou não, do ponto de vista da ciência de outrora, não nos importamos. O que nos é caro se fundamenta em entender um viver contemporâneo, dentro das possibilidades propostas por ele. Não tenha dúvidas das angústias que poderemos encontrar dentro do disfarce, pois esse modo de agir evidenciado em nosso caminhar pode servir como fonte de mudança do imperativo da descartabilidade e efemeridade de relações.

O disfarce serve para nos proteger contra os inimigos, uma vez que sempre teríamos do que nos proteger, em um mundo de constante produção. Mundo este, que coloca cada ser

humano isolado, um do outro, em favor de um movimento sempre a postos para a produção? Herrmann (1999) nos comunica que além dessa proteção, o disfarce “é um retorno disfarçado à fonte de formação da identidade.”(p.162) Assim, o disfarce repete o mesmo processo vivido na construção inicial do eu. Não obstante, o ato de disfarçar-se está mais próximo do sujeito que a identidade comum, cotidiana, a qual é sempre parcial em relação às suas possibilidades. O referido autor inquieta-se quando nos traz tais informações e continua nesse processo ao colocar mais questões relativas a esse modelo existente nos seres humanos:

O disfarce, embora assinale um eu divergente daquele que creio ter, não apenas revela muito mais de mim para mim, como principalmente revela o essencial: que meu eu é uma criação de mentira, é uma máscara inventada, cuja invenção seja quem sabe a obra principal de minha vida, pelo menos aquela a que dedico maior esforço, com certeza. (Herrmann, 1999, p. 162)

Desse modo, quando o eu se coloca no ato de disfarçar está bem próximo de sua possibilidade de criar na mentira, ato inicial de sua constituição. Sendo assim, esse é um processo em que ser humano deixa de lado um disfarce já cristalizado em seu cotidiano e cria algo novo, que o potencializa como humano novamente. Bem, a cada dia, podemos criar disfarces novos nas ruas. Assim, qual a diferença desses disfarces dentro do *Orkut*?

Algumas ações podem ser pensadas nesse instante. Como lidar com esses disfarces em nosso dia a dia? Teríamos que denunciar tal ação junto à sociedade ou simplesmente nos apropriarmos desse disfarce e lidar com ele? Se lembrarmos que tal disfarce é fundamental no teatro, encontramos nele atores que se relacionam com os personagens em cena, sejam eles os mais variados possíveis. É essa a mesma lógica contemporânea? “O movimento que conduz do estado de não sabido ao reconhecimento é administrado preciosamente no teatro, formando base estética de grande parte da fruição que este nos traz: o suspense, a revelação e o desenlace.”(Herrmann, 1999, p. 174)

Dentro do teatro contemporâneo, essa parece ser a lógica empregada no dia-a-dia das relações interpessoais. Um lugar em que, por mais insustentável que seja, o chapeuzinho

vermelho encontra o lobo disfarçado de vovó, acabamos pela concentração de energia no processo que perdura por alguns instantes até o conhecimento da real identidade do lobo. “É a convicção na realidade dos fatos encadeados pelo campo do disfarce/revelação. A suspensão de um disfarce equivale ao mais peremptório de quantos recursos o juízo da realidade possa lançar mão para assegurar-se” (Herrmann, 1999, p. 178). Duas perguntas: esse mesmo padrão se faz presente na contemporaneidade ou temos uma maior dificuldade nessa descoberta? Alguns disfarces perduram até o seu abandono sem que tenham sido des-cobertos?

A identidade se cria a perduração do tempo. Dessa maneira, implica a igualdade no tempo e mesmidade. Possui identidade aquilo ou aquele que se mantém idêntico a si próprio por um tempo razoável. A mesmidade é uma preciosa característica humana, apesar de ser fatalmente ilusória. (Herrmann, 1999, p. 182)

A lógica empregada nesse pressuposto tem na mesmidade a possibilidade de se julgar o outro por tal comportamento. É, também, na educação que se configura a possibilidade de se criar um ser humano na mesmidade. Não obstante, à contemporaneidade prevalece a constituição de identidade cada vez mais cambiantes. O que muda com essa atual configuração? Sabemos que o disfarce não é algo novo na constituição das relações, mas temos, na atualidade, questões relativas às inúmeras possibilidades de disfarce perdurando como regulador de relações.

O disfarce é entendido como “encarnação representativa do desejo, possivelmente de elementos do desejo quase conscientes, próximos da admissão no núcleo representacional dominante, porém excluídos por serem discrepantes” (Herrmann, 1999, p. 188). Mas o disfarce dá seu jeito durante esse processo e coloca-se na possibilidade de uma festa a fantasia. É nesse momento que, excluída a mesmidade do eu, o ato de disfarçar-se “não apenas liberta a obsessiva obrigação de igualar-se ao eu (mesmidade), como também, ao redisfarçar o desejo, aumenta a sensação de controle sobre as representações psíquicas e satisfaz setores excluídos do desejo.”(Herrmann, 1999, p. 188)

A contemporaneidade nos elucida tal processo quando da necessidade de fundo sempre presente da insinceridade social. De igual modo, temos no ato de disfarçar as possibilidades de habitar o mundo contemporâneo, lugar de constante produção e que mascara, a cada dia, a angústia humana em favor de uma postura de semblante frente aos outros habitantes. “É obrigatório disfarçar em nossas relações sociais, e o disfarçar acaba por se converter em disfarçar-se, quando se repete dia após dia.” (Herrmann, 1999, p. 188)

A indústria cultural pode ser pensada como possibilidade de disfarce. É ela quem, a cada dia, nos convida à supremacia da imagem, a bela imagem veiculada no contemporâneo de relações. Assim como na propaganda, os seres humanos parecem estar em condição de venda. Dito de outro modo, o que tem regulado as relações interpessoais é a venda do ser humano realizada por ele mesmo, sendo esse, seu próprio agente publicitário. Nesse sentido “seu pressuposto ético é o de que todos os outros mentem também; isto é, combina hipocrisia com cinismo na dose precisa” (Herrmann, 1999, p. 191). Destarte, nasceu de um consentimento para com os direitos de imagem, respresentando assim, o que é “sabidamente falso, porém com limites de admissibilidade mais ou menos escritos e dentro de um contexto reservado”. (Herrmann, 1999, p. 191)

Nossas adolescentes fazem parte desse mundo. A conectada, a renascentista ou *a freira às avessas* habitam o mesmo mundo, tornando-se possibilidades de existência. A cada disfarce, conhecemos um pouco sobre elas mesmas. Cabe ao analista tal função, uma vez que ele é o grande interessado em agir desse modo. Ao mundo, cabe outra ação, o suspense-espera-revelação do disfarce no tempo escolhido pelo a(u)tor. E quais razões para esse ou aquele disfarce?

Acreditamos que o mundo dá essa resposta, na necessidade crescente de inserção no mundo tecnológico, uma vez que o “resistente-atrasado”, muitas vezes, fica fora da festa

contemporânea. Porém, cabe a nós a escolha de se entregar totalmente ou não ao cafetão³³ da sagrada imagem da atualidade. Quando entendemos a lógica presente na ação proposta pela tecnologia, em especial no *orkut*, podemos divulgar o que quisermos na rede de contatos. Não há dúvidas que escolhemos bem quais fotos se destacam em nosso disfarce, quais depoimentos devem ser aceitos, e quais rejeitados. Não obstante, podemos reduzir danos de visibilidade se assim desejarmos. Quando do momento de impedir que todos vejam nossas fotos, deixando somente para os amigos escolhidos; quando da compra de um aparelho celular mais barato, em favor de utilizar o restante do dinheiro em outra finalidade; assim como quando da compra do “mp3 baratinho na catedral do consumo”, deixando o *ipod* em segundo plano. Parecem ser, essas, algumas ações que nos fazem rir do mundo e lidar com ele por um outro ângulo. Cabe, a nós, escolhas: nos vender por uma aparição de 5 minutos na tv, ser famoso no *orkut* ou guardar algumas moedas para outros investimentos.

O disfarce se faz nas possibilidades de escolhermos ser pierrot, arlequim ou colombina, ou na possibilidade de sermos todos os três personagens co-habitando o mesmo espaço, como Frederica. E se olharmos para ela podemos recuperar um trecho muito conhecido de conto de fadas: Espelho, espelho meu, existe alguém mais disfarçada do que eu? Assim, Frederica se torna fluida, a postos e transitando pelo mundo. Quando nossa adolescente se encontrar, será, ela, próxima de Frederica? Talvez, o que esteja em ponto de tensão para nossa primeira adolescente é angústia de não conseguir sempre se tonrar o que o outro deseja. Ela parece se colocar a postos mas com algum grau de dificuldade. Já Frederica, é a atriz contemporânea, a colombina que pode ser chapeuzinho vermelho ou até mesmo Hobin Wood. Personagens de um disfarce contemporâneo. E Adelina? Qual seu papel no mundo? Ela pede para ir ao Rio de Janeiro, ser a atriz que não precisa ser magra e alta, mas que habita esse mesmo mundo. Com falas significativas, Adelina vai à América, conhecerá alguns países, ficará a postos em uma

³³ O termo cafetão foi retirado do texto: O ocaso da vítima. A criação se livra do cafetão e se junta com resistência (2003), de Sueli Belinha Rolnik

viagem do tipo *mochilão* contemporâneo. Será uma atriz de poucos papéis, porém significativos. Será lembrada? Talvez somente por alguns. E que nome daremos à nossa primeira adolescente? Lembremos, que ao fim desse texto, ela ainda não foi batizada. Será esquecida? Cabe ao leitor dar a ela um nome, uma identidade a que ela tanto busca.

Ao final, retomemos um pouco a questão da internet e da tecnologia em geral. Seria essa tecnologia um vilão contemporâneo? Frederica nos respondeu essa questão prontamente. “A globalização tem seus pontos ruins, mas tem seus pontos bons. Você consegue ter uma amplitude de relacionamentos, de trocar idéias, de fazer projetos, de pesquisar... isso tudo é graças a ela.” Portanto, concordamos com ela em não podermos retornar ao passado de modo a esquecer os avanços tecnológicos apreendidos. Não obstante, teremos outra forma de resistência? Frederica, com suas táticas, nos responde novamente e coloca que, “a globalização não é um grande monstro, ela pode ser um monstro mansinho que você pode usar e fazer dele um parceiro.” É, essa, a forma de resistência possível? Quais os tipos de parceria podemos fazer nesse momento? Acreditamos no poder gerado pela tecnologia e pelas possibilidades de usá-la como recurso que nos dará mudanças. Frederica e Adelina acreditam nesse processo de forma diferente. E nossa primeira adolescente? Talvez ela conquiste um nome e com ele, consiga acreditar e se angustiar menos com esse processo que está marcado em nosso corpo-território.

9. Referências Bibliográficas:

Barone, L.M.C. (2002). O Psicanalista: hoje e amanhã. (ORG). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Baudrillard, Jean (1997)– *Simulacros e Simulação*. Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1991.
- *Tela Total – Mito-Ironias da Era do Virtual e da Imagem*. Porto Alegre.

Bauman, Z. (1997). O mal estar na pós modernidade. Rio de Janeiro: Jorge zahar.

Bauman, Z. (2004). Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Birman, J. Adolescência sem fim? Peripécias do sujeito num mundo pós-edipiano. In: Marta Rezende Cardoso e François Marty. (Org.). *Destino da Adolescência*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008, v. , p. 81-105.

Birman, J. (2004). Fraternidades, seus destinos e impasses. In Peixoto Júnior, C.A. (org). *Formas de subjetivação*. 1º Ed. Rio de Janeiro: Contra Capa livraria.

Bock, A. M. B. (2001). *Aventuras do Barão de Munchhausen na Psicologia*. São Paulo: EDUC e Cortez Ed.

Bock, A. M. B. (1998). Discutindo a concepção de adolescência. *RE-criação*, 3(1), 57-60.

Bruno, F. & Pedro, R. (2004). Entre o Ser e o Parecer: tecnologia, espetáculos e subjetividade contemporânea. Intexto, 2004/2. Recuperado em 13 fev. 2006, do endereço: www.intexto.ufrgs.br/n11/a-n11a9.html.

Calligaris, C. (2000). A adolescência. Coleção Folha Explica. São Paulo: PUBLIFOLHA.

Cocchiarale, Fernando & Anna Bella Geiger (1987) - Abstracionismo geométrico e informal. A vanguarda brasileira nos anos cinquenta, Rio de Janeiro, -Fundação

Nacional de Arte, 2004.

Damisch, Hubert – Oito teses a favor ou contra? Uma semiologia na pintura – Conferência apresentada no Primeiro Congresso Internacional de Semiótica, Milão, 2/6 de junho 1974

Debord, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

Erickson, E. (1976). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. 21 PP.81-171). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930)

Giddens, A. (1991) As consequências da modernidade. São Paulo: Unesp.

Herrmann, F. (1993). Clínica Psicanalítica: a arte da interpretação. 2ª ed. São Paulo: editora brasiliense

_____. (1999). O que é Psicanálise: para iniciantes ou não... São Paulo: Psychê, 13ª Ed.

_____. (1999a). A Psique e o Eu. São Paulo: HePsychê.

_____. (2001). Introdução a Teoria dos Campos. São Paulo: Casa do Psicólogo

_____. (2001a). Andaimes do Real: Psicanálise do cotidiano. 3ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo

_____. (2004). Apesar dos pesares – uma breve contribuição ao estudo da obesidade. Trabalho apresentado na II Jornada Psicanalítica sobre Transtornos Alimentares, Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, São Paulo/SP.

Herrmann, F. & Lowenkron, T. (2004). Pesquisando com o Método Psicanalítico. São Paulo: Casa do Psicólogo

Lévy, Pierre – O Que É O Virtual?. São Paulo, Editora 34, 1996.

- Lipovetsky, G & Charles, S. (2004). Os tempos hipermodernos. São Paulo: Barcarola
- Lino Silva, M.E. (1993) Uma aventura: a tese psicanalítica (entrevista com Fábio Herrmann). In: Herrmann, F. (org) *Investigação e Psicanálise*. 1ª ed. Campinas: Papirus.
- Maia, M. S. (2004) A maquina de expressão: corpo, subjetivação e clínica psicanalítica. In Peixoto Júnior, C.A. (org). *Formas de subjetivação*. 1º Ed. Rio de Janeiro: Contra Capa livraria.
- Pelbart, Peter Pål. (2002) Biopolítica e biopotência no coração do império. In Gadelha, S.; Lins, D. (orgs.), *Nietzsche e Deleuze : Que pode o corpo?* (pp.251-260). Rio de Janeiro: Relume Dumará
- Rolnik, S. (1997) Toxicômanos de Identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: Lins, D. (Org.). *Cultura e subjetividade: saberes nômades*. Campinas: Papirus.
- Romera, M. L. C. (2004). Método psicanalítico: o verso e o reverso da ocupação de um lugar. In: *Pesquisando com o Método Psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- ROMERA, M.L.C e TORRECILLAS, F.G. (1998). Bloco da solidão: a angústia no desamparo. *Alter- Jornal de Estudos Psicodinâmicos*, vol XIX, n.2.
- Safatle, W. O que vem após a imagem de si? os casos Cindy Sherman e Jeff Koons. Artigo recuperado em 01 dez. 2007, do endereço : <http://www.geocities.com/vladimirsafatle/vladi108.htm>
- Safatle. W. Certas metamorfoses de sedução: destruição e reconfiguração do corpo na publicidade mundial dos anos 90. www.geocities.com/vladimirsafatle/vladi109.htm (visitado em 23/10/2007)
- Safatle. W. Sobre um riso que não reconcilia: ironia e certos modos de funcionamento da ideologia. <http://www.geocities.com/vladimirsafatle/vladi094.htm> (visitado em 25/11/2007)

Vigarello, Georges.(1995) Panóplias corretoras. In Sant'Anna; Bernuzzi, D. (Org.), Políticas do corpo (pp. 21-38). São Paulo: Estação Liberdade.

Sites pesquisados na Internet:

www.orkut.com.br (visitado ao longo da pesquisa)

http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Gloria_Georgina_Seddon3.pdf
(consultado em setembro de 2008)

<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm> (consultado em setembro de 2008)

ANEXO A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “As inter-relações na adolescência: Impasses de uma virtualidade contemporânea”, sob a responsabilidade do pesquisador José Alberto Roza Júnior, mestrando no curso de Pós-Graduação em Psicologia Aplicada da Universidade Federal de Uberlândia, orientado pela Prof^a. Dra. Maria Lúcia Castilho Romera.

A pesquisa consiste em disponibilizar dados para compreender a qualidade de relação estabelecida por adolescentes no mundo atual. A entrevista será realizada em local escolhido pelo adolescente na cidade de Uberlândia, com duração de aproximadamente 60 minutos. Não será permitida a permanência de outras pessoas além do entrevistado e do pesquisador durante a entrevista, bem como o uso de bebida alcoólica durante a mesma. Os custos de permanência do adolescente no local, bem como compras de produtos diversos, se houver, serão custeados pelo próprio adolescente. Caso o adolescente necessite de transporte para ir ao local da entrevista o ressarcimento será na entrevista com a disponibilização de passe de ônibus.

Os dados obtidos durante a entrevista e a visitação do link no Orkut poderão ser utilizados em congressos, mesas-redondas, palestras, cursos, livros e dissertação do pesquisador. As entrevistas serão salvas no computador do pesquisador e gravadas, e a destruição das mesmas acontecerá após o término da pesquisa. Não obstante **será omitido qualquer dado que identifique o adolescente pesquisado**, de acordo com as normas do comitê de ética em pesquisa.

Qualquer esclarecimento será dado ao adolescente e aos responsáveis a qualquer momento da pesquisa pelo pesquisador bem como, pelo comitê de ética em pesquisa e pelo Programa de pós-graduação da UFU. Durante toda a pesquisa o adolescente poderá pedir seu afastamento sem penalizações.

Eu, _____, aceito voluntariamente participar da presente pesquisa. Fui esclarecido (a) de que minha participação pode auxiliar o pesquisador a compreender melhor a qualidade de relação que é estabelecida por adolescentes no mundo atual. Recebi cópia deste termo de consentimento, compreendi os esclarecimentos feitos e concordo com os tópicos acima.

-Assinatura do participante: _____

-Assinatura do pesquisador responsável: _____

-Local e data: _____

Contato:

Professora orientadora: Dra. Maria Lúcia Castilho Romera

Mestrando: José Alberto Roza Júnior

- Instituto de Psicologia – Universidade Federal de Uberlândia – UFU Av. Pará, sem nº , Bloco 2C, sala 46, Campus Umuarama Telefone: 3218 2701 – 3218 2235
- Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFU - Av. João Naves de Ávila, 2121, bloco J, Campus Santa Mônica
Telefone: 3239 4531